

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Cristian Lopez Gomes

IMPRESSO ESCOLAR *ECOS JUVENIS*: Disposições de classe e gênero na formação de estudantes secundaristas no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em Campo Grande – sul do antigo Mato Grosso (1936-1951)

Campo Grande, MS

2023

CRISTIAN LOPEZ GOMES

IMPRESSO ESCOLAR *ECOS JUVENIS*: Disposições de classe e gênero na formação de estudantes secundaristas no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em Campo Grande – sul do antigo Mato Grosso (1936-1951)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Faculdade de Educação, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação

Área de concentração: Educação

Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Sociedade. Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia e Sociologia da Educação

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Jacira Helena do Valle Pereira Assis

Campo Grande, MS

2023

Gomes, Cristian Lopez.

Impresso escolar Ecos Juvenis: Disposições de classe e gênero na formação de estudantes secundaristas no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em Campo Grande – sul do antigo Mato Grosso (1936-1951)./Cristian Lopez Gomes. – 2023.

Dissertação (Pós – Graduação em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campo Grande, 2023.

Orientadora: Jacira Helena do Valle Pereira Assis

1. Impressos escolares. 2. imprensa escolar. 3. habitus. 4. educação secundária 5. Ecos Juvenis. I. Gomes, Cristian Lopez. II. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Campo Grande. III. Impresso escolar Ecos Juvenis: Disposições de classe e gênero na formação de estudantes secundaristas no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em Campo Grande – sul do antigo Mato Grosso (1936-1951)

Cristian Lopez Gomes

O IMPRESSO ESCOLAR *ECOS JUVENIS*: Disposições de classe e gênero na formação de estudantes secundaristas no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em Campo Grande – sul do antigo Mato Grosso (1936-1951)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – *campus* de Campo Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação

Campo Grande, MS, 15, de dezembro, de 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Jacira Helena do Valle Pereira Assis (Presidente)
Faculdade de Educação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dra. Kênia Hilda Moreira (Membro titular)
Faculdade de Educação
Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Marcos Paulo da Silva (Membro titular)
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Antônio Carlos do Nascimento Osório (Membro suplente)
Faculdade de Educação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Esse trabalho é dedicado a todas as mulheres do passado, do presente e do futuro.

AGRADECIMENTOS

Considero um desafio fazer os agradecimentos de um processo em que houve tantos envolvidos, mas estou aqui para esse exercício de reconhecimento a tantas pessoas que me auxiliaram nesse processo árduo de ser pesquisador.

Elenco primeiramente que ser pesquisador tem sido um desafio neste período histórico - como diria minha querida professora Maria Dilnéia, “tempos irritantes” -, no qual houve diversos discursos conspiracionistas, reacionários e negacionistas, porém, ainda em face desse cenário, considero que o exercício de enfrentamento é basilar e compreendo que a coragem para se produzir ciência desmobiliza esses discursos.

Gostaria de iniciar os agradecimentos às minhas queridas professoras, que de forma majestosa me proporcionaram olhar para além da aparência e observar a essência. Consequentemente, pude olhar com criticidade para as diversas contradições em torno da sociedade.

Agradeço à minha querida orientadora, Jacira Helena do Valle Pereira Assis! Tive a felicidade de conhecê-la no primeiro ano da graduação em Pedagogia na disciplina de Sociologia da Educação, a qual me proporcionou uma série de reflexões sobre a sociedade capitalista. Logo no próximo semestre, na disciplina de Antropologia da Educação, coordenada também pela professora Jacira, compreendi um conceito tão caro à formação de professores: alteridade! No final do primeiro ano da graduação em Pedagogia percebi que não teria mais disciplinas com a professora Jacira e me desesperei, pois não poderia deixar de ser aluno dessa professora incrível. Nesse sentido, “corri” para conversar com a professora para entrar em seu grupo de pesquisa e ela de prontidão me recebeu no Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociologia e Antropologia da Educação (GEPASE), e, me apresentou teoricamente ao Pierre Bourdieu. Na graduação, desde a monitoria à escrita de artigos científicos e no Trabalho de Conclusão de Curso, a professora Jacira sempre conduziu suas orientações com humanização e respeito. Além disso, trouxe desafios que fomentaram meu desejo de ser pesquisador.

Quando entrei no mestrado e no percurso de escrita da dissertação, percebi que tive uma “sorte dupla” em ter uma orientadora e uma amizade, que sempre me acolheu, aconselhou e conduzia os trabalhos com maestria. Posso afirmar com convicção que acredito

que docentes podem mudar trajetórias, pois a professora Jacira mudou a minha. Professora, eu te agradeço profundamente por tudo! Amo ser seu aluno e amigo!

Também agradeço à querida Professora Fabiany de Cássia Tavares Silva! Minha professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, agradeço pelos ensinamentos referentes a teoria bourdieusiana e também pelas discussões em torno da historiografia regional. Agradeço pelo investimento em mim, sendo traduzido pela doação de diversos livros! Muito obrigado, professora! A senhora também mora em meu coração!

Menciono e agradeço à professora Solange Jarcem Fernandes, que desde a graduação ensinou que devemos defender a perspectiva de uma educação pública democrática e que me proporcionou conhecer um teórico tão caro aos estudos sobre a educação pública brasileira: Vitor Paro! Professora, muito obrigado pelas trocas e acolhimento! Tenho muita admiração pela senhora!

Agradeço a outra professora incrível que tive: a professora Maria Dilnéia Espíndola Fernandes, que me parabenizou ao entrar no mestrado e foi imprescindível para eu não desistir das aulas online no período pandêmico. Professora, a senhora representa para mim um compromisso político com a educação que os docentes devem ter e também uma alegria intensa, ainda em face das difíceis condições materiais.

Agradeço aos membros da banca: professora Kênia Hilda Moreira e Marcos Paulo da Silva, pelas valiosas contribuições ao trabalho. Sem dúvidas, essas contribuições incidiram em diversos elementos de discussão para a pesquisa.

Não posso deixar de agradecer a Deus, pois creio que o Senhor me conduziu em todo o processo da escrita desse trabalho e me deu forças. Como disse Gal Costa em uma entrevista: “Eu acho que precisamos de fé. É o que dá força.”. Nesse sentido, creio que o Senhor me deu forças, principalmente nos dias em que eu estava cansado.

Agradeço à minha família: minha querida avó Neli Vicenta Arroyo Gomes (*in memoriam*), de quem sinto muita falta, porém guardo em minhas memórias seu sorriso, conselhos, histórias e ensinamentos; minha mãe, Silvia Beatriz Romero Lopez Gomes, a quem vejo sempre como uma mulher de força que ainda em face das múltiplas jornadas de trabalho da mulher sempre me dava conselhos e atenção; meu pai; Luiz Francisco Arroyo Gomes, que me ensinou desde a infância a importância dos estudos, comprando livros em toda a minha trajetória; minha irmã, Nicolý Lopez Gomes, que ao longo de toda a minha

educação básica me ensinou sobre os diversos conteúdos e no mestrado de prontidão me ouvia relatar sobre os desafios da pós-graduação. Eu amo todos vocês!

Agradeço às queridas colegas do GEPASE! Em especial, agradeço às pesquisadoras da temática dos “salesianos”, das quais estive mais próximo nos últimos anos: Heloise Vargas de Andrade, que desde a graduação me ensinou sobre a temática dos “salesianos”, escreveu textos comigo e socializou diversas fontes; Jéssica Lima Urbietta, que me apresentou a temática de impressos escolares e recomendou diversas leituras sobre; Loren Katiuscia Paiva da Silva, que me encorajou e me recomendou a frequência ao GEPASE; Roselaine Alves Olmo, minha colega de mestrado, orientação e grupo de pesquisa, que sempre me ouvia e cativava a continuar a pesquisar; e Cintia Medeiros Robles Aguiar, que me encorajou a entrar no mestrado e trilhar o caminho da pesquisa. Na prática científica, vocês todas representam exemplaridade! Sou grato a todas vocês!

Agradeço à minha querida colega de mestrado Danielli Araujo Jarcem! Sempre compartilhamos os desafios da pós-graduação e foi imprescindível essa troca, pois percebo que dava forças para continuarmos o percurso da escrita da dissertação!

Agradeço à Bárbara Rodrigues Costa! Minha amiga desde o período do ensino médio, sempre me aconselhou e me abraçou nos momentos difíceis! Tenho profunda admiração por você!

Agradeço aos meus amigos da Igreja Sara Nossa Terra Sede: Dallyane Dias, Gabriel Maidana, Luiza Nunes e Jhonatan de Araujo! Vivenciar a fé em sua maior plenitude com vocês foi imprescindível para me dar forças na escrita dessa dissertação! Amo vocês e os tenho como irmãos!

E por fim, meus agradecimentos à CAPES, pelo financiamento de mais uma pesquisa de mestrado no campo da educação a partir da concessão da bolsa de estudos, proporcionando diversas condições e oportunidades basilares para minha formação pessoal e profissional. Viva a ciência!

[...] é preciso reconstruir a história do trabalho histórico de deshistoricização, ou, se assim preferirem, a história da (re)criação continuada das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina, que se realiza permanentemente, desde que existem homens e mulheres, e através da qual a ordem masculina se vê continuamente reproduzida através dos tempos. Em outros termos, uma "história das mulheres", que faz aparecer, mesmo à sua revelia, uma grande parte de constância, de permanência, se quiser ser consequente, tem que dar lugar, e sem dúvida o primeiro lugar, à história dos agentes e das instituições que concorrem permanentemente para garantir essas permanências, ou seja, Igreja, Estado, Escola etc., cujo peso relativo e funções podem ser diferentes, nas diferentes épocas. (BOURDIEU, 2014, p. 100-101).

RESUMO

O trabalho se insere na linha de pesquisa “Educação, Cultura, Sociedade” ligada ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia e Sociologia da Educação – GEPASE, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. A presente dissertação tem por fonte principal o impresso escolar *Ecos Juvenis*, vinculado ao Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, localizado em Campo Grande, sul do antigo Mato Grosso, no período de 1936 a 1951. O recorte temporal da pesquisa foi proposto a partir do grupo de impressos mobilizados. A problemática central é compreender se o referido impresso escolar era um dispositivo utilizado para a manutenção e a conservação de um *habitus* de classe e gênero das estudantes secundaristas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, no período supramencionado. Nesse sentido, elencam-se dois objetivos, a saber: a) Identificar, caracterizar e analisar elementos que auxiliem a historicizar o impresso escolar *Ecos Juvenis*; e b) Fazer uma aproximação à *illusio* do subcampo da imprensa escolar para que se possa compreender a lógica do jogo, na perspectiva de moldar um *habitus* de classe e de gênero no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, nos anos de 1936 a 1951. Utiliza-se uma perspectiva histórica vinculada à Nova História Cultural, com o referente teórico Roger Chartier; e sociológica, vinculada à Pierre Bourdieu. Mobiliza-se no percurso o cruzamento de fontes, quais sejam: impressos escolares, revistas, jornais, documentos escolares, obras memorialísticas e produções acadêmicas. Como resultados, aponta-se que, ao realizar uma aproximação à *illusio* do subcampo da imprensa escolar salesiana, na perspectiva de moldar um *habitus* de classe, observa-se que essa imprensa era um espaço propício para o acúmulo de capital cultural, social e religioso, ou seja, um espaço social de refinamento cultural, com foco em: uma escrita erudita para o impresso; acumulação de conhecimentos humanísticos e religiosos; incentivo aos concursos literários e às missões; e divulgação das vencedoras dessas atividades. Em relação à *illusio* do subcampo da imprensa escolar salesiana, na perspectiva de moldar um *habitus* de gênero, compreende-se que havia diversos enunciados performativos referentes a alguns papéis, conhecimentos e adjetivações, os quais eram tidos como características legítimas para as mulheres: mãe, esposa, religiosa, dona de casa, “pura”, “decente”, “magra”, que possuíam potencialidade para serem imitados tendo em vista que estavam em consonância com a lógica hegemônica de ser mulher, sendo alguns discursos proferidos pelas professoras, que possuíam em torno de si uma crença de autoridade. Considera-se que a *illusio* que movimentava as estudantes secundaristas na imprensa escolar era bem fundamentada, pois era acoplada a todo o trabalho da instituição escolar em inculcar diversos elementos de distinção social e de submissão da mulher, também na perspectiva de que as alunas ansiavam em ver seus textos no impresso. Em síntese, reconhece-se que o *Ecos juvenis* era um dispositivo que incidia em elementos de distinção social e também de dominação masculina, fato que se considerou como parte de um jogo no campo do impresso, pois as alunas secundaristas e professoras contribuíam com a dominação simbólica masculina na perspectiva de classificação dos “tipos” de mulheres, porém, ao mesmo tempo, essas estudantes eram “subservientes” à dominação simbólica masculina no sentido de que havia uma coerção social de uma série de papéis, conhecimentos e adjetivações que as alunas deveriam possuir.

Palavras-chave: Impressos escolares. Imprensa escolar. Habitus. Educação secundária. *Ecos Juvenis*.

ABSTRACT

The work is part of the "Education, Culture, Society" line of research linked to the Group of Studies and Research in Anthropology and Sociology of Education - GEPASE, of the Postgraduate Program in Education, Faculty of Education, Federal University of Mato Grosso do Sul - UFMS. The main source of this dissertation is the school newspaper *Ecos Juvenis*, linked to the Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, located in Campo Grande, in the south of the former Mato Grosso, between 1936 and 1951. The time frame of the research was proposed on the basis of the group of printed materials mobilized. The central problem is to understand whether the school press was a device used to maintain and preserve the class and gender habitus of the female students at Colégio Nossa Senhora Auxiliadora in the period mentioned above. In this sense, we have two objectives: a) To identify, characterize and analyse elements that help historicize the school newspaper *Ecos Juvenis*; and b) To approach the *illusio* of the subfield of the school press in order to understand the logic of the game, from the perspective of shaping a class and gender habitus at Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, between 1936 and 1951. It uses a historical perspective linked to the New Cultural History, with the theoretical reference Roger Chartier; and sociological, linked to Pierre Bourdieu. The cross-referencing of sources is mobilized along the way, namely: school presses, magazines, newspapers, school documents, memorial works and academic productions. The results show that, when approaching the *illusio* of the subfield of the Salesian school press, from the perspective of shaping a class habitus, it is observed that this press was a favorable space for the accumulation of cultural, social and religious capital, that is, a social space for cultural refinement, with a focus on: erudite writing for print; accumulation of humanistic and religious knowledge; encouraging literary competitions and missions; and publicizing the winners of these activities. With regard to the *illusio* of the subfield of the Salesian school press, from the perspective of shaping a gender habitus, it is understood that there were various performative statements referring to certain roles, knowledge and adjectives, which were seen as legitimate characteristics for women: mother, wife, nun, housewife, "pure", "decent", "slim", which had the potential to be imitated given that they were in line with the hegemonic logic of being a woman, and some of these discourses were uttered by female teachers, who had a belief of authority around them. We believe that the *illusio* that moved secondary school students in the school press was well-founded, because it was coupled with all the work of the school institution to instill various elements of social distinction and submission of women, also from the perspective that the students wanted to see their texts in print. In summary, we recognize that *Ecos Juvenis* was a device that had an impact on elements of social distinction and also male domination, a fact that was considered as part of a game in the field the paper, since the female students and teachers contributed to male symbolic domination from the perspective of classifying the "types" of women, but at the same time, these students were "subservient" to male symbolic domination in the sense that there was a social coercion of a series of roles, knowledge and adjectives that the students should possess.

Key-words: School printouts. School press. Habitus. Secondary education. *Ecos Juvenis*.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – <i>Strings</i> utilizadas para a Revisão Sistemática nas bases de dados.....	40
Quadro 2 – Características das produções selecionadas.....	43
Quadro 3 – Condições materiais dos impressos escolares.....	50
Quadro 4 – Exemplares localizados do <i>Ecos Juvenis</i>	61
Quadro 5 – Coleta das fontes.....	63
Quadro 6 – Comparativo da organização do ensino secundário nas reformas educacionais - Campos (1931) e Capanema (1942).....	71
Quadro 7 – Conteúdos da disciplina de economia doméstica.....	76
Quadro 8 – Capa dos impressos.....	99
Quadro 9 – Iconografias do <i>Ecos Juvenis</i>	103
Quadro 10 – Periodicidade do <i>Ecos Juvenis</i>	110
Quadro 11 – Agrupamento das seções do <i>Ecos Juvenis</i>	112
Quadro 12 – Núcleos temáticos.....	116
Quadro 13 – Composição e organização do Grêmio Literário Dom Aquino Corrêa (1935 - 1951).....	124
Quadro 14 – Membros do Grêmio Literário Dom Aquino Corrêa, 1939.....	125
Quadro 15 – Membros do Grêmio Literário Dom Aquino Corrêa, 1946.....	125
Quadro 16 – Membros do Grêmio Literário Dom Aquino Corrêa, 1947.....	126
Quadro 17 – Concursos literários localizados.....	137
Quadro 18 – <i>Ecos Juvenis</i> e a Educação da mulher.....	140

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Formulário de extração de dados na plataforma Parsifal.....	45
Figura 2 – Agrupamento dos exemplares do Ecos Juvenis na Biblioteca da UCDB.....	59
Figura 3 – Máquina de Microfilme do CRD-UFGD.....	61
Figura 4 – Relatório de proposição ao ensino secundário, 1936.....	80
Figura 5 – Esboço Arquitetônico do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.....	85
Figura 6 – Esboço da fachada do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.....	86
Figura 7 – Construção do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.....	87
Figura 8 – Dom Aquino Corrêa na capela do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.....	89
Figura 9 – Datas comemorativas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.....	91
Figura 10 – Capa e contracapa do impresso.....	92
Figura 11 – Divulgação do Ecos Juvenis no periódico Anuário Campo-grandense.....	93
Figura 12 – Divulgação no Jornal O estado de Mato Grosso.....	93
Figura 13 – Orgão das alunas dos Colégios das FMA da Inspetoria de Mato Grosso.....	95
Figura 14 – Capas do Ecos Juvenis.....	100
Figura 15 – Iconografias de Maria no Ecos Juvenis.....	105
Figura 16 – Divulgação do Colégio no Ecos Juvenis.....	115
Figura 17 – Classificação das alunas no Ecos Juvenis.....	129
Figura 18 – Vencedoras de concurso literário no Ecos Juvenis.....	138
Figura 19 – Alunas ginásianas costurando.....	145
Figura 20 – O “gosto” pelas flores no Ecos Juvenis.....	154

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Produções selecionadas nas bases de dados.....	42
Gráfico 2 – Teóricos mobilizados nas produções selecionadas	46
Gráfico 3 – Etapas de ensino identificadas nas produções acadêmicas.....	48
Gráfico 4 – Público-alvo das instituições em que havia imprensa escolar identificadas nas produções científicas	49
Gráfico 5 – Regiões do país com imprensa escolar na década de 1930 a 1950 - identificadas nas produções acadêmicas.....	56

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: ITNERÁRIOS DAS TRAJETÓRIAS DO PESQUISADOR E DA PESQUISA.....	16
1 INTRODUÇÃO.....	22
1.1 Operar com Pierre Bourdieu e Roger Chartier no estudo com impressos escolares	26
1.2 Revisão sistemática: em investigação a imprensa escolar	36
1.2.1 A revisão sistemática sobre impressos escolares: produção de um protocolo para condução	38
1.2.2 Extração e análise dos dados da revisão sistemática sobre impressos escolares: âmbito nacional e regional	42
1.3 As fontes da pesquisa e os arquivos.....	58
1.4 Considerações sobre a estrutura da Dissertação.....	65
2 IMPRENSA ESCOLAR E EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA (1936-1951)	67
2.1 Elementos universais da educação secundária: em foco a formação feminina e a imprensa escolar	68
2.2 O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e o impresso escolar <i>Ecos Juvenis</i> : em foco a trajetória da instituição e do impresso escolar	84
2.3 De olho na fonte: em estudo a materialidade do impresso escolar <i>Ecos Juvenis</i>	99
2.4 Temáticas centrais: entre as seções e conteúdos do impresso escolar <i>Ecos Juvenis</i>	112
3 O SUBCAMPO DA IMPRENSA ESCOLAR: EM QUESTÃO AS DISPOSIÇÕES DOS HABITUS NO IMPRESSO ESCOLAR <i>ECOS JUVENIS</i>.....	124
3.1 Subcampo e <i>illusio</i> : a imprensa escolar como dispositivo de refinamento cultural	124
3.2 Subcampo e <i>illusio</i> : disposições de gênero no impresso escolar <i>Ecos Juvenis</i>	140
À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	160
REFERÊNCIAS.....	167

APRESENTAÇÃO: ITINERÁRIOS DAS TRAJETÓRIAS DO PESQUISADOR E DA PESQUISA

As notas relacionadas à apresentação desta dissertação estão ligadas às minhas¹ vivências no campo acadêmico. Nesta subseção, reúno os principais episódios e sínteses do meu itinerário pessoal no campo da pesquisa que resultaram na construção da dissertação e do meu processo de formação enquanto pesquisador.

O interesse por essa temática surgiu no ano de 2019, no meu segundo ano de graduação em Pedagogia, no qual iniciei minha participação em reuniões quinzenais no Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia e Sociologia da Educação (GEPASE/CNPq/UFMS), da Faculdade de Educação (FAED), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). No grupo desenvolviam-se estudos no campo da História da Educação e Sociologia da Educação, tendo como base o referencial teórico de Pierre Bourdieu.

No ano de 2019, tornei-me monitor² da disciplina de “Educação e Antropologia”, no qual

As atividades da monitoria propiciaram acumulação do capital cultural do estudante-monitor, porque deram a possibilidade de ampliá-lo, por meio das experiências que foram mobilizadas, tais como: os plantões de dúvidas e o acompanhamento das aulas do docente, pois foi necessário ler e aprofundar nos textos de quando cursou a disciplina para responder aos questionamentos dos estudantes. (GOMES; ASSIS³, 2021, p. 123).

Além disso, ao final da atividade no semestre, a orientadora da disciplina trouxe o “desafio” da escrita de um texto que relatasse minhas vivências no campo da Educação e Antropologia. Dessa maneira, escrevi no ano de 2020 um trabalho que abordou sobre as

¹ Nesta subseção, utiliza-se a primeira pessoa do singular, devido ao objetivo de relatar sobre a trajetória inicial de pesquisador.

² A monitoria na PROGRAD/UFMS consiste em um projeto de ensino que visa, junto ao docente responsável elaborar o Plano de Atividades de Monitoria e atuar no planejamento das atividades relacionadas à preparação de aulas, ao processo de avaliação, à orientação aos alunos e à realização de trabalhos práticos ou de campo e, sob a supervisão do professor responsável, participar da execução das atividades de ensino da disciplina.

³ As normas técnicas adotadas na dissertação são referenciadas no “Manual de Normalização e Procedimentos para Elaboração de Relatórios de Dissertação e Teses do PPGedu/FAED”, do ano de 2021, no qual, o documento foi consultado em 10 de novembro, de 2023 e, encontra-se no seguinte endereço: <https://ppgedu.ufms.br/files/2021/09/Manual-13-de-setembro.pdf>.

contribuições das leituras antropológicas para a formação inicial de professores, a visita ao Quilombo Furnas do Dionísio e as vivências na monitoria. O referido texto foi publicado em uma revista denominada “Cadernos da Pedagogia”, da Universidade Federal de São Carlos⁴.

Também em 2019, no GEPASE, iniciou-se o projeto “Revisão sistemática: Pierre Bourdieu nos campos da Sociologia da Educação e da História da Educação”, no qual a coordenadora do Grupo selecionou temáticas referentes às pesquisas em andamento de seus orientandos, quais sejam: impressos estudantis; trajetórias biográficas de professores; instituições escolares; cultura salesiana; *habitus* e capitais de professores; meritocracia/parentocracia; e laicidade. As temáticas citadas se encontravam em revisão sistemática e, para ocorrer a pesquisa, o grupo foi organizado em subgrupos pela coordenadora. Minha participação ocorreu na temática de cultura salesiana e impressos estudantis. Por meio desse projeto, pude me aproximar das temáticas ligadas ao campo da História da Educação e a revisão sistemática me possibilitou conhecer a produção acadêmica e científica sobre impressos escolares e cultura salesiana em âmbito regional e nacional.

Ao participar do projeto, comecei a pensar em uma temática para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso e, dessa forma, escolhi a cultura salesiana e os impressos escolares. Destaco que minha trajetória de escolarização se deu em parte nos colégios salesianos, quais sejam: Colégio Imaculada Conceição, em Corumbá; Colégio Santa Teresa, em Corumbá; e Colégio Dom Bosco, em Campo Grande. Meus familiares também tiveram trajetórias em tais instituições: meu avô paterno estudou no Ginásio Santa Teresa, desde o ensino primário até a escola de comércio; minha avó paterna estudou no Colégio Imaculada Conceição, desde o ensino primário até o curso normal; e meu pai estudou no Colégio Santa Teresa, desde o ensino primário até o 1.º grau, ou seja, houve nesses colégios a escolarização de três gerações da minha família.

Nesse sentido, optei pela investigação sobre a cultura salesiana, por vivenciá-la presente e meus familiares no passado. Dessa forma, as instituições escolares salesianas constituíram-se em parte da memória da minha família. Maurice Halbwachs (2004) destaca que os diversos acontecimentos em torno das instituições deixam um traço profundo na memória, pois

⁴ GOMES, Cristian Lopez; ASSIS, Jacira Helena do Valle Pereira. Relato de vivências de um acadêmico no campo da Educação e Antropologia. **Cadernos da Pedagogia**, v. 15, n. 33, 2021. Disponível no site: <https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1670/650>.

[...] a tradição delas subsiste muito viva em tal ou qual grupo, região do grupo, partido político, província, classe profissional, ou mesmo em tal ou qual família; e em certos homens que delas conhecem pessoalmente as testemunhas. (HALLBWACHS, 2004, p. 54).

As memórias me suscitaram um sentimento de curiosidade referente ao passado dessas instituições, se havia similaridades ou diferenciações do presente para o passado. No exercício de cientista compreendi, a partir de Gilberto Velho (1978), que existe uma escolha e envolvimento que é “[...] inevitável com o objeto de estudo e de que isso não constitui um defeito ou imperfeição.” (VELHO, 1978, p. 123). Também entendi que é necessária uma distância mínima para o pesquisador dar condições de objetividade ao seu trabalho. No exercício científico de pesquisar a cultura escolar salesiana desde o TCC à dissertação, privilegiei construir o conhecimento calcado nessas perspectivas de Velho (1978).

Desenvolvi e defendi o TCC no ano de 2021, no curso de Pedagogia da FAED/UFMS, tendo como título “Práticas e representações das estudantes secundaristas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora em Campo Grande sul do antigo Mato Grosso: em estudo o impresso *Ecos Juvenis* (1946-1951)” e orientado pela professora Dra. Jacira Helena do Valle Pereira Assis.

O objeto de estudo foi o ensino secundário do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em que busquei analisar as práticas escolares, culturais e sociais, a partir da sociologia de Pierre Bourdieu, e as representações sociais numa perspectiva histórica, vinculada a Roger Chartier. Tinha por objetivo geral realizar uma imersão em fontes que traziam indícios sobre os processos educativos do ensino secundário do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, no recorte temporal de 1946 a 1951. Esse recorte é derivado da localização dos impressos.

Mobilizei diversas fontes para a construção da pesquisa e realizei um exercício de cruzamento destas, utilizando documentos escolares do referido colégio, bem como a obra memorialística “Auxiliadora 70 anos”⁵, de Yara Penteado (1996), e 13 exemplares do *Ecos Juvenis*. Também fiz a leitura do livro “O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos”, de Rafael Saraiva Lapuente (2015). Dessa forma,

⁵ A autora Yara Penteado escreve o livro na condição de ex-aluna, mobilizando, além de suas memórias, depoimentos de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. O livro é escrito em comemoração ao aniversário de 70 anos da instituição.

compreendi que o exercício de cruzamento de fontes constitui-se como basilar para não analisar o impresso de forma isolada, pois o

[...] *uso e abuso*, feito de maneira indiscriminada, sem metodologia nem aprofundamento teórico, podem trazer sérios problemas para a pesquisa histórica, pois, apesar de cada vez mais historiadores usarem a imprensa como fonte, nem sempre sua consulta vem acompanhada de fundamento teórico e metodológico. Como ressalta Cláudio Pereira Elmir, a consulta a um periódico não pode ser feita sem uma criteriosa análise, exigindo uma leitura diferente daquela que é feita a um jornal do dia a dia, por exemplo. Assim, é fundamental que não se estude o jornal de maneira isolada. (LAPUENTE, 2015, p. 4, grifo do autor).

Além da perspectiva compreendida de cruzamento de fontes ao operar com esse material, observei que no TCC não se esgotaram todos os aspectos e interpretações possíveis, pois algumas surgiram ao longo da investigação, principalmente relacionadas à gênero e à materialidade do impresso escolar, quais sejam: O impresso escolar *Ecos Juvenis* estava em consonância com a perspectiva moral da instituição escolar referente ao papel da mulher? Qual a caracterização do impresso a partir de sua materialidade, isto é, quais seriam os diferentes aspectos de sua composição e especificidade?

Além disso, os resultados obtidos no TCC me estimularam à publicação de duas produções científicas. A primeira foi aceita e publicada no ano de 2022, no evento da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação no âmbito do Centro-Oeste (ANPED-CO), no Grupo de Trabalho de História da Educação. Na referida produção discuti sobre as representações sociais de gênero no impresso escolar *Ecos Juvenis* (GOMES, 2022a). A segunda foi publicada em forma de capítulo de livro e nela discuti sobre as práticas empreendidas no ensino secundário do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora - o trabalho está inserido no livro “Educação e Pierre Bourdieu: abordagens nos campos histórico e social”⁶ (GOMES, 2022b).

O interesse pela temática me estimulou a participar do processo seletivo para ingresso no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/UFMS), a fim de dar continuidade à pesquisa e aos estudos que proporcionariam a aproximação para responder aos questionamentos feitos nas lacunas identificadas.

⁶ ASSIS, Jacira Helena do Valle Pereira (Org.). **Educação e Pierre Bourdieu: abordagens nos campos histórico e social**. Campo Grande: Editoria UFMS, 2022.

A partir da entrada no mestrado e ao cursar as disciplinas, desenvolvi uma série de reflexões acerca do objeto de pesquisa. Apresentei um trabalho em um evento da linha de pesquisa que componho, qual seja, o “II Seminário da Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Sociedade”, no qual debati com os discentes e docentes da linha de pesquisa sobre o objeto de pesquisa que estava em construção (GOMES, 2022c).

Outro trabalho que produzi foi fomentado a partir da hipótese de a imprensa escolar ser *lócus* da acumulação de uma série de capitais. Nessa perspectiva, escrevi um resumo expandido para a ANPED-CO, no qual discuti sobre as representações da imprensa escolar do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora em obras de memória. As memórias de ex-alunas e professoras destacavam que a imprensa era um “incentivo intelectual” para as moças (GOMES, 2022d).

Também, a partir de uma reflexão em uma disciplina obrigatória do mestrado e do projeto de revisão sistemática anteriormente mencionado, escrevi outro texto, que abordava sobre a questão dos impressos escolares nos quais se identificava a religião católica nos conteúdos por eles veiculados, para compreensão da presença da Igreja Católica no âmbito da imprensa escolar brasileira ou/e da educação brasileira, por meio de uma revisão sistemática. Nesse sentido, identifiquei que

[...] a religião católica esteve presente na imprensa escolar do campo educacional brasileiro, difundindo os valores católicos em instituições escolares com diferentes aspectos: escolas confessionais e algumas que se intitulavam “laicas”; em instituições públicas e privadas; em instituições escolares destinadas a meninos e a meninas; e em diferentes etapas de ensino. (GOMES; ASSIS, 2023, p. 23).

Publiquei o referido artigo em 2023, na revista *Cadernos de Educação*, da Universidade Federal de Pelotas (ISSN 2178-079X).

Em outro texto que produzi, derivado de reflexões em uma disciplina que possuía o foco de investigação nas relações de gênero e sexualidade que permearam e permeiam a educação, abordei sobre a relação do Estado e da educação secundária das mulheres. A partir do referencial bourdieusiano, defendi que as legislações educacionais, quais sejam, a Lei Orgânica do Ensino Secundário, de 1942, e a Lei Orgânica do Curso Normal, de 1946, traduziam uma ideia de intenção para a instituição escolar inculcar e coagir as agentes sociais a possuírem o papel de formação para o lar. O referido texto está *no prelo* e será publicado

nos anais do Congresso de Educação, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) (GOMES; ANDRADE, 2023).

Por fim, o projeto da dissertação foi aprovado em 2022 e nele dei continuidade às análises do impresso escolar *Ecos Juvenis*, atentando-me para as questões de classe social, gênero e da materialidade do impresso escolar e do papel formativo da imprensa escolar. Portanto, a seguir apresento os resultados na presente dissertação.

1 INTRODUÇÃO

Os periódicos estudantis, [...] de uma maneira geral, [...] é possível observar-se valores, costumes e interesses que balizavam as relações dos jovens estudantes, bem como os reflexos das apropriações feitas a partir da cultura escolar da instituição a qual estavam vinculados. Nesse sentido observa-se, por exemplo, a apresentação de muitos textos a respeito de questões comportamentais, político-ideológicas, filosóficas, isto em tom poético, patriótico ou satírico, produzidas tanto pelos alunos como pelos colaboradores e que deixam transparecer normas de conduta na ação de indivíduos. (AMARAL, 2002, p. 124).

Esta dissertação tem por fonte direta o impresso escolar *Ecos Juvenis*, que esteve vinculado ao Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, localizado em Campo Grande, sul do antigo Mato Grosso⁷. Essa instituição escolar possuía uma peculiaridade: era destinada somente às mulheres. Dessa maneira, a partir da localização dessa fonte de pesquisa, qual seja, o *Ecos Juvenis*, estabeleceu-se⁸ como objetivo geral: compreender e analisar o modo de ser e estar das mulheres em meados do século XX no Brasil e em Campo Grande, no sul do antigo Mato Grosso, bem como identificar se o referido impresso escolar contribuiu para a estruturação e para a manutenção de um *habitus* de classe e gênero das estudantes secundaristas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora nos anos de 1936 a 1951.

Compreendeu-se, pela literatura científica⁹, que no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora havia uma inculcação de valores religiosos para as mulheres, estabelecendo-se papéis específicos que eram ensinados mediante o modelo de mulher que havia na sociedade (ORTIZ, 2014). Dessa forma, investigou-se se a imprensa escolar se constituía como um espaço social que contribuía para estruturar um *habitus* de gênero e classe, tendo em vista que formava mulheres de frações das classes médias e altas. A problemática da investigação também decorreu das contribuições de Carvalho (2004), interlocutora do referencial bourdieusiano, que adjetivou o *habitus* e dissertou sobre a estruturação do *habitus* de gênero nos processos educativos. Nesse sentido, mobilizaram-se como objetivos específicos:

⁷ O período de circulação do periódico (1934 até meados da década de 1950) antecede a divisão do estado de Mato Grosso, por isso será tratado no texto como antigo sul de Mato Grosso, tendo em vista que a divisão do estado de Mato Grosso foi concretizada em 1977, no governo de Ernesto Geisel, e a região sul passou a ser denominada de Mato Grosso do Sul, e Campo Grande se tornou capital do novo estado.

⁸ Para a elaboração da dissertação, utilizou-se na escrita a terceira pessoa do singular, no tempo passado, para apresentar os resultados finais da pesquisa.

⁹ Entende-se “literatura científica” como trabalhos acadêmicos que trazem debates com fundamentação teórica e empiria.

- Identificar, caracterizar e analisar elementos que auxiliem a historicizar o impresso escolar *Ecos Juvenis*;
- Fazer uma aproximação à *illusio* do subcampo da imprensa escolar para que se possa compreender a lógica do jogo, na perspectiva de moldar um *habitus* de classe e do gênero feminino no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, nos anos de 1936 a 1951.

No exercício de se atingir os objetivos e se aproximar de possíveis respostas, desenvolveu-se uma análise sociológica e histórica, pautada em Pierre Bourdieu e Roger Chartier. Do referencial bourdieusiano, mobilizaram-se as noções de *habitus*, campo, capitais, *illusio* e discurso performativo. Tais noções possibilitaram a compreensão da ordem social da imprensa escolar; a objetividade da imprensa escolar na perspectiva de uma formação específica para as estudantes; e a problematização de aspectos do que é “legítimo e ilegítimo” e dos “ditos e não ditos” no impresso escolar. Do referencial da Nova História Cultural, representado por Roger Chartier, mobilizou-se a perspectiva de investigação da materialidade do impresso escolar, tendo o referido autor contribuído com a assertiva de que há intencionalidades na produção da estrutura técnica de um impresso.

Como fonte direta, elegeu-se o impresso escolar *Ecos Juvenis* e, como fontes indiretas, obras memorialísticas, iconografias, revistas locais, jornais locais, fontes documentais, tais como atas, registros de matrículas, históricos de ex-alunas da instituição e leis que regiam a política educacional no período de circulação do impresso. Além dessas fontes, utilizaram-se produções acadêmicas da historiografia regional. Reuniram-se e mobilizaram-se fontes diversas, na perspectiva de que “[...] é necessário também analisar outras fontes além do próprio impresso” (GALVÃO; MELO, 2019, p. 233), para aproximar às problematizações. Além disso, destaca-se que se utilizou o termo “impresso escolar” para se referir ao *Ecos Juvenis*, calcado nas contribuições de Simone Ribeiro Nolasco (2015), que distinguiu

[...] os “jornais escolares” (jornais da escola) dos “jornais estudantis” (ou impressos estudantis, ou de estudantes), visto tratar-se de processo um tanto diverso na iniciativa de sua produção quanto na manutenção e decisão final sobre sua editoração. (NOLASCO, 2015, p. 92).

Nesse sentido, considerou-se que o *Ecos Juvenis* era um impresso escolar, tendo em vista os diversos autores que escreviam para ele - além das alunas, também foram identificadas professoras, diretora, coordenadora, autoridades locais, autoridades religiosas, ex-alunas e quem se dispunha a escrever. Também, considerou-se que era uma revista, característica mencionada na subseção 2.3 da dissertação, no qual, justificou-se tal observação.

Apesar do impresso se apresentar como um órgão do grêmio das alunas, como o próprio nome anuncia - “*Ecos Juvenis*” -, ou seja, uma repetição de sons das adolescentes, desconfiou-se de que havia uma participação ampla de agentes sociais, principalmente as professoras. Bourdieu e Passeron (1975, p. 31) sinalizam que a relação entre professor e aluno possui violência simbólica, uma “violência sutil” relacionada “[...] à manifestação explícita e brutal do arbitrário.”. Dessa maneira, aprofundou-se sobre essa questão na seção 3.

Além dessa discussão sobre a autonomia estudantil nesse espaço social da imprensa escolar, questionou-se se a intenção central do impresso era ser um dispositivo que incentivava algumas práticas específicas para as alunas salesianas vinculadas à classe social, religião e gênero. Aprofundou-se, na seção 2, sobre as recorrências das temáticas no *Ecos Juvenis*, no qual localizou-se sua intenção central.

Para a construção do conhecimento histórico, é necessário um cruzamento de fontes e, dessa forma, foi mobilizada essa perspectiva. Esse exercício permitiu um enriquecimento analítico, um confronto de informações e, conseqüentemente, uma melhor aproximação ao objeto em questão. A partir do confronto de informações, foi gerada uma aproximação ao real.

Compreendeu-se que o exercício de cruzamento de fontes interpretado à luz da teoria bourdieusiana e da Nova História Cultural permitiu a interpretação da função da imprensa escolar como instrumento de reprodução social e de dominação simbólica estrutural masculina. As problematizações que fomentaram a pesquisa foram:

- 1) Qual era a concorrência¹⁰ que o impresso escolar *Ecos Juvenis* possuía no sul de Mato Grosso e em Campo Grande? Existiam outras escolas que possuíam imprensa escolar na

¹⁰ Calçado nas contribuições de Bourdieu (2015), destaca-se que se utilizou o termo concorrência para se referir à legitimidade da manipulação de grupos determinados de bens simbólicos, ou seja, uma economia não econômica e, sim, uma economia das trocas simbólicas.

década de 1930 até a década de 1950 (período de circulação do *Ecos Juvenis*)? Se existiam, como eram esses impressos escolares (tempo e localização da circulação)? Algum desses impressos escolares eram de um colégio destinado exclusivamente ao público feminino? Quanto tempo o impresso escolar *Ecos Juvenis* circulou no estado de Mato Grosso?

- 2) Quais eram as temáticas e discursos que ganhavam relevância no impresso escolar *Ecos Juvenis*? O que subjaz ao nome do referido impresso? Com que características estético-expressivas foi produzido o *Ecos Juvenis*? A partir da materialidade, houve uma construção de sentido no qual se queria demonstrar que era um impresso escolar de uma instituição escolar religiosa, elitista e para mulheres? Quais elementos universais podem ser localizados nos cursos secundários, na educação feminina e na imprensa escolar a partir do cruzamento entre a literatura científica e as legislações? Quais elementos singulares podem ser levantados a respeito do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora que auxiliem a historicizar o impresso escolar?
- 3) Qual era a *illusio* que fazia as agentes sociais se mobilizarem nesse subcampo? Esse “interesse no jogo” se aproximou da formação de disposições para a classe social e gênero das estudantes secundaristas? Uma escola salesiana destinada às mulheres poderia, por meio do impresso escolar *Ecos Juvenis*, contribuir para fomentar as disposições de um *habitus* de classe e gênero das estudantes secundaristas? Existia distribuição desigual dos capitais no subcampo da imprensa escolar em relação às agentes estudantis que produziam o impresso escolar *Ecos Juvenis*? Quem eram as agentes dominantes e dominadas? Haveria saberes distintos em circulação na imprensa escolar, visto que o impresso escolar era literário?

1.1 OPERAR COM PIERRE BOURDIEU E ROGER CHARTIER NO ESTUDO COM IMPRESSOS ESCOLARES

Esta subseção tem por objetivo estabelecer uma explicitação sobre as noções bourdieusianas centrais que foram operadas na investigação do impresso escolar, quais sejam: campo, capitais, *habitus*, *illusio* e discurso performativo e, da Nova História Cultural, acerca da investigação sobre a materialidade do impresso escolar, com base nos estudos de Roger Chartier.

A análise do impresso escolar *Ecos Juvenis* com base nesses referenciais teóricos configurou-se como uma abordagem diferenciada sobre as questões que envolviam a imprensa escolar feminina, uma vez que lançou luz sobre a história nacional e regional. É importante salientar que as inserções do impresso enquanto fonte e/ou objeto de investigação foram possíveis em virtude das mudanças paradigmáticas que houve no início da década de 1970, quando “[...] o estatuto da imprensa sofreu deslocamento fundamental [...]” (LUCA, 2010, p. 110), possibilitando essa expansão de objetos historiográficos e suas diferentes possibilidades de análise pela perspectiva da Nova História Cultural, na qual se insere o lugar teórico de Roger Chartier.

Referente ao lugar teórico de Pierre Bourdieu, o autor considerava-se estruturalista construtivista e argumentava que havia estruturas objetivas no mundo social que poderiam criar disposições na ação do agente social. No campo de estudos sociológicos, ele utilizou as contribuições de autores das Ciências Sociais como Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim.

Pierre Bourdieu, em sua trajetória acadêmica, mostrou-se interessado em compreender a ordem social de uma maneira que não fora nunca antes formulada. Procedeu o teórico tensionando os estudos sociológicos para

[...] que escape tanto ao subjetivismo (tendência a ver essa ordem como produto consciente e intencional da ação individual) quanto ao objetivismo (tendência a reificar a ordem social, tomando-a como uma realidade externa, transcendente em relação aos indivíduos, e de concebê-la como algo que determina de fora para dentro, de maneira inflexível, as ações individuais). (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2017, p.19).

Nessa perspectiva, Bourdieu se afastou e criticou as perspectivas objetivista e subjetivista, propondo um tipo de conhecimento denominado praxiológico. Na visão desse teórico, o conhecimento praxiológico

[...] tem como objeto não somente o sistema de relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas, nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las. (BOURDIEU, 1983, p. 47).

Na pesquisa buscou-se construir o conhecimento em uma perspectiva de como as estruturas sociais encontravam-se internalizadas nas agentes sociais (estudantes e professoras) como um sistema estável de disposições estruturadas que constituíam suas práticas e representações. Ressaltou-se que o termo “agente social” mobilizado por Bourdieu não é uma simples referência pessoal empregada pelo autor. O referido termo

[...] marca, por um lado, a distância que Bourdieu quer estabelecer em relação às concepções subjetivista ou individualista, que tendem a se limitar à experiência imediata dos sujeitos. [...] Por outro lado, o termo também permite um distanciamento em relação às concepções estruturalistas ou objetivistas, que reduziram os atores a simples executores de regras estruturais estabelecidas a partir do ponto de vista do observador. (CATANI; *et al*, 2017, p. 27).

Os estudos de Pierre Bourdieu proporcionaram um leque de categorias de análise, auxiliando numa compreensão ampla do mundo social, visto que o autor conduziu estudos em diferentes campos, tais como: o esporte, a televisão, as artes, a literatura, a educação, entre outros, ressaltando sempre que em cada campo de análise são as condições da história social que mobilizam a produção de práticas. Dentre essas categorias, destacam-se os conceitos de *habitus*, campo, capitais, estratégias e classe social, reconhecidos como mecanismos de ação e coerção de produção e reprodução das estruturas sociais.

Para delinear a análise da imprensa escolar, fez-se pertinente o conceito de campo, o qual é constituído por posições e pelo confronto (BOURDIEU, 2004). A partir da teoria de Bourdieu, entendeu-se que um campo social possui uma autonomia relativa que pode se alterar na medida de maior ou menor grau, dadas as forças internas ao campo como julgadoras do que é legítimo ou/e ilegítimo. Mobilizou-se a perspectiva da “[...] imprensa escolar salesiana, como um subcampo da imprensa católica.” (URBIETA, 2022, p. 194) e,

com isso, compreendeu-se que nele há uma menor autonomia. De acordo com Miguel Ângelo Montagner e Maria Inez Montagner (2011), quanto menor a autonomia de um determinado campo, este estará mais sujeito às inferências externas e aos poderes temporais, porém

[...] esta autonomia estabelece as condições para uma luta concorrencial interna ao campo, realizada pelos integrantes que aceitam a *illusio* inicial, e que a acatam como, ao mesmo tempo, condição e direito de entrada. Os que partilham da *illusio* podem livremente lutar pela legitimidade no campo e pela própria definição do que é legítimo. (MONTAGNER; MONTAGNER, 2011, p. 261).

Bourdieu conceituou a *illusio*, que é uma crença, como “[...] um interesse socialmente construído e que só existe em relação a determinado espaço social, no qual certas coisas são importantes e outras não.” (BOURDIEU, 1989, p. 14 *apud* CATANI; *et al*, 2017, p. 231). Na investigação da dissertação, priorizou-se captar a *illusio* do subcampo da imprensa escolar, para compreender a “lógica do jogo”: o que fizeram as agentes estudantes se mobilizarem nesse subcampo? Esse “interesse no jogo” se aproximou para a formação de disposições para a classe social e gênero das estudantes secundaristas?

Todas as lutas que ocorrem no interior de um campo passam por estratégias mobilizadas pelos agentes sociais - no caso específico da pesquisa, as agentes sociais que foram estudantes secundaristas¹¹. Foi necessário considerar que as lutas são mobilizadas na perspectiva de conservação no interior de um campo para a dominação simbólica e também na perspectiva de subversão que são

[...] utilizadas pelos que intuem e prevêem, baseados em suas próprias interpretações das condições objetivas vigentes no campo e de suas próprias possibilidades, meios que visam a mesmo fim, a “tomada” do poder simbólico, isto é, a consagração da vanguarda, mas por meio de um adiamento e todo um trabalho de mudança e/ou acumulação do que é considerado legítimo. Vale dizer, ambas as estratégias mudam no tempo e se tornam obsoletas desde que os valores internos ao campo mudem e as apostas sofram revoluções periódicas. (MONTAGNER; MONTAGNER, 2011, p. 261).

Além disso, levou-se em conta o que traz o livro Vocabulário Bourdieu (2017) a respeito das propriedades que existem no campo:

¹¹ Estudantes secundaristas eram as alunas dos cursos secundários, que vinham após o curso primário.

- Um campo é um microcosmo incluído no macrocosmo constituído pelo espaço social global (nacional ou, mais raramente, internacional).
- Cada campo possui regras do jogo e desafios específicos, irreduzíveis às regras do jogo e aos desafios dos outros campos. [...]os interesses sociais são sempre específicos a cada campo e, portanto, não se reduzem ao interesse de tipo econômico.
- Um campo é um “sistema” ou um “espaço” estruturado de posições ocupadas pelos diferentes agentes do campo. As práticas e estratégias dos agentes só se tornam compreensíveis se forem relacionadas às suas posições no campo.
- Esse espaço é um espaço de lutas, uma arena onde está em jogo uma concorrência ou competição entre os agentes que ocupam as diversas posições.
- O objetivo dessas lutas reside na apropriação do capital específico do campo (obtenção do monopólio do capital específico legítimo) e/ou a redefinição desse capital.
- Esse capital é desigualmente distribuído no seio do campo. Por conseguinte, existem, nele, dominantes e dominados. A distribuição desigual do capital determina a estrutura do campo que é definido, portanto, pelo estado de uma relação de forças histórica entre as forças (agentes e instituições) em confronto no campo.
- Em luta uns contra os outros, todos os agentes de um campo têm, contudo, interesse em que o campo exista. Eles mantêm, portanto, uma “cumplicidade objetiva”; para além das lutas que os opõem.
- A cada campo corresponde um habitus (sistema de disposições incorporadas) próprio do campo (habitus filológico, habitus jurídico, habitus futebolístico, etc.). Apenas os que tiverem incorporado o habitus próprio do campo estão em condições de disputar o jogo e de acreditar na importância dele. (CATANI; *et al*, 2017, p. 65).

Ressaltou-se que Bourdieu (2004) defendeu que o foco do ofício do pesquisador é estabelecer uma relação entre o texto e o campo e/ou subcampo. Nesse sentido, o pesquisador não se limita a produzir o conhecimento científico relacionado às produções culturais (nesta investigação, os impressos escolares), como se estas “falassem por si mesmas”, em um exercício de análise somente pelas leituras do texto e/ou em uma perspectiva de que o texto está relacionado às determinações do mundo social, mas sem considerar as regras próprias do campo ou subcampo em questão. Bourdieu (2004, p. 17) compreendeu que os campos sociais se constituem “[...] como microcosmos relativamente autônomos.”.

No exercício de tensionar o olhar ao observar essas duas perspectivas, Bourdieu (2004, p. 20) ponderou que:

[...] esses dois polos, muitos distanciados, entre os quais se supõe, um pouco imprudentemente, que a ligação possa se fazer, existe um universo intermediário [...] um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas. A noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias.

O microcosmo nesta pesquisa consistiu em um subcampo, no qual estavam inseridas as agentes sociais - estudantes secundaristas que produziam o impresso escolar *Ecos Juvenis* - e a instituição escolar - o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, que produzia e/ou reproduzia “leis sociais mais ou menos específicas”, estritamente ligadas ao macrocosmo.

Dessa forma, pactua-se com a perspectiva de Alves (2003, p.1) que dissertou: “O fato de admitir a unidade da realidade humana não exclui o reconhecimento de seu caráter complexo e multifacetado”, pois há uma estrita relação do universal¹² com o singular. Ambos estão ligados, pois o singular é ininterruptamente uma forma de realização do universal. Além disso, Bourdieu (2004, p. 21) caracterizou que o microcosmo “[...] jamais escapa às imposições do macrocosmo.”.

Considerou-se que as relações sociais que movimentam o campo são marcadas pela desigualdade da distribuição dos capitais e, dessa forma, questionou-se: existia distribuição desigual dos capitais no subcampo da imprensa escolar em relação às agentes estudantis que produziam o impresso escolar *Ecos Juvenis*? Quem eram as agentes dominantes e dominadas? Compreendeu-se que a ação das agentes sociais não é no “vazio” e/ou neutra na imprensa escolar, visto que é carregada de intencionalidades, pois

[...] as posições ocupadas nas redes comunicacionais por aqueles que produzem uma enunciação estão em uma complexa cadeia de rituais de instituição, no interior de certos campos sociais (com seus mercados linguísticos e seus gêneros de discurso), histórica e socialmente construídos. (GIRARDI JÚNIOR, 2017, p. 5).

Para a compreensão da ordem social dentro desse subcampo, o estudo pretendeu evidenciar como as agentes desse campo mobilizavam e movimentavam os capitais cultural, social e simbólico. Questionou-se na pesquisa se as finalidades da imprensa escolar na

¹² Embora reconheceu-se que universal e singular são mobilizados como categorias do marxismo, aqui utiliza-se em uma perspectiva de aproximação à perspectiva de macrocosmo e microcosmo do Pierre Bourdieu.

instituição educativa estariam relacionadas ao acúmulo de capital cultural. Bourdieu (2015) compreendeu que o capital cultural é o conhecimento acumulado por meio de diversas estratégias que possibilitam a uma determinada classe social se sobressair, mobilizá-lo como moeda, pois tem mais recursos em virtude de seu capital econômico. O capital cultural pode estar sob três diferentes formas, quais sejam:

No estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias; dessas problemáticas, etc. e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que é supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais. (BOURDIEU, 2015, p. 82).

Bourdieu (2015) contribuiu com a assertiva de que a escola é um campo propício para que os grupos das elites e das classes médias produzam e reproduzam sua possibilidade de ampliação do capital cultural em relação aos campos social, literário e político. Questionou-se: haveria saberes distintos em circulação na imprensa escolar, visto que o impresso escolar era literário? O uso do impresso na ação pedagógica no colégio contribuía para o acúmulo de um saber distinto?

Na perspectiva de investigação do capital social e simbólico, problematizou-se, no percurso da pesquisa, quem eram as agentes sociais que publicavam e/ou participavam da imprensa escolar, visto que não eram todas as alunas (ANDRADE, 2021). Dessa forma, a ação das agentes estudantes poderia engendrar uma certa noção de distinção social. Bourdieu caracterizava o capital social como

[...] fazer um “nome”, um nome próprio, um nome conhecido e reconhecido, marca que distingue imediatamente seu portador, arrancando-o como forma visível do fundo indiferenciado, despercebido, obscuro, no qual se perde o homem comum. (BOURDIEU, 1983, p.132).

Compreendeu-se que o autor de um texto “[...] é reconhecido como detentor de uma propriedade imprescritível sobre as obras que exprimem seu próprio gênio.” (CHARTIER, 1998, p.49). Outro questionamento veio à tona: tal distinção social na produção do impresso

poderia fazer as agentes sociais que compunham a imprensa e/ou publicavam no impresso escolar se beneficiarem de forma simbólica (prestígio social)?

Em relação aos discursos que há nos impressos, compreendeu-se que, além destes constituírem elementos a serem compreendidos e decifrados, “[...] são também signos de riqueza a serem avaliados, apreciados, e signos de autoridade a serem acreditados e obedecidos.” (BOURDIEU, 2022, p. 53).

Suspeitou-se de que os diversos discursos em torno do impresso possuíam o objetivo de coerção social para as alunas ou/e as mulheres leitoras possuírem um modo específico de ser e estar, ou seja, discursos performativos que possuíam “[...] a pretensão (com maiores probabilidades de sucesso) de ser de fato imitada.” (BOURDIEU, 2022, p. 57), conforme a lógica hegemônica do modelo de ser mulher e de ser de uma fração de classe específica. Tal suspeita é ligada às contribuições de Dulcília Helena Schroeder Buitoni (2009), que investigou a imprensa feminina no Brasil. A referida pesquisadora contribuiu com a assertiva de que a imprensa feminina brasileira colaborou e colabora para a mistificação da mulher, coagindo as leitoras com modos específicos a serem seguidos. Tal lógica expressa

[...] da mulher em mito (geralmente correspondendo à ideologia dominante ou, quando surgem sinais de mudança, servindo para reforçar o conceito tradicional é algo que surge logo numa primeira análise) [...]. O mito é um reflexo social que inverte, pois transpõe a cultura em natureza, o social em cultural, o ideológico, o histórico, em "natural". (BUTONI, 2009, p. 25).

Com base em Bourdieu (2022), compreendeu-se que para a eficácia do discurso performativo dependia-se da complexidade de duas questões, a saber: a) o agente social que profere o discurso performativo deveria ser reconhecido como autoridade; e b) o discurso performativo deveria estar ligado à lógica dominante do macrocosmo e do microcosmo. Dessa forma, pretendeu-se identificar as temáticas centrais do impresso e quem escreveu para o impresso e indagou-se: quais discursos ganharam relevância no impresso escolar *Ecos Juvenis*? Os discursos do impresso deveriam estar ligados às lógicas dominantes de interpretação do mundo social para produzir o efeito do discurso performativo nas alunas e a questão autoral dos textos do impresso impactaria na recepção pelas alunas, pois o discurso deveria ser proferido por um agente social que teria de possuir uma crença de autoridade em torno de si.

Nesse sentido, os discursos performativos estão estritamente ligados ao *habitus*, na perspectiva de que a partir da coerção desses discursos poderia engendrar-se uma certa manutenção do *habitus*.

Em relação à categoria de *habitus*, trabalhou-se com a compreensão de que cada campo corresponde a um *habitus* que se constitui em um

[...] sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes. (BOURDIEU, 2015, p. 191).

Bourdieu (2015) também dissertou que o campo escolar é um campo propício para transformar o *habitus*, mesmo que diversificado, tornando-se gerador da reestruturação dos esquemas de percepção, nos quais os agentes constroem as representações e os símbolos no mundo social. O conceito de *habitus* é permeado por dois componentes: o *ethos*, que está ligado aos “valores” interiorizados que direcionam a conduta do agente; e a *hexis*, que está relacionada à linguagem e à postura corporal.

Questionou-se se a imprensa escolar poderia se configurar como campo de estruturação e manutenção de um *habitus* de classe e gênero das estudantes secundaristas do referido colégio, moldando uma *hexis* e um *ethos* almejado para as mulheres. Bourdieu (2014) dissertou que está nos processos educativos da mulher uma perspectiva de uma formação de um *ethos* e *hexis* desejado, trazendo como exemplo uma escola de recepcionista para as mulheres:

Tudo o que fica em estado implícito na aprendizagem da feminilidade é levado a ser explicado nas “escolas de recepcionistas”; e seus cursos de preparação e de boas maneiras, onde, como observou Yvette Delsaut, aprende-se a caminhar, a manter-se de pé (com as mãos atrás das costas, os pés paralelos), a sorrir, a subir e descer uma escada (sem olhar para os pés), a sentar-se à mesa (a recepcionista tem que fazer com que tudo saia correto, sem que se perceba), a tratar os hóspedes/clientes (“mostrar-se amável”, “responder gentilmente”), a ter “compostura”, no duplo sentido, de saber portar-se e da maneira de se vestir (“sem cores berrantes, demasiado fortes ou agressivas”) e de se maquilar. (BOURDIEU, 2014, p. 40).

Neste estudo optou-se por utilizar o conceito de *habitus* de gênero (CARVALHO, 2004), tendo em vista que a escola agregava uma peculiaridade, qual seja: o ensino era

ofertado somente às mulheres. O conceito de *habitus* de gênero trata da dominação masculina estrutural, que

[...] são produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado. (BOURDIEU, 2014, p. 46).

Assim, havia e há condições estruturais para a difusão desse pensamento de ser mulher e ser homem compartilhada entre os diversos setores da sociedade. Dessa maneira, investigou-se se a imprensa escolar contribuía para a difusão de um papel específico destinado às mulheres e quais eram esses papéis. Tal perspectiva de investigação do impresso escolar decorreu das contribuições de Bourdieu e Chartier (2011, p. 234) que afirmaram:

Pensamos que ler um texto é compreendê-lo, isto é, descobrir-lhe a chave. Quando de fato nem todos os textos são feitos para serem lidos nesse sentido. Além da crítica dos documentos que os historiadores sabem fazer muito bem, há que fazer, segundo parece, uma crítica do estatuto social do documento: para que uso esse texto foi feito? Para ser lido como o lemos, ou então, por exemplo, como uma instrução, isto é, um escrito destinado a comunicar uma maneira de fazer, uma maneira de agir? Há toda espécie de texto que pode passar diretamente ao estado da prática, sem que haja necessariamente mediação de uma decifração no sentido em que a entendemos.

Constitui-se como basilar a investigação sobre os efeitos simbólicos do impresso escolar na instituição escolar e na sociedade, visto que o impresso, em determinado período, circulava além dos muros da escola.

Ficou claro que, para a investigação de sua significação na instituição escolar e na sociedade, se requer a historicização do impresso escolar, sobre o qual devemos colocar a questão das condições nas quais se produz, visto que havia uma intencionalidade na produção de sua estrutura técnica, pois:

[...] é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, [...] que não dependa de formas através das quais ele chega ao seu leitor. (CHARTIER, 1990, p. 127).

Além dessa perspectiva, compreendeu-se que na investigação da materialidade do impresso escolar, ou seja, na estrutura gráfica, como iconografias, propagandas, capas dos impressos, periodicidade etc., há indícios das condições materiais de existência dessa fonte, ou seja, pode ser feito o exercício de historicizar a fonte entendendo-se que [...] **“Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê.”** (LUCA, 2011, p. 132, grifo da autora). Nesse sentido, questiona-se: com que características estético-expressivas foi impresso o *Ecos Juvenis*?

Também há indícios dos pertencimentos de quem produz essa fonte ao investigar a materialidade do impresso, pois os agentes sociais que produziram essa fonte “[...] imprimem uma marca muito pessoal à sua empresa. Seu sucesso depende de sua inventividade pessoal [...]” (CHARTIER, 1998, p. 50). Chartier (1990) pontuou que a partir da materialidade se constrói sentido para a leitura do impresso, ou seja, uma recepção guiada. Dessa maneira, questionou-se: a partir da materialidade, houve uma construção de sentido, no qual se queria demonstrar que era um impresso escolar de uma instituição escolar religiosa, elitista e para mulheres? Tal questionamento foi fomentado a partir do texto de Kênia Hilda Moreira e Ana Maria de Oliveira Galvão (2022), que ao se debruçarem sobre os impressos estudantis (termo usado pelas autoras) do antigo sul de Mato Grosso, questionaram

[...] se o apelo estético visual na produção desses impressos estudantis não estaria, de forma consciente, vinculado à produção de uma autoimagem das respectivas instituições (divulgando a arquitetura e mobiliário escolar, corpo docente, etc.) em um momento em que o ensino secundário, inclusive no discurso oficial, era voltado para a formação das elites. (MOREIRA; GALVÃO, 2022, p. 14).

Nesse percurso, discutiu-se que além da questão de classe social, poderia emergir a questão da religião católica e gênero na estética do impresso, pois a instituição era confessional e possuía a peculiaridade de ser somente ofertada para as mulheres.

Cunhou-se a perspectiva de documento/monumento de Jacques Le Goff (2003), pois ficou claro que o impresso escolar é intrinsecamente um monumento, tendo como característica uma perpetuação de grupos sociais específicos, constituindo-se como um “testemunho escrito”, o qual “[...] resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao

futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias.” (LE GOFF, 2003, p. 549).

Também nessa perspectiva trata-se de “[...] um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder.” (LE GOFF, 2003, p. 536), ou seja, cabe ao pesquisador investigar essas relações de forças que ocorreram na produção dessa fonte e, conseqüentemente, tirar a “roupagem” da fonte, porque

[...] um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. **É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumento**”. (LE GOFF, 2003, p. 549, grifo nosso).

Em síntese, no exercício de investigação histórico-social necessita-se desestabilizar algumas questões naturalizadas. Dessa forma, a partir das contribuições da obra sociológica de Bourdieu, juntamente com a obra histórica de Chartier para as análises dos impressos escolares, pretendeu-se mobilizar nesta pesquisa uma gama de problematizações. Além disso, considerou-se que poderia haver mobilização e aprofundamento conceitual das categorias quando considerado basilar para a análise.

1.2 REVISÃO SISTEMÁTICA: EM INVESTIGAÇÃO A IMPRENSA ESCOLAR

Esta subseção traz o conceito do que é uma revisão sistemática enquanto técnica para investigação da produção acadêmica e científica referente à temática investigada, qual seja: os impressos escolares.

Essa técnica se diferencia dos demais estudos do gênero, como o “Estado do Conhecimento” e o “Levantamento Bibliográfico”, na perspectiva que possui diversas etapas integradas, as quais possibilita uma garantia de maior cobertura do assunto. . A utilização dessa metodologia de investigação e de revisão auxiliou na compreensão de como um assunto específico vem sendo abordado e investigado pelos demais pesquisadores que se debruçaram sobre ele. Na revisão sistemática, buscou-se a aplicação de um protocolo sobre a temática em questão. Entendeu-se a revisão sistemática como:

[...] uma forma de síntese das informações disponíveis em dado momento, sobre um problema específico, de forma objetiva e reproduzível, por meio de método científico. Ela tem como princípios gerais a exaustão na busca dos estudos analisados, a seleção justificada dos estudos por critérios de inclusão e exclusão explícitos e a avaliação da qualidade metodológica, podendo quantificar o efeito dos tratamentos por meio de técnicas estatísticas (GONÇALO; *et al.*, 2012, p. 2).

A revisão sistemática se constitui como um processo minucioso e detalhado, por isso há *softwares* ou plataformas para a sua produção, os quais auxiliam na organização, visualização e acompanhamento do processo de condução. Além disso, há um reconhecimento da comunidade científica na qualidade de uso desses *softwares* e plataformas.

Nesta investigação, optou-se pela utilização da plataforma Parsifal, a qual foi criada em 2014 e é programada para pesquisadores realizarem revisões sistemáticas da literatura e meta-análises. A plataforma, por ser *online*, possibilita que pesquisadores geograficamente distribuídos trabalhem juntos em um ambiente compartilhado, projetando o protocolo e conduzindo a pesquisa até o desenvolvimento das análises. Além disso, fornece uma maneira de documentar todo o processo, pois ajuda a lembrar o que é importante durante uma revisão sistemática. Observa-se que, para sua utilização, é necessário realizar cadastro no site “<https://parsif.al/>” com um nome para o usuário, senha e e-mail.

Na perspectiva de investigação de como a fonte “impresso escolar” vem sendo investigada no campo da historiografia da educação, buscou-se produzir aproximações a partir das seguintes problematizações:

- Quais referenciais teóricos são mobilizados para a análise dos impressos escolares?
- Qual etapa de ensino era privilegiada ao se ter uma imprensa escolar nas décadas de 1930 a 1950?
- Havia imprensa escolar em instituições escolares femininas nas décadas de 1930 a 1950?
- Quais as condições materiais de existência dos impressos escolares que circularam nas décadas de 1930 a 1950?
- Qual região privilegia a utilização dessa fonte de pesquisa?

O cenário conduziu à criação de um protocolo de revisão sistemática que buscou aproximações às questões levantadas, sendo organizado em duas subseções: a primeira versou sobre a construção do protocolo de pesquisa mobilizado na revisão sistemática e as duas primeiras etapas executadas na revisão sistemática, quais sejam: planejamento e condução; e a segunda abordou sobre a última etapa da revisão sistemática, denominada extração de dados.

1.2.1 A REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE IMPRESSOS ESCOLARES: PRODUÇÃO DE UM PROTOCOLO PARA CONDUÇÃO

O protocolo da revisão sistemática foi o instrumento fundamental e responsável pela organização de todo o processo de revisão, que se constituiu em três etapas: planejamento, condução e extração. Cada etapa foi realizada para refinar os resultados na seleção de pesquisas que pudessem contribuir para a compreensão do objeto a ser trabalhado.

Na fase de planejamento, foi realizado o exercício de delimitação da abordagem da temática, dos objetivos, do tipo de pesquisa escolhida, além da definição das bases de pesquisas e as *strings*¹³ que foram escolhidas e utilizadas em cada uma das bases de dados, a partir das palavras-chave escolhidas.

Ainda na fase de planejamento, foi basilar definir os critérios para inclusão e exclusão das produções acadêmicas localizadas nas bases de dados que, posteriormente, foram necessárias para a classificação das produções selecionadas.

O passo seguinte, intitulado “estratégias de busca”, foi o meio pelo qual se realizou a filtragem das produções acadêmicas nas bases. Vale destacar que tais bases de dados são indexadas no programa Parsifal, pois dessa forma facilita a classificação das produções que, posteriormente, segundo os critérios estabelecidos, foram sendo incluídas ou excluídas.

Logo após, ocorreu a etapa de condução. Nessa etapa, os resultados das bases de dados foram importados para a plataforma e realizou-se a leitura dos resumos e da introdução, sendo que algumas produções eram lidas na íntegra quando havia dúvidas. Posteriormente, as produções científicas passaram pela análise dos critérios de inclusão e de exclusão.

¹³ Um conjunto de descritores com alguns operadores booleanos: AND, OR, parênteses. O objetivo de compor uma *string* para executar a sua pesquisa por literatura de interesse é unificar os procedimentos de busca em diversas bases e restringir ou ampliar o que se deseja buscar.

Registraram-se, na plataforma, as teses, dissertações, monografias, Trabalhos de Conclusão de Curso, artigos de periódicos e trabalhos de anais de eventos, que foram incluídos e excluídos, avaliando as questões da pesquisa e a abordagem utilizada para a investigação do impresso escolar. Desse processo de seleção, ressalta-se que a plataforma possuiu o objetivo de organização dos dados, pois quem produz a seleção das pesquisas é o pesquisador, como ocorreu neste percurso de investigação.

Após esse processo realizou-se a extração de dados, baseado em registrar todos os dados das produções selecionadas, realizar análises e registrar os estudos excluídos, além da possibilidade de interpretar todos os dados coletados, considerando as lacunas das pesquisas encontradas, bem como apresentando novas perspectivas para a prática científica. Com isso, produziu-se um protocolo de extração que auxiliou a nortear a coleta de dados e que foi registrado na plataforma Parsifal.

Nesse sentido, em um primeiro momento do protocolo, realizou-se a seleção de palavras-chave que se relacionavam à temática em foco e auxiliavam na produção de *strings* que ajudaram na busca das pesquisas nas bases de dados. A proposição resultou nas seguintes palavras-chave: 1. História da Educação; 2. Jornal Escolar; 3. Jornal Estudantil; 4. Impresso Escolar; 5. Impresso Estudantil; 6. Periódico Escolar; 7. Periódico Estudantil; 8. Ecos Juvenis.

A escolha de muitas palavras-chave no protocolo da revisão sistemática se atribuiu aos diversos termos que se utilizam na História Educação para se referir à fonte “Impresso Escolar”. Além disso, utilizou-se “Ecos Juvenis” como descritor para a possibilidade de localização de outras pesquisas que o utilizaram como fonte.

O levantamento das produções científicas a respeito da temática selecionada se deu a partir do acesso às plataformas do Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto (Oasisbr), da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e dos repositórios regionais das seguintes universidades: Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS – *campus* de Campo Grande), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS – *campus* de Campo Grande) e Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

A escolha das bases “Oasis” e “SciELO” partiu da compreensão da produção acadêmica em larga escala, visto que são plataformas alimentadas periodicamente e que contemplam

ferramentas de filtragem e/ou que dispõem de produções (teses, dissertações, artigos e capítulos de livro) gratuitas, em sua grande maioria com disponibilidade de consulta na íntegra ou link de redirecionamento para *downloads*. A investigação nos repositórios regionais se deveu à contemplação de produções acadêmicas regionais de Mato Grosso do Sul, pois em outras plataformas houve dificuldades na localização de produções regionais.

Ao se fazer menção às pesquisas “regionais”, destaca-se que, na investigação em plataformas nacionais, foi feito um exercício em diferentes regiões do país com particular interesse temático pela região do Centro-Oeste e no estado de Mato Grosso do Sul.

Com os resultados das bases de dados, no Parsifal as produções acadêmicas foram excluídas ou selecionadas de acordo com os critérios de inclusão e de exclusão estabelecidos no protocolo de revisão sistemática. Para ser selecionada, a pesquisa deveria atender a todos os critérios de inclusão e não poderia apresentar nenhum critério de exclusão. Esses critérios serão apresentados a seguir:

Inclusão: a) Pesquisas em âmbito nacional; b) Pesquisas que tenham como objeto impressos escolares e/ou que os utilizem como fonte principal de análise; c) Trabalhos com período delimitado nas décadas de 1930 a 1950¹⁴.

Exclusão: a) Pesquisas que utilizem o impresso escolar como fonte secundária de análise; b) Produções que estejam fora do período delimitado; c) Artigos de TCCs e anais de evento; d) Pesquisas em periódicos estrangeiros.

A partir desses critérios de seleção para as pesquisas, obtiveram-se os seguintes resultados com essas *strings*:

Quadro 1 - *Strings* utilizadas para a Revisão Sistemática nas bases de dados

BASES DE PESQUISAS STRINGS	RESULTADOS	EXCLUÍDOS	INCLUÍDOS
Oasis Impresso* escolar* OR Impresso* estudantil* AND História da Educação	54	47	7

¹⁴ Período de circulação do *Ecos Juvenis*, de 1934 até meados da década 1950; dessa forma, investigam-se as condições materiais de existência dos impressos escolares neste recorte temporal.

Oasis Ecos Juvenis	8	7	1
Scielo Impresso* escolar* AND História da Educação	32	29	3
Scielo Ecos Juvenis	0	0	0
UFMS	2	0	2
TOTAL	96	83	13

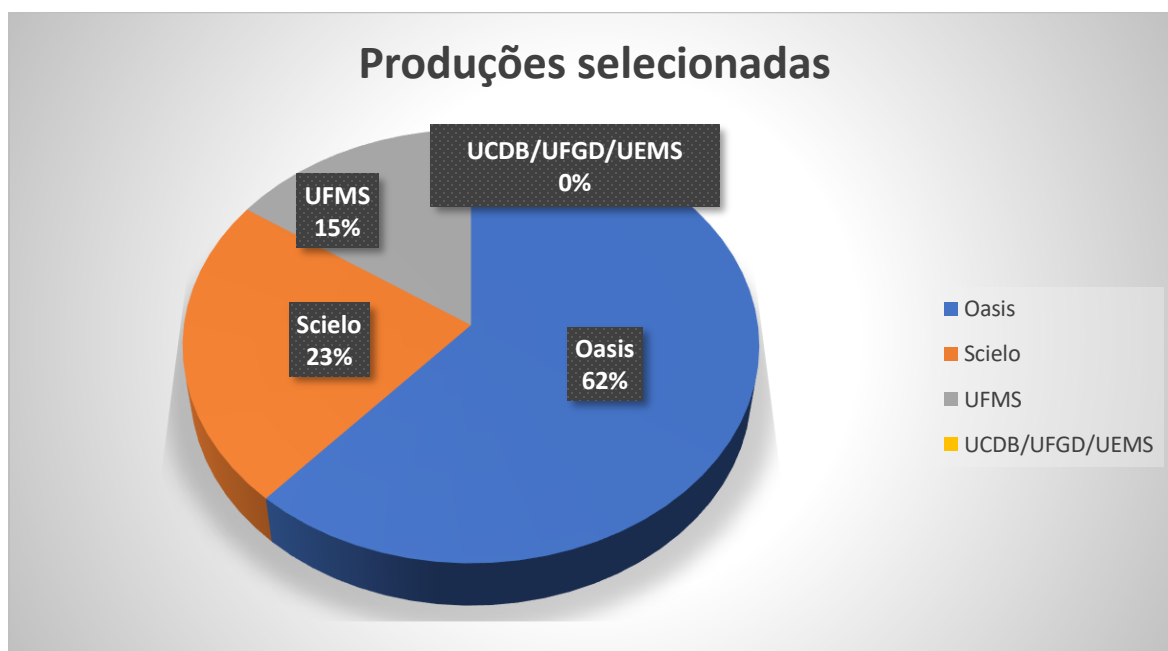
Fonte: Parsifal.

Organização: Gomes, 2023.

Sinaliza-se que algumas *strings* selecionadas possuíam trancamento (*). Isso possibilitou a busca por palavras no plural e similares. O quadro acima demonstra, de forma quantitativa, o total de trabalhos selecionados, além de mostrar as produções que foram excluídas e incluídas segundo os critérios estabelecidos, especificamente em cada base de dados.

As bases regionais da UFMS, UFGD, UCDB e UEMS foram consultadas, porém, pelos critérios de seleção, foram localizadas somente duas pesquisas na UFMS. Não foram usadas *strings* nessas bases, já que se procurou fazer a busca de forma manual e as duas pesquisas localizadas na UFMS foram exportadas para a plataforma Parsifal para a fase da extração. O gráfico a seguir demonstra o percentual das produções selecionadas levando em conta as pesquisas duplicadas que apareceram em mais de uma base.

Gráfico 1 - Produções selecionadas nas bases de dados



Fonte: Parsifal, 2023.

As 13 pesquisas aceitas passaram por um segundo processo de refinamento durante a fase de extração na busca por responder às problematizações propostas inicialmente. A seguir é apresentado o formulário de extração, que foi cadastrado também na plataforma Parsifal.

1.2.2 EXTRAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE IMPRESSOS ESCOLARES: ÂMBITO NACIONAL E REGIONAL

Esta subseção tem por objetivo a compreensão das 13 produções selecionadas nas bases de dados, ressaltando-se que, para a fase de extração, todas as pesquisas selecionadas foram analisadas na íntegra. Posto isso, o quadro 2¹⁵ demonstra as informações das 12 pesquisas que foram aceitas pelos critérios de inclusão:

¹⁵ Utilizou-se o seguinte critério de organização do Quadro 2: das pesquisas mais antigas para as mais recentes.

Quadro 2 – Características das produções selecionadas

ANO	TÍTULO	AUTOR(A):	TIPO/ INSTITUIÇÃO E NÍVEL DE ENSINO OU NOME DO PERIÓDICO
2007	Imagens Femininas Nos Jornais Mato-Grossenses (1937-1945): Identidade e Controle Social	Carlos Alexandre Barros Trubiliano	Dissertação/ Mestrado em História (UFGD)
2009	Em cena, o movimento estudantil acadêmico no Maranhão (1930-1950)	Márcia Cordeiro Costa	Dissertação/ Mestrado em Educação (UFMA)
2010	Lendo no Jornal <i>Stella Maris</i> 1938-1945 as marcas da formação das professoras em uma Escola Normal Católica de Minas Gerais	Maria Cecília de Medeiros Abras	Tese/ Doutorado em Educação (UFMS)
2012	Imprensa estudantil e práticas de escrita e de leitura: a revista <i>O Estudo</i> (Porto Alegre/RS, 1922 a 1931)	Andréa Silva de Fraga	Dissertação/ Mestrado em Educação (UFRGS)
2013	<i>O Estudo</i> e sua materialidade: revista das alunas-mestras da escola complementar/normal de Porto Alegre/RS (1922-1931)	Andréa Silva de Fraga	Artigo/ Revista História da Educação
2013	<i>FEUPA</i> : uma revista produzida pela federação dos estudantes universitários de Porto Alegre (RS, 1945/46)	Dilza Porto Gonçalves e Patrícia Rodrigues Augusto Carra	Artigo/ Revista História da Educação
2013	Humor e irreverência nos impressos estudantis de escolas normais rurais (RS, 1945-1983)	Flávia Obino Corrêa Werle	Artigo/ Revista História da Educação
2013	O jornal escolar <i>O Estudante Orleanense</i> : não podemos tornar as crianças felizes, mas podemos	Giani Rabelo	Artigo/ Revista História da Educação

	fazê-las felizes tornando-as boas (Santa Catarina, 1949-1973)		
2015	Organização e imprensa estudantil no Instituto de Educação Sud Mennucci (1952-1954)	Isis Sanfins Schweter	Dissertação/ Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade (PUC- SP)
2015	O Colégio Visconde de Taunay em Campo Grande na década de 1930	Jaíne Massirer da Silva e Kênia Hilda Moreira	Artigo/ Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade
2016	Organização e imprensa estudantil no Colégio de São Luiz e Liceu Maranhense: processo de formação de uma elite letrada (1949-1958)	Mary Jones Ferreira de Moura Aquino	Dissertação/ Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade (PUC- SP)
2019	Os saberes para professores elaborados na revista O Estudo (1922-1931)	Fernanda Plaza Rodrigues	Dissertação/ Mestrado em Educação (UNESP)
2022	Representações e práticas do Ginásio Dom Bosco no sul do antigo Mato Grosso: em estudo o periódico escolar <i>O Ginásio</i> (1937 – 1945)	Jéssica Lima Urbietta	Tese/ Doutorado em Educação (UFMS)

Fonte: Parsifal.

Organização: Gomes, 2023.

De forma geral, todas as pesquisas contribuíram para a compreensão do objeto na revisão sistemática, em maior ou menor grau de relevância. Com o objetivo de estabelecer aproximação às problematizações propostas e fazer um refinamento nas análises, foi utilizado o seguinte formulário de extração, o qual foi indexado no Parsifal:

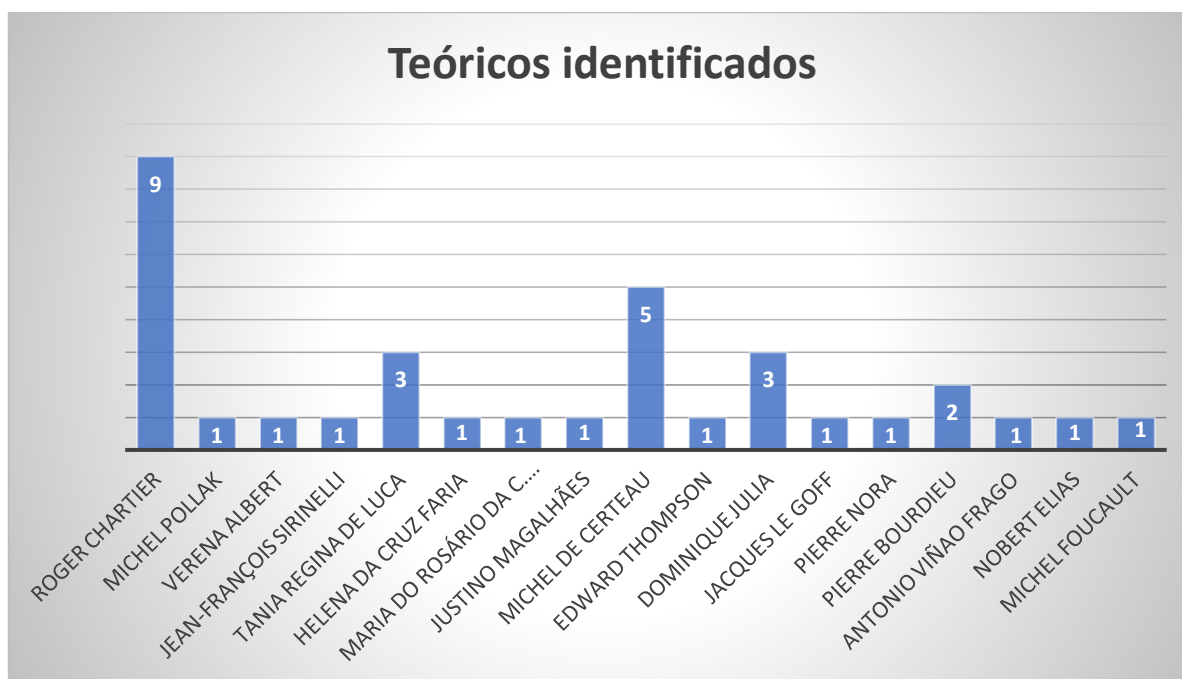
Figura 1 - Formulário de extração de dados na plataforma Parsifal

Formulário de extração de dados	
Descrição	
^ v	Temática
^ v	Palavras-chave
^ v	Objetivo geral
^ v	Referencial teórico
^ v	Tese
^ v	Termo para se referir a fonte
^ v	cidade e região do país da escola
^ v	Etapa de ensino
^ v	Imprensa escolar feminina?
^ v	A produção faz menção as condições materiais do impresso ?
^ v	Se sim, qual era o tempo de circulação do impresso? o local de produção? havia preço? havia propagandas?

Fonte: Parsifal, 2023.

Em relação aos referenciais teóricos adotados, observou-se que há uma diversidade deles nas pesquisas, o que contribuiu para a investigação da temática selecionada, considerando o fato de que houve diversas perspectivas teóricas em relação ao impresso escolar. O gráfico a seguir demonstra o percentual dos teóricos identificados, sinalizando que algumas produções mobilizaram mais do que um referencial teórico.

Gráfico 2 - Teóricos mobilizados nas produções selecionadas



Fonte: Parsifal, 2023.

Na investigação do referencial teórico, optou-se por discutir ao longo do texto os autores adotados em pelo menos duas pesquisas. Dessa forma, a investigação possibilitou identificar que o referencial teórico predominante é vinculado à Nova História Cultural, qual seja, o historiador Roger Chartier. Este é muito utilizado na investigação da temática selecionada, pois 9 produções das 12 selecionadas utilizaram-se de suas contribuições.

Esse teórico contribuiu com o conceito de “representação” nas pesquisas, a qual é entendida como uma percepção da realidade, sendo que o agente social constrói a sua percepção a partir do campo social em que ele está inserido. No caso das pesquisas investigadas, trata-se do campo escolar e/ou da imprensa escolar. Some-se a isso que uma representação remete a um segmento social específico. Não é universal. É relativa, contextual e remete a um segmento particular, ao passo que distintos grupos sociais elaboram distintas representações (CHARTIER, 1990).

As representações sociais se materializaram nos impressos escolares por meio dos textos em que os alunos relatam sua percepção do mundo social, trazendo, assim, indícios para a pesquisa dos processos educativos. O autor também é utilizado na perspectiva da

investigação da materialidade do impresso, haja vista que se entende que há intencionalidades na sua organização técnica.

O segundo referente teórico mais mobilizado é Michel de Certeau, que aparece em 5 produções e é vinculado à História Cultural. As investigações incursionam em diferentes perspectivas, quais sejam: nos discursos que eram veiculados no impresso escolar, sobre questões de operação historiográfica, em não separar a leitura do texto em si, e discussões acerca do impresso escolar como uma estratégia ou tática para uma formação específica dos alunos.

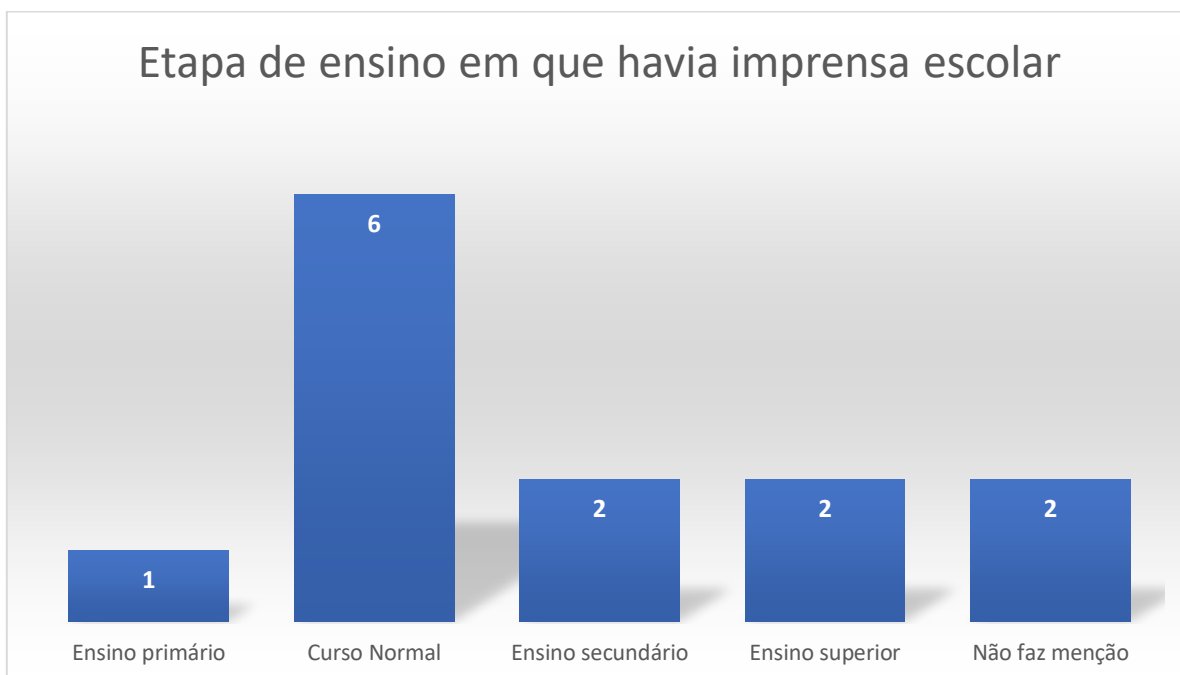
Dois referentes teóricos foram identificados em três pesquisas, quais sejam: Dominique Julia e Tania Regina Luca. Dominique Julia foi utilizado na perspectiva de investigação da cultura escolar. As pesquisas abordam que, na investigação de impressos escolares ou da imprensa escolar, há possibilidades para compreender a dinâmica social do cotidiano escolar e as múltiplas facetas existentes nos processos educativos desenvolvidos nas escolas, trazendo indícios dos aspectos internos dessa instituição (cursos, programas e currículo). Além disso, é discutido que a imprensa escolar se reveste como importante meio de construção e expressão da cultura escolar.

Em relação à perspectiva teórica de Tania Regina Luca, as contribuições se deram na investigação da materialidade do texto e nas condições materiais do impresso escolar. As categorias de análise como periodicidade, impressão, tipo de papel, uso/ausência de iconografia, publicidade e tempo de circulação do impresso formam um quadro conceitual favorável para a compreensão das condições materiais de existência do impresso em determinados tempos históricos. Essa autora também pesquisou sobre a imprensa no Brasil.

No que se refere à Teoria da Prática de Pierre Bourdieu, observou-se que foi adotada em duas produções acadêmicas na utilização da noção de *habitus* - auxiliando na identificação de práticas que foram mobilizadas nos diferentes *lôcus* de pesquisa, ou seja, nas instituições escolares e/ou na imprensa escolar para inculcação de um modo de estar e ser no mundo social - e do conceito de campo, pois a circulação do impresso estava ligada às lutas no campo educacional, ou seja, aos interesses em disputa em determinados tempos históricos.

Referente às etapas de ensino em que havia imprensa escolar nas décadas de 1930 a 1950, o gráfico abaixo demonstra o percentual obtido, o qual foi localizado a partir das produções acadêmicas selecionadas:

Gráfico 3 - Etapas de ensino identificadas nas produções acadêmicas



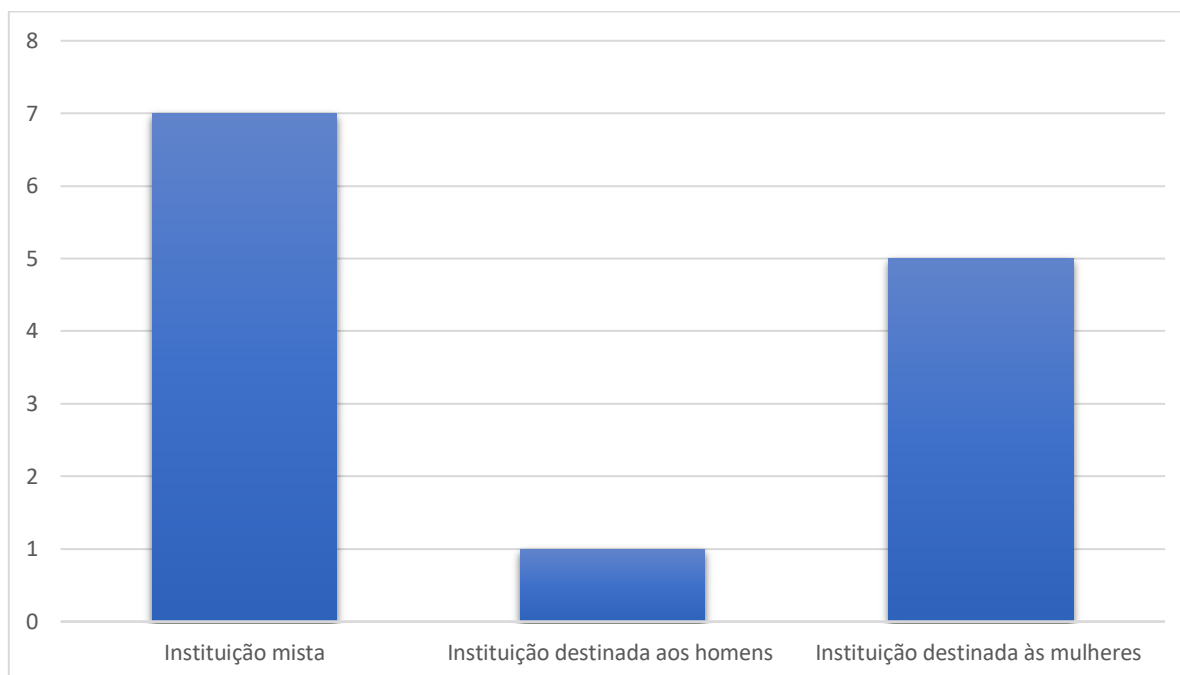
Fonte: Parsifal, 2023.

Nas décadas de 1930 a 1950 a imprensa escolar esteve mais presente em instituições secundárias e no ensino superior. Tal concentração decorre das intencionalidades que havia nesses cursos, quais sejam, o refinamento cultural e o fato de a imprensa escolar ser um espaço propício para tal objetivo.

As pesquisas fazem menção de que havia na imprensa escolar secundarista e do ensino superior debates referentes a alguns saberes e problemas sociais. Também lançava os jovens na vida pública, o que contribuía para o refinamento cultural desses estudantes. Além disso, as pesquisas trouxeram contribuições ao mencionar que essas etapas de ensino se caracterizavam como seletivas e elitistas.

No que diz respeito à questão da imprensa escolar feminina nas décadas de 1930 a 1950, o gráfico a seguir demonstra o percentual obtido, o qual se localizou a partir das produções científicas selecionadas:

Gráfico 4 - Público-alvo das instituições em que havia imprensa escolar identificadas nas produções científicas



Fonte: Parsifal, 2023.

A figura 6 indica que a maioria das produções que investigaram a imprensa escolar no período histórico de 1930 a 1950 teve como *lócus* de pesquisa instituições mistas, ou seja, destinadas a homens e mulheres. Também se destacou que houve um percentual significativo na identificação de escolas divididas por gênero: 6 produções.

Além disso, identificou-se que das 5 produções que possuíram como fonte e/ou objeto de pesquisa impressos escolares de instituições destinadas às mulheres ou a imprensa escolar feminina, 4 eram da etapa de ensino do Curso Normal (FRAGA, 2012; FRAGA, 2013; RODRIGUES, 2019; ABRAS, 2010). Para Maria Luisa Santos Ribeiro (2003), as primeiras escolas normais para a formação de professores surgiram no Brasil entre 1835 e 1880, oferecidas primeiramente aos homens, porém depois houve a inclusão de mulheres, no início do século XX. A inclusão das mulheres acarretou algumas mudanças curriculares com algumas disciplinas referentes ao ensino para o futuro “lar”.

As pesquisas fizeram menção de que houve nos discursos desses impressos escolares “valores” da profissão docente, os quais eram tidos como “valores femininos”, tais como: o “saber” de convívio com as crianças, a sensibilidade e o instinto materno. Além disso, houve

a localização de uma pesquisa que utiliza o impresso escolar *Ecos Juvenis* como fonte e outros impressos, quais sejam: *A violeta* e *A cruz*, impressos não escolares (TRUBILIANO, 2007, p. 110) e o pesquisador dissertou que havia neles uma perspectiva similar de mulher ligada à “[...] condição de ‘rainha do lar’, devendo seguir padrões de comportamento que limitavam os espaços sociais a serem ocupados e as atividades públicas que poderiam ser desempenhadas.”, em síntese, uma lógica de subalternidade referente ao papel da mulher.

Em relação às condições materiais de existência dos impressos escolares das décadas de 1930 a 1950, foi produzido um quadro com informações sobre os 20 impressos que foram localizados a partir das produções acadêmicas selecionadas. Destaca-se que há pesquisas que investigam mais do que um impresso:

Quadro 3 - Condições materiais dos impressos escolares

Nome do impresso:	Tempo de circulação:	Local de produção:	Havia preço? Se sim, qual era?	Havia propagandas?	Qual pesquisa investiga esse impresso?
<i>O Sud Mennucci</i>	3 anos (1952-1954)	Gráfica	Sim, Cr\$2,00 cruzeiros, até o exemplar seis, depois começou a custar Cr\$10 anuais com uma assinatura.	Sim, grande quantidade de anúncios	Schweter (2015)
<i>Jornal Avante</i>	2 anos (1949-1950)	Não identificou	Sim, Cr\$ 1,00 para número avulso e Cr\$ 1,50 para os números atrasados da primeira, segunda, quinta e sexta edição. Para a terceira e quarta edição, o preço do número avulso passou para Cr\$ 0,50 e o preço do número atrasado para Cr\$ 1,00.	Sim, grande quantidade de anúncios	Aquino (2016)

<i>Folha Estudantil</i>	1 ano (1951)	Gráfica	Sim, Cr\$ 1,00 por exemplar	Sim, grande quantidade de anúncios	Aquino (2016)
<i>O Estudante de Atenas</i>	2 anos (1956-1957)	Não identificou	Não localizou essa informação	Sim, grande quantidade de anúncios	Aquino (2016)
<i>O Liceu</i>	2 anos (1956-1957)	Não identificou	Sim, Cr\$ 2,00 por exemplar	Sim, grande quantidade de anúncios	Aquino (2016)
<i>O Estudo</i>	10 anos (1922-1931)	Gráfica	Sim, vinte mil réis por exemplar	Sim, grande quantidade de anúncios	Fraga (2012, 2013); Rodrigues (2019)
<i>Vida Escolar</i>	2 anos (1934-1936)	Não identificou	Não identificou	Não identificou	Silva; Moreira (2015)
<i>Folha Acadêmica</i>	Não identificou, localizou um exemplar de 1934	Gráfica	Não identificou	Sim, quantidade média	Costa (2009)
<i>Esquerda</i>	Não fez menção, localizou 5 exemplares de 1934	Gráfica	Não identificou	Sim, quantidade média	Costa (2009)
<i>Voz Universitária</i>	Não identificou, localizou um exemplar 1 ano (1954)	Gráfica	Sim, Cr\$ 1,00 por exemplar	Sim, baixa quantidade	Costa (2009)
<i>Universitária em Marcha</i>	Não fez menção, localizou 2	Não identificou	Sim, Cr\$ 2,00 por exemplar	Não identificou	Costa (2009)

	exemplares de 1955				
<i>Vigilância</i>	Não fez menção, localizou um 1 exemplar de 1957	Gráfica	Não, era gratuito	Sim, quantidade média	Costa (2009)
<i>Movimento</i>	Não fez menção, localizou 3 exemplares de 1958	Não identificou	Não identificou	Não possuía propagandas	Costa (2009)
<i>Universitário</i>	Não fez menção, localizou 3 exemplares de 1958	Gráfica	Não identificou	Não identificou	Costa (2009)
<i>O Ginásio</i>	10 anos (1936-1945)	Gráfica	Não identificou	Não fez menção	Urbietta (2022)
<i>Stella Maris</i>	Aproximação de 30 anos (1930-meados da década de 1960)	Gráfica, mimeógrafo da escola, datilografado e manuscrito pelas alunas	Sim, por assinaturas anuais no valor de 6\$000	Sim, grande quantidade de anúncios	Abras (2010)
<i>FEUPA</i>	2 anos (1945-1946)	Gráfica	Não identificou	Não possuía propagandas	Gonçalves; Carra (2013)
<i>A voz da Cerra</i>	5 anos (1946-1950)	Mimeógrafo da escola	Não identificou	Sim, quantidade média	Werle (2013)
<i>O Eco do Estudante</i>	27 anos (1947-1983)	Mimeógrafo da escola	Não identificou	Não possuía propagandas	Werle (2013)

<i>O Estudante Orleanense</i>	13 anos (19, 49, 1950, 1951, 1957, 1959, 1960, 1961, 1962, 1963, 1970, 1971, 1972 e 1973)	Na década de 1950 era feito à mão, e a partir da década de 1960 foi feito na gráfica	Não identificou	Sim, grande quantidade de anúncios	Rabelo (2013)
<i>Ecos Juvenis</i>	Aproximação de 20 anos (1934- meados de 1950)	Não faz menção	5\$000 em 1937, 7\$000 em 1938 e 10\$000 em 1940	Sim, porém, não fez menção da quantidade.	Trubiliano (2007)

Fonte: Parsifal.

Organização: Gomes, 2023.

Foram adotadas quatro categorias para a investigação das condições materiais dos impressos escolares das décadas de 1930 a 1950: tempo de circulação, local de produção, preço e publicidade.

Nas leituras das produções selecionadas, identificou-se que houve impressos que possuíam dificuldade de se manter em circulação. Houve indícios de diversos impressos que circularam durante um período de curta duração - 15 impressos circularam entre 1 a 5 anos - , porém somente uma pesquisa problematizou essa questão, qual seja, Costa (2009, p. 101), que investigou os impressos: *Folha Acadêmica*, *Esquerda*, *Voz Universitária*, *Universitários em Marcha*, *Vigilância* e *Movimento* e tal problematização foi calcada numa análise das propagandas, as quais exaltavam os anunciantes:

Sobre a publicação desses impressos em sua maioria, vemos que seus redatores enfrentavam muitas dificuldades em mantê-los. Dessa forma, contavam com a colaboração dos seus anunciantes do comércio, da indústria e dos seus leitores. Quando iniciamos a pesquisa, vimos que a desde a década de 30 os redatores demonstravam a importância que lhes atribuem ao prestar-lhes homenagens, tratando-o com a referência de quem se sabiam dependentes.

Nesse sentido, identificou-se que a dificuldade de um tempo de circulação longo estava atrelada à questão do financiamento para uma impressão em gráfica, pois em sua

maioria aqueles que circularam durante um período curto eram impressos em gráficas. Houve um impresso que circulou por 5 anos, qual seja, *A voz da Serra* (WERLE, 2013), que era produzido por um mimeógrafo da escola. Dessa forma, poderia depender do senso de importância que era atribuído às atividades envolvendo o impresso escolar.

Em relação à perspectiva do local de produção, identificou-se que a maioria dos impressos (12 no total) era produzida em gráfica. Além disso, localizaram-se estratégias para haver impressos escolares em algumas instituições, como a impressão no mimeógrafo da escola e produções de impressos à mão. Também se compreendeu que, para custear o financiamento do impresso em gráfica, 8 deles cobravam pelo exemplar ou havia assinaturas anuais para esse custeamento.

Outra estratégia de localização é em relação à categoria de publicidade, sendo que 13 impressos possuíam propagandas em pequena, média e larga escala. Tal estratégia possibilitaria o financiamento do impresso, pois pagava-se pela publicidade. Levantou-se também a hipótese de que aqueles nos quais havia publicidade teriam mais autonomia para a escrita estudantil, porém as pesquisas enfatizam que havia uma autonomia relativa. Conforme pontuou Schweter (2015), apesar dos diversos anúncios considerou-se que não havia uma plena autonomia estudantil em relação ao que era publicado.

Fraga (2012), na investigação do impresso *O Estudo*, destacou que houve indícios de que não havia autonomia estudantil, pois as alunas escreviam com base no que era aprendido no âmbito da sala de aula. Ademais, a escrita para o impresso era uma proposta da escola. Rabelo (2013), ao investigar *O Estudante Orleanense*, e Werle (2013), ao investigar o *A Voz da Serra*, compreenderam também que havia uma autonomia estudantil relativa, pois havia professoras orientadoras nas associações dos impressos. Somente Costa (2009) destacou que havia uma maior autonomia estudantil em alguns impressos, com discussões políticas mais progressistas, porém o ideário nacionalista da Era Vargas prevalecia na maioria dos impressos universitários, ou seja, era um espaço de conformação. Nessa questão, Aquino (2016, p. 101, grifo nosso) dissertou que

[...] considera-se a evocação do nacionalismo como posicionamento político presente em todas as publicações, **mesmo naquelas do centro liceista, onde as diretorias se apresentam distintas quanto à representação estudantil.** Ou seja, o nacionalismo, além do nome do jornal, é um ponto convergente entre os grupos. Porém os estudantes não fazem críticas quanto à situação política e social do estado, não reclamam

por melhorias nos estabelecimentos de ensino, a crítica recaí, muitas vezes, sobre as relações que os estudantes apresentam na escola.

Em suma, compreendeu-se que havia dificuldade em relação a manter esse veículo nas décadas de 1930 a 1950 nas instituições de ensino, porém essas instituições mobilizavam uma série de estratégias para mantê-lo na perspectiva de compreensão de um senso de valorização desse espaço derivado do ideário escolanovista.

Localizou-se em 9 pesquisas a menção à Escola Nova, nas quais os pesquisadores destacaram que os ideários escolanovistas, principalmente as ideias de protagonismo e autonomia do estudante, incentivaram a atividade da imprensa escolar e/ou da produção de impressos escolares. Apesar do paradoxo que alguns pesquisadores destacaram sobre a autonomia estudantil na produção dos impressos escolares, “[...] é necessário ressaltar que para esses alunos, os novos métodos da escola nova circulavam pelo espaço do Instituto, mas não eram colocados em práticas pelos professores.” (SCHWETER, 2015, p. 96).

Tais atividades, além dos propalados fins pedagógicos, defendidos pela Escola Nova, tinham por objetivo instituir práticas de disciplina e ordem tão necessárias ao desenvolvimento da nação, segundo o projeto educacional do Estado Novo. (ABRAS, 2010, p. 96).

[...] nos discursos, veiculados pelas matérias do Vida Escolar, a tônica em torno dos conceitos de educação e instrução ora se aproximam ora se distanciam, mas de modo geral, percebe-se uma preocupação em atender os conceitos pedagógicos renovados da Escola Nova, de denominação ativa, em que o aluno é o centro e o professor tem um papel de mediador no processo de construção do conhecimento. Como essa renovação pedagógica funcionava na prática, no cotidiano da sala de aula, com um significativo número de professores militares, é uma outra história. (SILVA; MOREIRA, 2015, p. 117).

Dois livros de escolanovistas foram mencionados nas pesquisas, quais sejam: “Jornais Escolares” de Guerino Casasanta¹⁶, em 4 pesquisas, e “O Jornal Escolar”, de Célestín Freinet¹⁷, em 1 pesquisa. Tais obras possuíram propostas próximas e faziam menção às

¹⁶ Foi professor em Belo Horizonte, e, exerceu o cargo de Inspetor de Instrução em Minas Gerais. Também, destacou-se como autor de diversos livros, que abordavam questões relacionadas a Educação. Amaral (2013) sinaliza que a obra “Jornais escolares”, constituía-se parte de uma série intitulada “Atualidades Pedagógicas”, no qual, essa série iniciou-se em 1931 e durante 25 anos foi dirigida por Fernando de Azevedo, ou seja, Casasanta estava em diálogo com os escolanovistas brasileiros.

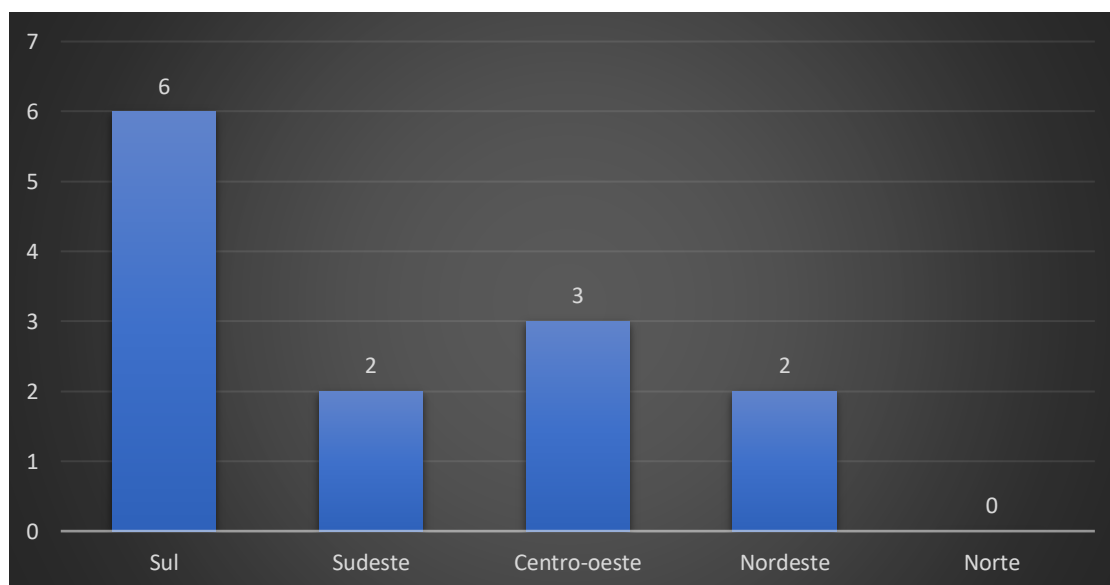
¹⁷ Professor da França, intelectual francês da Escola Nova. Além disso, escritor de diversas obras referentes a educação, no qual, houve uma grande influência de seu pensamento no campo educacional.

práticas que poderiam ser mobilizadas pelos professores com o jornal escolar. As pesquisas focalizaram em problematizar a questão do ideário escolanovista dos livros em relação aos impressos escolares.

Destacou-se que 2 pesquisas trouxeram o impacto das ideias das obras no campo educacional e traçaram um diálogo com o objeto de pesquisa, utilizando as obras como uma fonte. Além disso, ressaltou-se que 2 pesquisas fizeram menção às indicações que Casasanta (1939) fez em relação à materialidade dos impressos e colocaram a obra em diálogo com o objeto, a partir dos seguintes aspectos: fontes, títulos das notícias, financiamento do impresso, anúncios e a tipificação da impressão. Considerou-se que há possibilidades de utilizar essas obras para incursionar nessas duas discussões ao longo de toda esta dissertação.

Na investigação das regiões do país em que havia imprensa escolar nas décadas de 1930 a 1950, o gráfico a seguir demonstra o percentual obtido, o qual se localizou a partir das produções selecionadas:

Gráfico 5 - Regiões do país com imprensa escolar nas décadas de 1930 a 1950 – identificadas nas produções acadêmicas



Fonte: Parsifal, 2023.

O gráfico 5 indicou que no período de 1930 a 1950 havia um espaço para a imprensa escolar em quase todas as regiões do país. Apenas não se localizou na região norte. A região sul ganhou destaque na investigação e, além disso, notou-se que os pesquisadores dessa

região privilegiam o impresso escolar como fonte e/ou objeto. Dessa forma, considerou-se basilar o exercício de mobilizar essa fonte no campo historiográfico da educação, na perspectiva de uma gama de problematizações que podem ser feitas em torno das instituições de ensino e/ou da imprensa escolar.

Em relação à preocupação em contemplar as produções regionais do Centro-Oeste e Mato Grosso do Sul, foram identificadas três pesquisas que auxiliaram a compreender o campo educacional e a imprensa escolar no recorte temporal de 1930 a 1950 no antigo sul de Mato Grosso, quais sejam: Urbietta (2022), que investigou o impresso *O ginásio*, vinculado ao Colégio Dom Bosco; Silva e Moreira (2015), que investigaram o impresso *Vida escolar*, vinculado ao Colégio Visconde de Taunay e ao Internato Osvaldo Cruz; e Trubiliano (2007), que investigou três impressos, sendo um deles o *Ecos Juvenis*, vinculado ao Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

A pesquisa de Trubiliano (2007) possibilitou dialogar com o objeto de pesquisa atual da dissertação, pois utilizou o *Ecos Juvenis* como fonte. Dessa forma, foi nosso par de discussão teórica. Além disso, a partir dessa pesquisa, Trubiliano e Martins (2010) publicaram um artigo intitulado: “O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e a Revista Ecos Juvenis: educação e imprensa feminina no sertão mato-grossense (1937-1945)”, na Revista Ensaio. Esse texto não foi localizado na revisão sistemática, porém a partir de uma localização “informal” foi utilizado, na perspectiva das diversas contribuições para a pesquisa.

Ainda informalmente, foi localizado um texto pertinente, qual seja: “Impressos estudantis secundaristas como fonte para a História da Educação: potencialidades e desafios no processo de produção de um repertório sobre o Sul de Mato Grosso (Brasil)”, de Moreira e Galvão (2022). Neste, as autoras trazem a dissertação de Trubiliano (2007) e também foi nosso par de discussão, tendo em vista as diversas contribuições do referido texto no que concerne a “[...] produzir um repertório analítico, com o principal intuito de fomentar novas pesquisas [...]” (MOREIRA; GALVÃO, 2022, p. 8).

Notou-se que as três pesquisas localizadas na revisão sistemática referente à região do sul de Mato Grosso investigaram impressos escolares de instituições campo-grandenses (TRUBILIANO, 2007; SILVA; MOREIRA, 2015; URBIETA, 2022). Além disso, Moreira e Galvão (2022) fizeram menção a outros impressos que circularam em Campo Grande, quais

sejam: *Primícias*, vinculado ao Ginásio Municipal de Campo Grande; e *A pena*, vinculado ao Colégio Estadual Campo-grandense.

Todavia, questionou-se se havia a imprensa escolar nesse recorte temporal em outras cidades no antigo sul de Mato Grosso, quais sejam: Corumbá, Dourados, Naviraí, Três Lagoas etc. Observou-se que sim, visto que Moreira e Galvão (2022) fizeram menção ao *Eco do Collegio*, do Colégio Santa Teresa, que circulou na década de 1920 em Corumbá.

Por fim, salientou-se que o exercício da revisão sistemática possibilitou a identificação de pesquisas que contribuíram para a identificação de lacunas e para a apreensão do que foi produzido no campo científico, todas essas reflexões pensadas nas perspectivas de âmbito nacional e regional.

1.3 AS FONTES DA PESQUISA E OS ARQUIVOS

Esta subseção tem por objetivo tecer considerações a respeito dos processos de seleção, localização e tratamento das diferentes fontes que foram mobilizadas para a construção da dissertação.

Como mencionado anteriormente, compreendeu-se que o documento é monumento (LE GOFF, 2003). Dessa forma, não há fonte neutra ou “legítima”, como nos alerta Le Goff (2003, p. 477): “No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo.”.

Apesar do rigor metodológico nas incursões da História da Educação, entendeu-se que as fontes dispostas possibilitam trazer vestígios para a reconstrução historiográfica a respeito da imprensa escolar feminina no sul do antigo Mato Grosso.

Promove-se na pesquisa o movimento de cruzamento de fontes para compor a dissertação, pois se considerou imprescindível para a aproximação ao objeto em questão. Utilizaram-se para tanto diversas fontes além do impresso escolar.

No trabalho com as fontes históricas, destacam-se três etapas que foram empregadas: a) localização das fontes; b) catalogação das fontes (relatório empírico); e c) cruzamento das fontes localizadas.

Ficou claro que na pesquisa histórica é imprescindível a utilização das fontes, por meio das quais o pesquisador produz problematizações a partir da localização destas. Assim,

um dos processos comuns para a construção das problematizações é a visita a acervos, arquivos, biblioteca, memoriais e museus.

A primeira incursão da pesquisa ocorreu em 2019, na Biblioteca Pe. Félix Zavattaro¹⁸, da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) em Campo Grande/MS, onde foi localizada a fonte do impresso escolar do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, localizado em Campo Grande/MT.

Havia uma equipe composta por duas funcionárias: uma menor aprendiz e uma bibliotecária, que auxiliavam pesquisadores que procuravam alguma fonte. Destaca-se que as duas funcionárias foram receptivas e se mostraram dispostas a auxiliar. Houve uma facilitação na localização dos 13 exemplares do *Ecos Juvenis*, pois há um sistema da biblioteca que registra tudo o que há na instituição em relação ao documento, porém o pesquisador tinha de saber o nome deste, pois as funcionárias não conheciam o que havia na biblioteca de documentos históricos.

Na biblioteca há diversas divisões de seções e o *Ecos Juvenis* estava localizado na seção de obras salesianas. Na referida seção há uma diversidade de fontes da congregação salesiana. Os exemplares do *Ecos Juvenis* estavam agrupados e catalogados em um livro de grande espessura e para registro foi utilizado o recurso da câmera do celular, como a figura 2 demonstra:

Figura 2 - Agrupamento dos exemplares do *Ecos Juvenis* na Biblioteca da UCDB



¹⁸ A busca pelo *Ecos Juvenis* foi recomendada pela pesquisadora Jéssica Urbietta, que localizou a fonte *O ginásio* nessa mesma biblioteca e utilizou esse impresso escolar, vinculado ao Colégio Dom Bosco, localizado em Campo Grande/MT, como objeto de pesquisa no curso de doutorado.

Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

A visita à biblioteca da UCDB foi profícua no que diz respeito à localização de diversos exemplares do *Ecos Juvenis*.

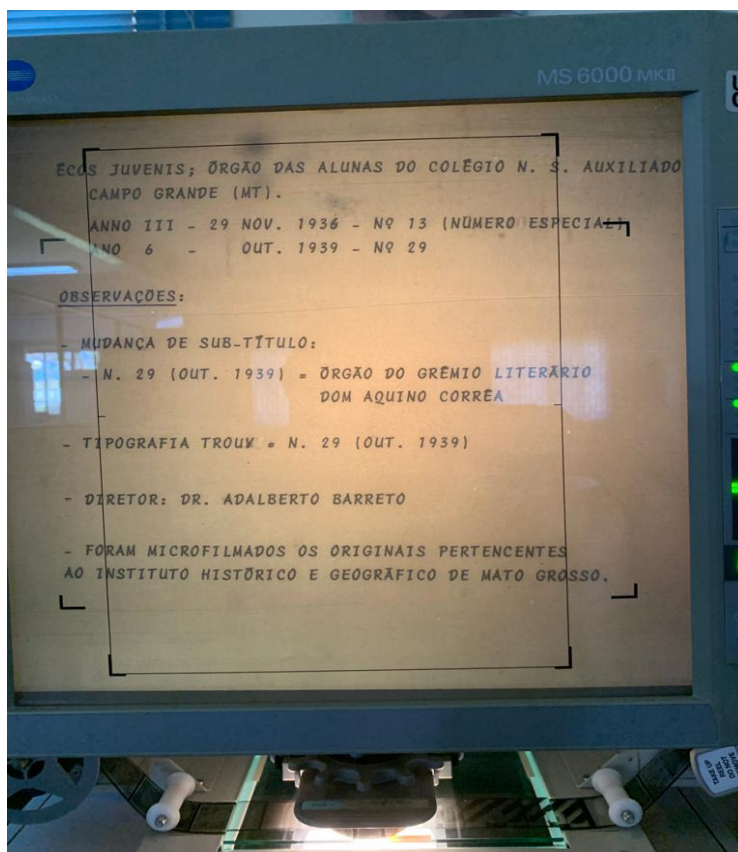
Na perspectiva de localizar mais exemplares do impresso e fontes a respeito do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, foi visitado o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, localizado em Campo Grande/MS. Para a recepção dos pesquisadores, era necessário agendar um horário no período da manhã ou da tarde. Uma vez agendado o horário, foi realizada a visita à instituição, em 2021.

Havia somente uma funcionária para a recepção dos pesquisadores, porém ela possuía um conhecimento mais aprofundado do que havia na instituição. Dessa forma, houve uma facilitação na localização das fontes, porém não havia no local os impressos *Ecos Juvenis*. Foram localizadas outras fontes, as quais incluem iconografias e periódicos da cidade que mencionam o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e o impresso *Ecos Juvenis* e iconografias do referido colégio.

Posteriormente foi visitado o acervo do Centro de Documentação Regional (CDR), o qual é um laboratório pertencente à Faculdade de Ciências Humanas (FCH) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), localizado na cidade de Dourados, no estado de MS. Anteriormente à visita presencial, verificaram-se no site do CDR ("<https://portal.ufgd.edu.br/setor/cdr/acervo>") as fontes que existiam no arquivo, pois os pesquisadores catalogaram todas as fontes que há no acervo. Identificou-se que havia 2 exemplares do *Ecos Juvenis*, os quais não eram exemplares que constavam no acervo da UCDB.

A coleta foi feita em dezembro de 2021, em um contexto pandêmico, dessa forma foi feito um agendamento para ocorrer a visita ao acervo. No momento da visita, havia somente uma funcionária, estagiária do curso de História, por questões de protocolo de segurança. O laboratório dispõe de computadores, mesas e luvas para os pesquisadores utilizarem. A funcionária foi receptiva, o que colaborou para o colhimento das fontes. O impresso escolar *Ecos Juvenis* estava em rolo de uma máquina denominada microfilme e, para elucidação, foi registrada uma fotografia do microfilme consultado:

Figura 3 - Máquina de Microfilme do CRD-UFGD



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Por fim, foi encontrado mais um exemplar do *Ecos Juvenis* no Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa, localizado em Barbacena, Minas Gerais. O local não foi visitado de forma presencial, sendo realizado o contato por e-mail com a instituição¹⁹. Ali foram localizadas diversas fontes a respeito das Filhas de Maria Auxiliadora e dos colégios salesianos femininos que estavam localizados no sul do antigo Mato Grosso.

Em síntese, o quadro abaixo demonstra todos os exemplares do *Ecos Juvenis* localizados para a pesquisa, bem como suas respectivas informações:

Quadro 4 - Exemplares localizados do *Ecos Juvenis*

Ano:	Ano e número do impresso:	Acervo localizado:
1936	Ano 3 e número especial	CDR/UFGD

¹⁹ Uma pesquisadora do GEPASE e do curso de mestrado do PPGEDU/UFMS, Roselaine Olmo, entrou em contato por e-mail com a instituição.

1939	Ano 6 e número 29	CDR/UFGD
1941	Ano 8 e número especial	Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa
1946	Ano 13 e número 51	Biblioteca Pe. Félix Zavattaro/UCDB
1946	Ano 13 e número 52	Biblioteca Pe. Félix Zavattaro/UCDB
1947	Ano 14 e s/n.	Biblioteca Pe. Félix Zavattaro/UCDB
1947	Ano 14 e número 53	Biblioteca Pe. Félix Zavattaro/UCDB
1948	Ano 15 e número 1	Biblioteca Pe. Félix Zavattaro/UCDB
1948	Ano 15 e número 54	Biblioteca Pe. Félix Zavattaro/UCDB
1949	Ano 16 e número especial	Biblioteca Pe. Félix Zavattaro/UCDB
1950	Ano 17 e número 57	Biblioteca Pe. Félix Zavattaro/UCDB
1950	Ano 17 e número 58	Biblioteca Pe. Félix Zavattaro/UCDB
1950	Ano 17 e número 59	Biblioteca Pe. Félix Zavattaro/UCDB
1951	Ano 18 e número 60	Biblioteca Pe. Félix Zavattaro/UCDB
1951	Ano 18 e número 61	Biblioteca Pe. Félix Zavattaro/UCDB
1951	Ano 18 e número 62	Biblioteca Pe. Félix Zavattaro/UCDB

Fonte: elaborado com base nos impressos localizados.
Organização: Gomes, 2023.

No decorrer da localização das fontes da pesquisa, houve uma parceria estabelecida pelos pesquisadores do GEPASE, por meio da qual foram socializadas as fontes, principalmente fontes documentais²⁰ do referido colégio.

Ortiz (2014) não localizou nenhum exemplar do *Ecos Juvenis* e relata que houve um sumiço no acervo do colégio “[...] dos exemplares da Revista Ecos Juvenis, o que impossibilitou a busca por outros materiais que contribuiriam com o trabalho [...]”. (ORTIZ, 2014, p. 149). Destacou ainda que a localização do *Ecos Juvenis* poderia trazer um maior “[...] esclarecimento do conjunto de práticas adotadas pelo Colégio [...]”. (ORTIZ, 2014, p. 19). Dessa maneira, as fontes documentais localizadas por essa pesquisadora em cruzamento com o *Ecos Juvenis* e outras fontes trouxeram uma nova abordagem e elucidação do que era vivido no âmbito escolar.

²⁰ Além da pesquisadora Roselaine Olmo, houve outra pesquisadora que socializou as fontes: Fernanda Ros Ortiz, a qual teve como *lócus* de pesquisa o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e cedeu diversas fontes documentais dessa instituição escolar.

O quadro a seguir identifica todas as fontes localizadas para utilização na pesquisa. Destacam-se as fontes documentais do colégio, os periódicos, os jornais locais e as obras memorialísticas.

Quadro 5 - Coleta das fontes

LOCAL	DOCUMENTOS COLETADOS
Colégio Nossa Senhora Auxiliadora – Presencial, coletado pela pesquisadora Fernanda Ros Ortiz	crônicas, atas do grêmio literário, iconografias, ofícios, relatórios de inspeção, diplomas, livros utilizados nos cursos secundários, diplomas, correspondências, pontos de prova, livro de matrículas, programa das disciplinas.
Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul – Presencial, coletado pelos autores	iconografias; Revista Livro Azul; Revista Civilização; Anuário Campo-grandense; Periódicos Álbuns de Campo Grande; obra memorialística: No Tempo do Auxiliadora Campo Grande na década de 1950 – Delma Monteiro Banducci, Maria Monteiro Albertini e Haydée Monteiro
Hemeroteca Digital – Virtual, pesquisado e coletado pelos autores	Jornal “O Estado de Mato Grosso”.
Estante Virtual – Virtual, pesquisado e coletado pelos autores	obras memorialísticas: Auxiliadora 70 anos – Yara Penteado; Gilka Martins Minha Caminhada – Lucilene Machado; História sem Nome Lembranças de uma Menina Quase Gêmea – Lenilde Ramos.
Acervo pessoal	Obra memorialística “Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul” – Maria da Glória Sá Rosa

Organização: Gomes, 2023.

Dois “locais” se constituem como digitais: a Hemeroteca Digital e a Estante Virtual. Na Hemeroteca Digital, há uma série de fontes registradas no site, o qual está disponível para os pesquisadores que quiserem consultá-lo. Foram consultados diversos jornais locais, porém o jornal O Estado de Mato Grosso se destacou ao mencionar o colégio e o impresso escolar *Ecos Juvenis*. Também acessou-se o site da Estante Virtual²¹, no qual há a possibilidade de

²¹ Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br>

vendas de livros novos e usados. Nele buscaram-se obras memorialísticas que faziam menção ao Colégio Nossa Senhora Auxiliadora ou/e ao impresso escolar *Ecos Juvenis*.

Em relação às obras memorialísticas, estas foram recomendadas pelas pesquisadoras do GEPASE que, em suas pesquisas, mobilizaram esse tipo de fonte, que se mostrou profícua para trazer diversas particularidades das instituições escolares no sul do antigo Mato Grosso. Compreendeu-se que a memória possui uma série de peculiaridades, é seletiva, possui esquecimentos e silenciamentos (POLLAK, 1989), porém, em específico nesta pesquisa, há diversas denúncias que emergem das alunas que vivenciaram o colégio e a imprensa escolar.

Nesse sentido, questiona-se: o que é uma obra memorialística? Esse tipo de obra literária é caracterizada por uma tentativa de oficializar a memória a partir da escrita, cujo objetivo é eternizar acontecimentos, divulgar elementos da sociedade e tornar conhecida a região. Os escritos podem ser realizados a partir da lembrança do autor ou das narrativas e opiniões comuns entre os integrantes da sociedade à qual eles se referem. Nas obras em questão, ganhou destaque a educação das moças da elite campo-grandense no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

Por fim, considerou-se que esse agrupamento de fontes possibilitou um enriquecimento analítico da pesquisa histórica, embora nem todas as fontes localizadas tenham sido utilizadas. Também se considerou que, apesar das ricas contribuições à historiografia regional ao investigar a imprensa escolar feminina do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, há diversas possibilidades de pesquisas que podem ser feitas a partir dos questionamentos a essas fontes localizadas.

1.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A DISSERTAÇÃO

A dissertação ora apresentada está organizada em apresentação e três seções e, no final, são apresentadas considerações sobre os resultados alcançados na pesquisa.

Na apresentação buscou-se tecer algumas considerações a respeito da trajetória acadêmica do pesquisador e da pesquisa. A primeira seção é composta por diversos questionamentos e análises específicas e gerais em relação aos referenciais teóricos mobilizados na pesquisa, bem como à revisão sistemática e às notas sobre as fontes de pesquisa e os locais visitados para a sua localização.

Apresentou-se o respaldo teórico mobilizado na pesquisa, como as noções bourdieusianas de campo, *illusio*, discurso performativo, *habitus* e capitais. Também mobilizou-se a noção de materialidade, que possibilitou problematizar as questões materiais de existência do impresso, respaldado pela Nova História Cultural, representada pelo referente teórico Chartier.

No que diz respeito à revisão sistemática, por meio dela se possibilitou uma elucidação da objetividade da imprensa escolar, das suas condições materiais de existência e das questões que envolveram a imprensa escolar feminina nas décadas de 1930 a 1950. Considerou-se basilar trazer questões que envolveram as fontes de pesquisa e os locais visitados para a sua localização, destacando-se os percalços e as visitas profícuas em diferentes locais.

A segunda seção dedicou-se a tecer a relação do macrocosmo com o microcosmo. Nesse sentido, foram localizados elementos universais da educação secundária, com foco na educação feminina e na imprensa escolar, além de elementos singulares do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e do impresso escolar *Ecos Juvenis*, ao dissertar sobre a trajetória do colégio e do impresso, como também sobre a materialidade do impresso escolar e as temáticas centrais abordadas por ele.

Na terceira seção, buscou-se a aproximação à *illusio* do subcampo da imprensa escolar salesiana, na perspectiva de moldar um *habitus* de classe e de gênero. Nesse sentido, foram trazidos à tona elementos que movimentavam as agentes sociais nesse subcampo, os quais estavam ligados a um “fetichismo” por alguns papéis, conhecimentos e adjetivações. Por fim, foram apresentadas algumas considerações e indicações para futuras pesquisas.

2 IMPRENSA ESCOLAR E EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA (1936-1951)

Esta seção teve como objetivo geral a construção da historicidade do impresso escolar *Ecos Juvenis*. Buscaram-se na construção do conhecimento aproximações ao seguinte objetivo específico: identificar, caracterizar e analisar elementos que auxiliem a historicizar o impresso escolar *Ecos Juvenis*. Por “historicizar” entendeu-se que se deve colocar à luz

[...] qual é a natureza das pressões externas, a forma sob a qual elas se exercem, créditos, ordens, instruções, contratos e sob quais formas se manifestam as resistências que caracterizam a autonomia, isto é, quais são os mecanismos que o microcosmo aciona para se libertar dessas imposições externas e ter condições de reconhecer apenas suas próprias determinações internas. (BOURDIEU, 2004, p. 21).

Assim sendo, a noção de campo possibilitou dissertar sobre a dimensão simbólica, ou seja, sobre as classificações que existiam no subcampo da imprensa escolar salesiana. Historicizar também foi calcado na perspectiva de Chartier (1998, p. 18), que dissertou que “O historiador deve poder vincular em um mesmo projeto o estudo da produção, da transmissão e da apropriação dos textos”, ou seja, a construção de uma pesquisa que aborde sobre as condições materiais do impresso, além das condições simbólicas.

As questões que fomentaram a discussão foram: 1) Quais elementos universais podem ser localizados nos cursos secundários, na educação feminina e na imprensa escolar a partir do cruzamento entre a literatura científica e as legislações? 2) Quais elementos singulares podem ser levantados a respeito do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora que auxiliem a historicizar o impresso escolar? 3) Quais eram as temáticas centrais do *Ecos Juvenis*? 4) Com que características estético-expressivas foi impresso o *Ecos Juvenis*? 5) A partir da materialidade, houve uma construção de sentido, no qual se queria demonstrar que era um impresso escolar de uma instituição religiosa, elitista e para mulheres?

Dessa maneira, a partir das contribuições de Bourdieu (2004) e Alves (2003), buscou-se tecer elementos universais da estrutura educacional dos cursos secundários, da educação feminina e da imprensa escolar, como também compreender aspectos singulares do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e do impresso escolar *Ecos Juvenis*.

A presente seção está organizada em quatro subseções: na primeira, buscou-se tecer elementos universais dos cursos secundários, da educação feminina e da imprensa escolar a

partir do cruzamento entre a literatura científica e as legislações educacionais; na segunda subseção, pretendeu-se levantar informações a respeito do ensino secundário campo-grandense, da congregação salesiana e do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora que auxiliem a historicizar o impresso escolar e tecer informações a respeito da trajetória do *Ecos Juvenis*; na terceira subseção, caracterizou-se o *Ecos Juvenis* a partir de sua materialidade; e na quarta subseção, buscou-se discutir as subseções anteriores e os conteúdos do *Ecos Juvenis*.

2.1 ELEMENTOS UNIVERSAIS DA EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA: EM FOCO A FORMAÇÃO FEMININA E A IMPRENSA ESCOLAR

O recorte temporal da pesquisa de 1936 a 1951 está ligado aos impressos escolares que foram localizados. Dessa maneira, em tal período houve 3 legislações, as quais foram investigadas na dissertação: Decreto n. 19.890, de 18 de abril de 1931, referente à Reforma de Francisco Campos acerca da organização do Ensino Secundário; Lei Orgânica do Ensino Secundário n. 4.244, de 1942, referente à Reforma de Gustavo Capanema do ensino secundário; e Lei Orgânica do Curso Normal n. 8.530, de 1946, que trazia a organização do Curso Normal. Além disso, investigaram-se os currículos oficiais da disciplina de economia doméstica, quais sejam: Portaria Ministerial n. 14, 1946; e Portaria Ministerial n. 996, de 1951. Essas legislações eram de abrangência nacional e traziam demandas para a educação brasileira.

As duas reformas do ensino secundário foram promulgadas na Era Vargas (1930-1945). A Lei Orgânica do Curso Normal (1946) foi promulgada um ano depois, porém havia a inspiração do governo anterior. O referido período foi considerado emblemático, pois teve um caráter ditatorial denominado de “Estado Novo”, que se iniciou em 1937 e finalizou-se em 1945, sendo que Vargas continuou “[...] no poder, suspendeu a Constituição de 1934, e deixou os partidos políticos que eram contra na ilegalidade, com apoio dos militares, o Estado participou e interviu mais na economia.” (ROCHA; SEVERINO; RODRÍGUEZ, 2021, p. 1039).

Na Era Vargas houve mudanças em diversos setores na sociedade, tais como: “[...] direito das mulheres a votar, voto secreto, criação do Ministério da Educação e da Saúde e a criação de Leis Trabalhistas.” (ROCHA; SEVERINO; RODRÍGUEZ, 2021, p. 1038). Também ocorreu uma reforma educacional coordenada pelo ministro da educação Francisco

Campos, no ano de 1931. Tal reforma estruturou o ensino secundário em dois ciclos: fundamental e complementar. Além disso, houve a implementação do exame de admissão:

CAPITULO III

Da admissão ao curso secundário

Art. 18. O candidato á matrícula no 1º ano de estabelecimento de ensino secundário prestará exame de admissão na segunda quinzena de fevereiro. (BRASIL, 1931).

O exame de admissão se caracterizava por ser uma prova carregada de elementos de seleção e elitismo, já que havia em torno dessa prova simbolismos relacionados ao fracasso ou ao sucesso escolar. Tal seletividade do ensino secundário

[...] era agravada por esse exame, pois cada escola secundária organizava seus programas e não os divulgava, de modo que os candidatos e suas famílias não sabiam se o nível de exigência das provas acompanharia o nível do conteúdo da quarta série das escolas primárias. O fracasso nos exames era praticamente inevitável, o que acarretou a disseminação dos cursos de admissão organizados por particulares, mantidos à custa de altas taxas e dificultando condições às populações mais pobres de participar do processo seletivo. (NUNES, 2000, p. 45).

Além disso, para a realização da matrícula no ensino secundário deveria haver um: “[...] c) recibo de pagamento da taxa de matrícula.” (BRASIL, 1931). O exame de admissão juntamente com o pagamento formava um cenário desfavorável para os estudos das frações de classe menos favorecidas. Concordou-se com Rocha, Severino e Rodríguez (2021, p. 1039) ao afirmarem que “[...] a classe trabalhadora não usufruía, não tinham condições financeiras para arcar com essas despesas. Apenas poucos conseguiam por meio de bolsas e bom desempenho.”. Não se localizou nessa reforma educacional qualquer prescrição especial para a educação feminina ou algum tipo de incentivo relacionado à imprensa escolar.

No ano de 1942, buscando-se amenizar o caráter autoritário e centralizador da reforma redigida por Francisco Campos, foi realizada a Reforma Capanema, coordenada pelo Ministro da Educação Gustavo Capanema, durante o governo do Estado Novo. Nessa nova reforma educacional, procurou-se focalizar a busca por uma identidade e um sentimento nacionalista²², que era reforçado por Vargas. Isso culminou em transformações na educação,

²² O sentimento nacionalista colocava ênfase na necessidade da criação de uma raça nacional, forte, trabalhadora e unida.

principalmente para o currículo e para a fiscalização do ensino. Nos artigos 22 e 23 da Lei n. 4.244/42 apresenta-se uma seção específica para a educação moral e cívica:

Art. 22. Os estabelecimentos de ensino secundário tomarão cuidado especial e constante na educação moral e cívica de seus alunos, buscando neles como base do caráter, a compreensão do valor e do destino do homem, e, como base do patriotismo, a compreensão da continuidade histórica do povo brasileiro, de seus problemas e desígnios, e de sua missão em meio aos outros povos.

Art. 23. Deverão ser desenvolvidos nos adolescentes os elementos essenciais da moralidade: o espírito de disciplina, a dedicação aos ideais e a consciência da responsabilidade. Os responsáveis pela educação moral e cívica da adolescência terão ainda em mira que é finalidade do ensino secundária formar às individualidades condutoras, pelo que força é desenvolver nos alunos a capacidade de iniciativa e de decisão e todos os atributos fortes da vontade. (BRASIL, 1942).

Dessa forma, identificou-se que o ensino secundário se caracterizava por uma formação patriótica. Além disso, a reforma imprimia valores baseados na cultura humanística, de cunho religioso e patriota como supramencionado. Nos artigos 1º, 2º e 3º da Lei n.4.244/42 apresentavam-se as seguintes finalidades:

Art. 1. Formar, em prosseguimento da obra educativa do ensino primário, a personalidade integral dos adolescentes.

Art. 2. Acentuar e elevar, na formação espiritual dos adolescentes, a consciência patriótica e a consciência humanística.

Art. 3. Dar preparação intelectual geral que possa servir de base a estudos mais elevados de formação especial. (BRASIL, 1942).

A formação religiosa se dava devido ao fato de o ensino religioso ser permitido no ensino secundário: “Art. 21. O ensino de religião constitui parte integrante da educação adolescência, sendo lícito aos estabelecimentos de ensino secundário incluí-lo nos estudos do primeiro e do segundo ciclo.” (BRASIL, 1942). A justificativa para essa obrigatoriedade era a seguinte: “[...] a religião Católica apoiou Vargas no poder [...]” (ROCHA; SEVERINO; RODRÍGUEZ, 2021, p. 1040). O sociólogo Simon Schwartzman (1981) sinalizou que desde a década de 1930 a Igreja Católica disputou os ideais da educação e a instituição teve acesso facilitado a diversos setores, incluindo a educação.

[...] alguns analistas do período chegam a dizer que havia **uma verdadeira aliança entre o Estado Novo e a Igreja Católica**, esta representada pelo Cardeal Leme e, mais explicitamente, pela pessoa de seu líder leigo mais expressivo, Alceu Amoroso Lima, à frente do Centro D. Vital. (SCHWARTZMAN, p. 71, 1981, grifo nosso).

Nesse sentido, compreendeu-se que se legitimou o trabalho realizado pelas instituições escolares secundárias católicas nesse período, tendo em vista essa proximidade. Também, a Igreja Católica defendia uma perspectiva de ensino bastante específica. No ensino secundário ganhou destaque a defesa de uma educação humanista, na qual “A defesa do humanismo enraizado nas tradições cristãs não era apenas o apego ao passado, mas a disputa de interesses no campo da educação e da cultura.” (SOUZA, 2009, p. 85).

O caráter humanístico, conforme Nunes (2000), reafirmava o ensino secundário como uma etapa seletiva e privilegiada, visto que favorecia a formação do espírito e o preparo para o trabalho intelectual, baseado na arte de bem falar e bem escrever. Também a legislação perpetuou o exame de admissão, corroborando a ideia de seletividade. Além disso,

Nesse momento histórico, as escolas particulares tinham sua maior concentração no ensino secundário. Assim, esse período foi de densos debates e um ensino secundário elitista, pois, apenas poucos alunos oriundos da classe trabalhadora conseguiram usufruir, visto que existiam poucas escolas públicas [...]. (ROCHA; SEVERINO; RODRÍGUEZ, 2021, p. 1040).

O ensino secundário também se caracterizava por um “[...] tipo de ensino específico no preparo para o acesso ao ensino superior.” (BRITEZ, 2014, p. 44), ou seja, havia em torno da elitização do ensino secundário também a elitização do ensino superior, tendo em vista o pouco acesso das frações das classes menos favorecidas ao ensino secundário. Dessa forma, compreendeu-se “[...] nas oportunidades de acesso ao ensino superior o resultado de uma seleção direta ou indireta que, ao longo da escolaridade, pesa com rigor desigual sobre os sujeitos das diferentes classes sociais.” (BOURDIEU, 2015, p. 45). Havia uma exclusão dos agentes sociais das frações das classes baixas no ensino superior devido ao caráter seletivo e elitista do ensino secundário.

No texto sobre a “exposição de motivos” para a revogação da Lei Orgânica do Ensino Secundário/1942, escrito por Gustavo Capanema e direcionado a Getúlio Vargas no formato

de “carta”, revelava-se o caráter elitista dessa etapa de ensino, como instância na formação das elites:

É que o ensino secundário se destina à preparação das individualidades condutoras, isto é, dos homens que deverão assumir as responsabilidades maiores dentro da sociedade e da nação, dos homens portadores das concepções e atitudes espirituais que é preciso infundir nas massas, que é preciso tornar habituais entre o povo. (BRASIL, 1942).

O ensino secundário pouco acessível foi colocado como local de distinção social, pois era *lócus* de produção das elites políticas e econômicas, enquanto o ensino profissional e técnico era destinado às massas, portanto identificou-se nele o objetivo de formação de trabalhadores para funções subalternas da sociedade.

Observou-se que não houve mudanças significativas da reforma de Campos para Capanema na perspectiva do acesso à escolarização secundária das frações das classes baixas. Permaneciam elementos de elitismo e seleção, desde o currículo oficial “de cultura geral e de cultura humanística” (NUNES. 2000, p. 44) até a organização do ensino. Nas duas reformas havia o objetivo da chegada ao ensino superior, conforme apresentado no Quadro 6 que traz um comparativo sobre a organização das reformas.

Quadro 6 – Comparativo da organização do ensino secundário nas reformas educacionais - Campos (1931) e Capanema (1942)

Reforma Francisco Campos (1931)	Reforma Gustavo Capanema (1942)
Divisão em dois ciclos: Primeiro ciclo (5 anos) – Curso secundário fundamental. Segundo ciclo (2 anos) – Curso complementar, subdividido em três especialidades que correspondiam a um dos três grupos de cursos superiores: Engenharia e Agronomia; Medicina, Odontologia, Farmácia e Veterinária; Direito.	Divisão em dois ciclos: Primeiro ciclo (5 anos) – Ginásio, que poderia ser secundário, industrial, comercial e agrícola. Segundo ciclo (2 anos) – Clássico ou Científico

Fonte: Nunes (2000)

Organização: Gomes, 2023.

O curso Normal também sofreu alterações em decorrência da orientação centralizadora da administração na Era Vargas, em específico durante o Estado Novo. Esse curso era responsável por formar profissionais de magistério, conforme as seguintes finalidades:

Art. 1. Prover à formação do pessoal docente necessário às escolas primárias.

Art. 2. Habilitar administradores escolares destinados às mesmas escolas.

Art. 3. Desenvolver e propagar os conhecimentos e técnicas relativas à educação da infância. (BRASIL, 1946).

Apesar da Lei Orgânica do Curso Normal ser publicada em 1946, após o período ditatorial de Vargas, havia sido promulgada sob a mesma inspiração do governo anterior. Evidencia-se ainda que:

A Lei Orgânica do Ensino Normal não introduziu grandes inovações, apenas acabando por consagrar um padrão de ensino normal que já vinha sendo adotado em vários estados. Em simetria com as demais modalidades de ensino de segundo grau, o Normal foi dividido em dois ciclos: o primeiro fornecia o curso de formação de “regentes” do ensino primário, em quatro anos, e funcionaria em Escolas Normais Regionais; o curso de segundo ciclo, em dois anos, formaria o professor primário e era ministrado nas Escolas Normais e nos Instituto de Educação. (TANURI, 2000, p. 75-76).

Dessa forma, entendeu-se que o Decreto-lei n. 8.530/46 teve como objetivo dar uniformidade ao curso Normal em diversos estados brasileiros, especificando quais eram as condições de ingresso e até quais deveriam ser os trabalhos escolares e as práticas pedagógicas, como se observa nesses artigos do Decreto-lei n. 8.530/46:

Art. 16. Os trabalhos escolares constarão de lições, exercícios e exames.

Art. 20. Para admissão ao curso de qualquer dos ciclos de ensino normal, serão exigidas do candidato as seguintes condições;

- a) qualidade de brasileiro;
- b) sanidade física e mental;
- c) ausência de defeito físico ou distúrbio funcional que contraindique o exercício da função docente;
- d) bom comportamento social;
- e) habilitação nos exames de admissão. (BRASIL, 1946).

A referida Lei não fez menção específica à educação feminina, porém nela foram localizados indícios da feminização do magistério. Como mencionado anteriormente, Ribeiro (2003) destacou que as primeiras escolas normais para a formação de professores surgiram no país entre 1835 e 1880, oferecidas primeiramente aos homens, porém depois houve a inclusão de mulheres, no início do século XX. A inclusão das mulheres acarretou algumas disciplinas no currículo oficial referentes ao ensino para o futuro “lar”. Dessa maneira, houve a localização de indícios na Lei Orgânica do Curso Normal (1946) do processo histórico de feminização do magistério.

Em relação à Lei Orgânica do Ensino Secundário (1942), identificou-se no texto da referida Lei uma seção intitulada “Do ensino secundário feminino” e também no texto “exposição de motivos” foram indicadas as prescrições especiais para a educação feminina, bem como os incentivos para a imprensa escolar. Dessa maneira, a leitura feita dessas legislações conduziu-se para uma análise com foco na investigação da imprensa escolar e da educação feminina.

Compreendeu-se, a partir da teoria bourdieusiana, que existem condições estruturais para a difusão sobre esse pensamento “do que é ser mulher e do que é ser homem” compartilhada entre os diversos setores da sociedade - no caso específico da presente investigação, nas instituições escolares e no Estado, que promulgava legislações para a formação feminina.

No texto da “exposição de motivos” para a promulgação da Lei Orgânica do Ensino Secundário/1942, apresentava-se uma mudança na educação no que diz respeito ao fim da coeducação:

É estabelecida a diferenciação do ensino secundário feminino. Deverá este ensino tomar em consideração **a natureza da personalidade feminina** e a missão de mulher dentro do lar. Decorrerão naturalmente dessa diferenciação uma diversa orientação dos programas e a separação das classes, sempre que na mesma escola secundária houver alunos dos dois sexos. É claro, porém, que sob o ponto de vista do valor da preparação intelectual, o ensino secundário feminino permanecerá identificado com o ensino secundário masculino. (BRASIL, 1942, grifo nosso).

Dessa forma, legitimou-se o ensino secundário feminino como uma etapa de formação das mulheres para o lar em um discurso de naturalização ligado ao biológico, ou

seja, de como uma mulher deveria ser. Houve a compreensão pela teoria bourdieusiana de que se trata de uma construção social o discurso de “naturalização” dos modos de ser homem e mulher, pois

A força particular da sociodicéia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada. (BOURDIEU, 2014, p. 33).

A lógica expressa na Lei Orgânica do Ensino Secundário/1942 representou o modelo da família patriarcal. Havia uma preocupação por parte da sociedade patriarcal em relação à escolarização das mulheres, pois elas teriam de assumir futuramente as funções impostas historicamente de mãe e esposa. Além disso, a reforma Capanema tornou dificultosa a participação social feminina em alguns campos sociais, visto que havia diferenciação no ensino e separação de classes e até de estabelecimentos para as estudantes secundaristas.

Na Lei Orgânica do Curso Normal havia a possibilidade de classes mistas: “Art. 19. Nos estabelecimentos que admitirem alunos de um e outro sexos, as classes poderão ser especiais para cada grupo, ou mistas.” (BRASIL, 1946), porém destaca-se que, além da feminização do Curso Normal, havia nas instituições femininas e em classes especiais para mulheres um currículo que “[...] era mais reduzido e diferenciado, contemplando o domínio de trabalhos domésticos.” (TANURI, 2000, p. 66).

Para que as mulheres assumissem a função social de “futuras rainhas do lar”, ao currículo foram acrescentados novos conteúdos e disciplinas com atividades voltadas ao lar, corroborando o que foi identificado na Lei Orgânica do Ensino Secundário (1942) e na Lei Orgânica do Curso Normal (1946):

Do ensino secundário feminino

Art. 25. Serão observadas, no ensino secundário feminino, as seguintes prescrições especiais:

1. E' recomendável que a educação secundária das mulheres se faça em estabelecimentos de ensino de exclusiva frequência feminina.
2. Nos estabelecimentos de ensino secundário frequentados por homens e mulheres, será a educação destas ministrada em classes exclusivamente femininas. Este preceito só deixará de vigorar por motivo relevante, e dada especial autorização do Ministério de Educação.
3. **Incluir-se-á, na terceira e na quarta série do curso ginásial e em todas as séries dos cursos clássico e científico, a disciplina de economia doméstica.**

4. A orientação metodológica dos programas terá em mira a natureza da personalidade feminina e bem assim a missão da mulher dentro do lar. (BRASIL, 1942, grifo nosso).

Art. 7º O curso de regentes de ensino primário se fará em quatro séries anuais, compreendendo, no mínimo, as seguintes disciplinas:

Primeira série: 1) Português. 2) Matemática. 3) Geografia geral. 4) Ciências naturais. 5) Desenho e caligrafia. 6) Canto orfeônico. 7) **Trabalhos manuais e economia doméstica**. 8) Educação física.

Segunda série: 1) Português. 2) Matemática. 3) Geografia do Brasil. 4) Ciências naturais. 5) Desenho e caligrafia. 6) Canto orfeônico. 7) Trabalhos manuais e atividades econômicas da região. 8) Educação física.

Terceira série: 1) Português. 2) Matemática. 3) História geral. 4) Noções de anatomia e fisiologia humanas. 5) Desenho. 6) Canto orfeônico. 7) Trabalhos manuais e atividades econômicas da região. 8) Educação física, recreação e jogos.

Quarta série: 1) Português. 2) História do Brasil. 3) Noções de Higiene. 4) Psicologia e pedagogia. 5) Didática e prática de ensino. 6) Desenho. 7) Canto orfeônico. 8) Educação física, recreação e jogos. (BRASIL, 1946, grifo nosso).

Compreendeu-se que se tratou de uma dominação masculina simbólica a introdução de trabalhos domésticos destinados somente à mulher. Bourdieu (2014, p. 41) os caracterizou como “[...] privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis [...]”, havendo um determinado confinamento que possui uma ordem de silenciamento dos corpos das mulheres. A disciplina de “Economia Doméstica” traduzia essa lógica de pensar os papéis das mulheres ligados aos trabalhos domésticos. Bourdieu (2014, p. 42) asseverou que:

[...] são elas que, encarregadas das preocupações vulgares da gestão quotidiana da economia doméstica, parecem com prazer com as mesquinhas do cálculo, das contas e dos ganhos que homem de honra deve ignorar.

Foram localizadas duas portarias que faziam menção aos conteúdos da disciplina de Economia Doméstica, quais sejam: Portaria Ministerial nº 14, de 7 de janeiro de 1946 e Portaria Ministerial nº 996, de 2 de outubro de 1951. Os conteúdos expressos nas portarias foram organizados no quadro abaixo:

Quadro 7 – Conteúdos da disciplina de Economia Doméstica

Portaria Ministerial nº 14 (1946)	Terceira série A) Introdução: Unidade I – Objeto da Economia Doméstica – A Importância da vida em família e o nobre papel que nela compete à mulher. 2. A necessidade da economia doméstica e os estudos que a comporta. B) Arranjo e higiene da habitação: Unidade II – A habitação da família – 1. Dependência da casa e arranjo de cada uma com o sentido de torná-la agradável e adequada a seus fins. 2. Móveis e utensílios. 3. Ornamentação. Unidade III – A higiene da casa – 1. Pisos, paredes e tetos. 2. Iluminação e arejamento. 3. Poeira e emanções. 4. Combate aos bolores e aos insetos e outros animais daninhos. 5. Cuidados especiais com relação a cozinha, aos dormitórios, ao banheiro e ao gabinete sanitário. 6. A água potável. C) Preparo, conservação e uso das roupas: Unidade IV – Roupas de cama e mesa – 1. Modalidades e tipos. 2. Enxovais. 3. Arranjo das camas; cuidados higiênicos. 4. Arranjo das mesas. Unidade V – Peças de vestuário – 1. Importância higiênica do vestuário. 2. Vestuário masculino e feminino. 3. Vestuário infantil. Unidade VI – Lavagem e passagem das roupas – 1. Processos de lavagem. 2. Lavagem de roupa branca de tecidos de linha, lã, de estampados e peças finas. 3. Rol de roupa. D) Preparo, conservação e uso dos alimentos: Unidade VII – A alimentação e sua importância – 1. Alimentação e nutrição. 2. Alimentos plásticos, energéticos e protetores. 3. Função própria de cada espécie de alimento: protídeos, lipídios, glicídios. 4. Os sais minerais, as vitaminas, e os hormônios. Unidade VIII – Subnutrição e estados da carência – 1. Adequação de origem vegetal e de origem animal. 2. Idem ao gênero de trabalho. 3. Valor calórico e protetor. Unidade IX – Origem e preparo geral dos alimentos – 1. Alimentos de origem vegetal e de origem animal. 2. Processos gerais da conservação e da preparação. 3. Alimentos frescos e de conserva. 4. Valor nutritivo dos alimentos habitualmente usados e sua eventual substituição. Unidade X – Uso dos Alimentos – 1. Regime alimentar; padrões de dieta. 2. Refeição normal. 3. Horário das refeições. 4. Cuidados especiais na alimentação das crianças. 5. Uso do leite, frutas e doces. Quarta série A) Contabilidade doméstica: Unidade I – Orçamento doméstico – 1. Necessidade da Contabilidade doméstica; orçamento mensal e registro das despesas; equilíbrio entre receita e despesa. 2. Cotas proporcionais para despesa com habitação, alimentação, vestuário, assistência médica, educação dos filhos, diversões e previdência. 3. Cálculo de despesas para uma família-padrão. Unidade II – Registro de despesas – 1. O caderno da <u>dona de casa</u> e como escriturá-lo. 2. Equilíbrio, saldo devedor, saldo credor. 3. Necessidade de senso prático e rigoroso de economia da <u>dona de casa</u>. 4. As despesas obrigatórias do lar, as necessárias e as supérfluas. Unidade III – Relações no lar – 1. O equilíbrio financeiro, como condição imprescindível da harmonia doméstica. 2. Relações entre os membros da família, com base na afeição e compreensão da vida em comum. 3. Tratamento entre cônjuges, e entre pais e filhos. 4. Tratamentos de empregados e fornecedores. 5. Relações sociais. B) Noções de puericultura: Unidade IV – A criança – 1. A criança, primeiro ornamento e maior tesouro do lar. 2. Direitos naturais e sociais da criança. 3. Deveres dos pais e demais parentes para com as crianças, na sua criação e educação. Unidade V – Recém-nascido – 1. Condições normais do recém-nascido; primeiros cuidados. 2. Desenvolvimento nas primeiras semanas e meses; peso e estatura normais. 3. Preceitos higiênicos quanto ao asseio, sono e vestuário. Unidade VI – A alimentação da criança – 1. Aleitamento natural, artificial e misto. 2. Maneira correta de amamentar. 3. Horário de sono e refeições nos quatro primeiros meses. 4. Alimentação nos meses seguintes. 5. Cuidados especiais em relação à quantidade e qualidade dos alimentos.
---	--

	Unidade VII – Cuidados higiênicos gerais da criança – 1. Hábitos higiênicos quanto ao sono, alimentação e funções de exoneração. 2. Necessidade de sol e ar livre. 3. O desmame, sua importância biológica e psicológica 4. O vestuário e os brinquedos. 5. Dentição. Unidade VIII – A criança depois do primeiro ano de vida – 1. Desenvolvimento da manipulação, da marcha e da linguagem. 2. Relações da criança no ambiente familiar. 3. Cuidados gerais para sadio desenvolvimento da criança; normas desse desenvolvimento. 4. Recreação e repouso. Unidade IX – Moléstias da primeira infância – 1. Cuidados higiênicos e assistência médica. 2. Principais doenças infantis e meios de evitá-las. 3. Vacinas. Unidade X – Noções de enfermagem – 1. Saúde e doença. 2. Cuidados de assistência médica: exame médico periódico. 3. Socorros de urgência. C) Noções e Serviço Social: Unidade XI – A mulher e o serviço social – 1. A Solidariedade social e o espírito feminino. 2. Meios e formas do serviço social. 3. Instituições de assistência e à maternidade. 4 Como deve a mulher concorrer para um mundo melhor.
Portaria Ministerial nº 996 (1951)	Terceira série 1) Introdução – Objeto da Economia Doméstica; 2) Arranjo e Higiene da Habitação – A habitação família, higiene da casa; 3) Preparo, Conservação e Uso das roupas – Roupas da cama e mesa, peças de vestuário, lavagem e passagem das roupas; 4) Preparo, Conservação e Uso dos Alimentos Quarta série 5) Contabilidade Doméstica – Orçamento doméstico, Registro de despesas, Relação do lar; 6) Noções de Puericultura – A criança, O recém-nascido, A alimentação da criança, cuidados higiênicos da criança, a criança depois do primeiro ano de vida, moléstias da primeira infância; 7) Noções de Serviço Social – Noções de enfermagem, A mulher e o serviço social.

Fonte: Brasil, 1941; 1951.

Organização: Gomes, 2023.

Identificaram-se, portanto, as intencionalidades da disciplina de Economia Doméstica, quais sejam, difundir e coagir as agentes sociais para serem um “modelo” de mulher bastante específico ligado às lógicas hegemônica e patriarcal, com os papéis de mãe, esposa e dona de casa exemplar. A referida disciplina não era somente para compreender o orçamento doméstico, mas sim para inculcar os papéis anteriormente mencionados. A perspectiva patriarcal decorre de dar ênfase ao homem como detentor de poder e feito de forma “completa” e a mulher como “complemento”, inacabada e sem autonomia.

Apesar de as portarias serem publicadas após a Era Vargas, havia uma inspiração no governo anterior que possuía uma lógica de formação de educação da mulher, calcada nos trabalhos domésticos. Schwartzman (1981) fez menção a uma legislação denominada “Estatuto da Família”, escrita por Capanema, em 1939. A referida legislação, apesar de não ter sido promulgada, traduzia os ideais de formação de uma família e de educação da mulher específica, conforme os seguintes artigos demonstram:

- Art.13: O Estado educará ou fará educar a infância e a juventude para a família. Às mulheres será dada uma educação que as torne afeiçãoadas ao casamento, desejosas da maternidade, competentes para criação dos filhos e capazes da administração da casa. (BRASIL, 1939, *apud* SCHWARTZMAN, 1981, p. 72).
- Art. 14: O Estado adotará medidas que possibilitem a progressiva restrição da admissão de mulheres nos empregos públicos e privados. Não poderão as mulheres ser admitidas senão aos empregos públicos e privados. Não poderão as mulheres ser admitidas senão aos empregos próprios da natureza feminina, e dentro dos estritos limites da conveniência familiar. (BRASIL, 1939, *apud* SCHWARTZMAN, 1981, p. 72).
- Art. 15: O Estado impedirá que, pela cátedra, pelo livro, pela imprensa periódica, pelo cinema, pelo teatro e pelo rádio, ou ainda por qualquer meio de divulgação, se faça, direta ou indiretamente, toda e qualquer propaganda contra o instituto da família ou destinada a estabelecer restrições à sua capacidade de proliferação. (BRASIL, 1939, *apud* SCHWARTZMAN, 1981, p. 72).

Schwartz (1981, p. 73) trouxe uma elucidação referente às motivações que levaram o Estatuto da Família a não ser promulgado, quais sejam: as críticas de Oswaldo Aranha e Francisco Campos, porém essas críticas não divergiam dos ideais de Capanema, visto que foram feitas na perspectiva de que esses ideais “[...] já estariam implícitos na legislação ou na Constituição de 1937.”. Dessa forma, entendeu-se que havia na Era Vargas uma defesa e manutenção da família tradicional e do papel da mulher.

Além da atribuição da mulher ao lar, foram observados indícios de que às mulheres foi atribuída a possibilidade de atuar como professora de magistério primário na Lei Orgânica do Curso Normal/1946. Essa atribuição da mulher como professora levava em consideração características “essencialmente femininas”, como o “saber” de convívio com as crianças, a sensibilidade e o instinto materno. Louro (1997) dissertou que a feminização do magistério se deu em parte pela religiosidade católica, que instituiu e reforçava nas mulheres os papéis de esposa, mãe e religiosa. Essa dinâmica social de feminização do magistério pautou-se no entendimento de

[...] que o casamento e a maternidade, tarefas femininas fundamentais, constituem a verdadeira carreira das mulheres, qualquer atividade profissional será considerada como um desvio dessas funções sociais, a menos que possa ser representada de forma a se ajustar a elas. Em seu processo de feminização, o magistério precisa, pois, tomar de empréstimo atributos que são tradicionalmente associados às mulheres, como o amor, a

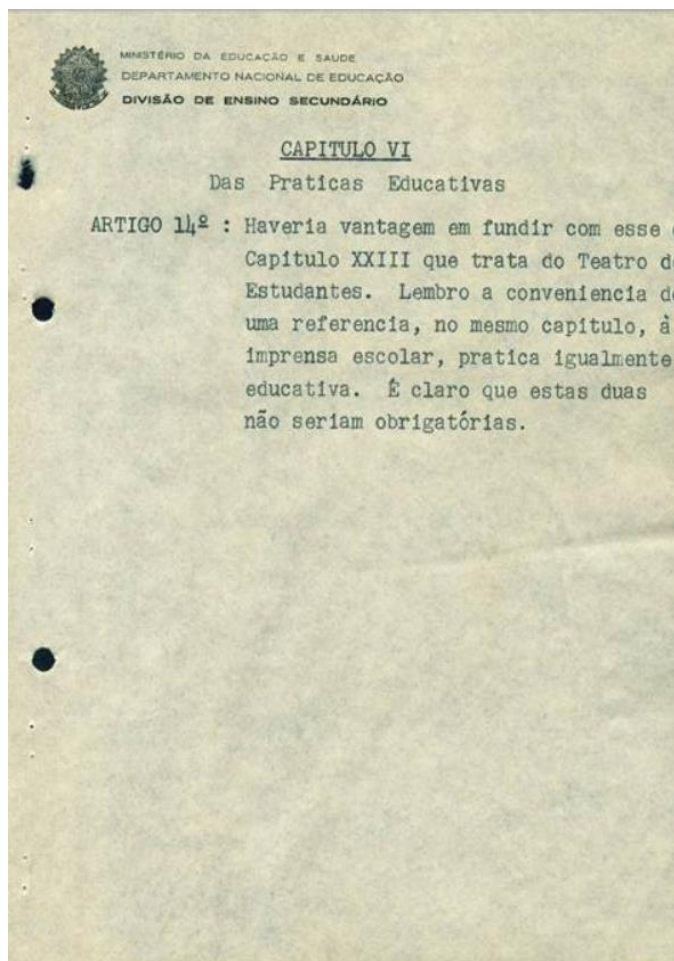
sensibilidade, o cuidado, etc. para que possa ser reconhecido como uma profissão admissível ou conveniente. (LOURO, 1997, p. 97).

A lógica de pensamento dos papéis destinados à mulher poderia ser difundida pelas instituições secundárias e revelava-se numa ótica de superioridade masculina, deixando as mulheres à margem. Compreendeu-se, pela teoria bourdieusiana, que essa dominação se encontrava no campo simbólico e, por essa razão, dificilmente fora perceptível. Também houve disposições para a “naturalização” por meio da disciplinarização das mulheres. Para Bourdieu (2014, p. 17), essa naturalização é assim compreendida:

A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável; ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo mundo social e, em todo estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, pensamento e ação.

Numa das perspectivas da presente investigação sobre se havia incentivo na educação secundária para haver imprensa escolar nas instituições secundárias, localizaram-se alguns indícios. Em um relatório, Capanema, no seu cargo de ministro da Educação e Saúde, organizou, em 1936, uma série de capítulos referentes à educação secundária, com o objetivo de uma “regulamentação futura” (BRASIL, 1936). Compreendeu-se que poderia ser a Lei Orgânica do Ensino Secundário (1942), tendo em vista que esse relatório de 1936 possuiu diversos aspectos dessa legislação. Além disso, identificou-se que em um dos capítulos do relatório, Capanema destacou as contribuições da imprensa escolar, como a figura a seguir demonstra:

Figura 4 – Relatório de proposição ao ensino secundário, 1936



Fonte: Brasil, 1936.

Acervo: Gustavo Capanema.

Esse documento trouxe que a imprensa escolar se constituía como uma prática educativa. Identificou-se que esse documento foi escrito na década de 1930, período no qual o Movimento da Escola Nova ganhou impulso no país. Dessa forma, questionou-se se esse documento foi escrito sob inspiração escolanovista. Os escolanovistas Freinet e Casasanta defendiam que o jornal escolar (termo usado por esses autores) era uma atividade que auxiliava a educar o aluno, no sentido de que era um dispositivo de “[...] adequação às necessidades pedagógicas.” (FREINET, 1974, p. 10) e cooperava “[...] para que os programas tenham a eficácia educativa que deles se espera.” (CASASANTA, 1939, p. 37).

Dessa maneira, compreendeu-se que as seções de trabalhos complementares, na Lei Orgânica do Curso Ensino Secundário (1942) e na Lei Orgânica do Curso Normal (1946), poderiam se referir também à imprensa escolar:

DOS TRABALHOS COMPLEMENTARES

Art. 46. Os estabelecimentos de ensino secundário deverão promover, entre os alunos, a organização e o desenvolvimento de instituições escolares de caráter cultural e recreativo, criando, na vida delas, com um regime de autonomia, as condições favoráveis à formação do espírito econômico, dos bons sentimentos de camaradagem e sociabilidade, do gênio desportivo, do gosto artístico e literário. Merecerão especial atenção as instituições que tenham por objetivo despertar entre as escolares o interesse pelos problemas nacionais. (BRASIL, 1942).

DAS AULAS, EXERCÍCIOS E TRABALHOS COMPLEMENTARES

Art. 29. Como trabalhos complementares os estabelecimentos de ensino normal deverão promover entre os alunos, a organização e o desenvolvimento de instituições para-escolares, destinadas a criar, em regime de autonomia, condições favoráveis à formação dos sentimentos de sociabilidade e do estudo em cooperação. Merecerão especial cuidado as instituições que tenham por objetivo despertar entre os escolares o interesse pelos problemas nacionais. (BRASIL, 1946).

As legislações para a educação secundária incentivavam trabalhos complementares e a imprensa escolar poderia ser um deles. Na perspectiva de questionamento das intencionalidades de tornar obrigatórios os trabalhos complementares, entendeu-se que, nas instituições de ensino secundário, essas atividades eram incentivadas, pois

[...] o ensino era fundamentalmente propedêutico, as atividades que despertavam o espírito de iniciativa e de liderança nos jovens que se dirigiam aos cursos superiores eram sempre bem-vindas. E, indubitavelmente, os jornais estudantis, representavam uma importante atividade pedagógica tendo em vista esse fim. (AMARAL, 2013, p. 130).

De acordo com Amaral (2002, p. 123), a maior circulação e produção da imprensa escolar das décadas de 1930 a 1960 relacionava-se ao “[...] contexto brasileiro da época, em que é crescente a participação social e política dos estudantes.”, vinculado ao ideário escolanovista de protagonismo do aluno, como mencionou Freinet (1974, p. 51): “O nosso jornal escolar falará por nós. Certamente será a expressão das crianças que terão sido os seus principais artesãos.”; e Casasanta (1939, p. 157): “O jornal é, em suma, da criança e não do

professor.”, porém, tensionou-se se esse protagonismo estudantil reverberou na autonomia da imprensa escolar nas diferentes instituições secundárias brasileiras.

Além disso, havia uma estrita relação entre os grêmios e a imprensa escolar, sejam eles grêmios escolares, literários ou estudantis. Em diversos impressos escolares, eram publicados trabalhos resultantes das atividades dos grêmios que havia nas instituições secundárias. Souza (2018, p. 129-130) dissertou que: “[...] as agremiações e a imprensa lançavam os jovens estudantes na vida pública, divulgando a vida escolar para a sociedade e debatendo na escola fatos e problemas sociais.”, ou seja, a imprensa escolar configurava-se como um *lócus* de debate que poderia aumentar os níveis de ensino dos estudantes secundaristas.

Compreendeu-se, a partir do cruzamento entre legislações e a literatura científica, que os cursos secundários eram carregados de elementos de seleção e elitismo, principalmente pelos conteúdos que possuíam um caráter humanístico, os quais formavam um quadro de distinção social em relação ao ensino técnico que, por sua vez, formava trabalhadores subalternos. O ensino secundário, por sua vez, era calcado em uma cultura clássica, possuindo o objetivo da chegada ao ensino superior.

Em relação à educação feminina, observou-se que possuía uma perspectiva de formação para o futuro “lar” e, além disso, havia um discurso naturalizante ligado ao biológico sobre o que se constituía ser uma mulher. O relevo desse discurso para a feminização do magistério estava presente no curso Normal. Identificou-se que uma das atividades da seção de trabalhos escolares das legislações poderia ser relacionada à imprensa escolar.

Em síntese, as legislações trouxeram para análise das perspectivas de educação secundária, formação feminina e incentivos à imprensa escolar. Dessa forma, ao longo da investigação se priorizou compreender se a imprensa escolar do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em sua singularidade, teria de estar em consonância com as perspectivas de formação humanística, nacionalista e formação feminina para o lar. O questionamento norteador da presente subseção foi se tais perspectivas de formação se materializavam no impresso e se relacionavam à função social instituída para a imprensa escolar.

2.2 O COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA E O IMPRESSO ESCOLAR *ECOS JUVENIS*: EM FOCO A TRAJETÓRIA DA INSTITUIÇÃO E DO IMPRESSO ESCOLAR

Na investigação dos aspectos singulares das trajetórias do impresso escolar *Ecos Juvenis* e do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, foi basilar elencar alguns apontamentos sobre o ensino secundário em Campo Grande-MT e a Congregação salesiana nas décadas de 1930 a 1950.

Em relação ao estado de Mato Grosso, considerou-se necessária uma breve apresentação de suas características no momento histórico delimitado, tendo em vista que havia uma estrita relação desse estado com a fundação do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Mato Grosso, no período delimitado, constituía-se como um

[...] estado iminentemente pecuário (pecuária de corte, extensiva), com destaque para as regiões do Pantanal (centro/noroeste do estado) e Campos da Vacaria (região central de Mato Grosso); atividades extrativistas (como a extração de diamantes e borracha, no norte de Mato Grosso); a produção de erva-mate, e a incipiente produção agrícola, ainda marcada pela lavoura de subsistência, nas porções sul e no extremo norte de Mato Grosso. (BRITO; SILVA, 2021, p. 326).

As autoras Brito e Silva (2021) sinalizaram ainda que havia um predomínio da população rural no estado. Dessa forma, relacionava-se com o público-alvo do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, o qual, como sinaliza Ortiz (2014, p. 106), era majoritariamente formado por filhas de fazendeiros e comerciantes, devido às “[...] atividades socioeconômicas que mais se desenvolviam na porção sul de Mato Grosso e em Campo Grande.”.

O referido Colégio pertence à Congregação Salesiana, criada por Dom Bosco em 1859, na Itália, e reconhecida no campo religioso pelos trabalhos desenvolvidos no campo educacional, tendo como alvo o acolhimento e a profissionalização da juventude, tanto das elites quanto da população desassistida, sem condições de pagar por um ensino para além do primário. A instituição “Filhas de Maria Auxiliadora” (FMA) foi criada em 1872, na Itália, e atuava nas obras de caridade, saúde e no campo educacional. No sul do antigo Mato Grosso, os padres salesianos e as FMA marcaram presença no campo educacional pelo pioneirismo

no ensino secundário, bem como pelo número de estabelecimentos implantados e pela construção de uma imagem de exemplaridade (ANDRADE, 2021).

De acordo com Riolando Azzi (2003), a expansão e a fundação de um número acentuado de estabelecimentos católicos femininos no Brasil se deram no início do século XX, no qual se insere o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em Campo Grande.

Marisa Bittar e Amarílio Ferreira Jr. (1999) pontuaram que a criação de escolas em Campo Grande ocorreu devido ao crescimento deste diante da construção da Ferrovia Noroeste, que ocorreu em 1914, com o objetivo de facilitar o desenvolvimento do comércio e da pecuária, que eram a base econômica do município.

O desenvolvimento de todos os setores resultou na fundação de escolas públicas e privadas, transformando Campo Grande em um dos polos educacionais regionais (CABRAL, 1999). Até 1938, havia apenas escolas secundárias particulares, quais sejam: Colégio Osvaldo Cruz, Colégio Dom Bosco e Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Somente em 1939 foi fundada a primeira escola secundária pública, o Liceu Campograndense, que mudou de nome ao longo do tempo, primeiro para Ginásio Estadual Campo-Grandense, depois Colégio Estadual Campo-Grandense e, por último, em 1954, ficou com o nome de sua fundadora: Colégio Estadual Maria Constança (PESSANHA; TAVERES, 2012).

Havia algumas características da educação secundária campo-grandense que estavam ligadas aos aspectos que foram elencados em relação aos elementos universais da educação secundária. Tal etapa de ensino oferecida pelas instituições educacionais em Campo Grande caracterizou-se por um curso propedêutico de caráter seletivo e elitista. Silva (2014, p. 72-73) asseverou que:

[...] o entendimento dos dirigentes do estado do significado de ensino secundário enquanto uma escola de cultura geral e formação propedêutica baseadas nos conhecimentos das letras, literatura, línguas e ciências naturais e físicas para a entrada nos cursos superiores e como o governo do estado dividiu com a iniciativa privada a responsabilidade da implantação das escolas secundárias ginasiais. Não fica difícil identificar o caráter elitista desse ramo de ensino e para qual público era voltado, bem como entender a expectativa dessa formação: altos cargos públicos, profissões liberais e políticas.

Também Britez (2014), ao investigar a educação campo-grandense, ponderou que havia intrinsecamente esse caráter seletivo e elitista, apontando ainda que foi somente na

década de 1950, com mudanças referentes à estrutura social e econômica, que a classe intermediária teve a possibilidade de frequentar as instituições de ensino secundário.

Em Campo Grande, na década de 1920, havia uma ausência de um colégio para a formação feminina católica. Dessa forma, as FMA criaram o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em 1926, com o apoio da “alta sociedade” e do governo local, conforme Andrade (2021, p. 117):

[...] no ano de 1925, o Padre Renauld, ao visitar o trabalho da missão salesiana no Mato Grosso, solicitou à inspetoria a implantação de um colégio feminino no sul do estado. Com o apoio de senhoras da alta sociedade, colaboradoras do colégio em Corumbá, foi realizada uma comissão para organizar a nova instituição. A comissão foi presidida por Dona Glorinha Figueiredo, esposa do então prefeito de Campo Grande, Arnaldo Estevão de Figueiredo. Esse grupo de senhoras juntaram-se às irmãs italianas, que viriam do Uruguai e desembarcariam em Campo Grande para trabalhar no novo colégio.

Inicialmente, as FMA “[...] se instalaram em um prédio alugado na Rua Rui Barbosa até o ano de 1931, quando o estabelecimento foi transferido para a Rua Pedro Celestino.” (ANDRADE, 2021, p. 117). Logo, havia um anseio em possuir uma obra com a marca salesiana e, por isso, foram feitos os projetos para o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, a ser instalado na Rua Pedro Celestino. Sinaliza-se que os planejamentos localizados eram complementares:

Figura 5 - Esboço Arquitetônico do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora



Acervo: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1930.

Figura 6 - Esboço da fachada do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora



Acervo: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1930.

A partir da localização desses esboços arquitetônicos, compreendeu-se que os salesianos possuíam o desejo de ter a construção de um colégio conforme o “modo salesiano”. Esse modo arquitetônico possuía as seguintes características:

[...] estabelecimentos eram representados por grandiosas fachadas, anunciando suas modernas construções e espaços internos que responderiam às necessidades de um espaço específico para a educação da infância brasileira. (LIMA; GOIS JUNIOR, 2022, p. 5).

Para a instalação no prédio novo na Pedro Celestino, houve o apoio do governo local, como mencionado anteriormente, uma vez que as FMA possuíam uma interação com o poder público com o objetivo de obter investimento para o colégio. Houve a localização de duas subvenções do governo estadual e da imagem de construção do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora na Pedro Celestino, com base nos planejamentos mostrados:

Lei 956/1926 - Concede à congregação das irmãs salesianas um auxílio de 10:000\$ para a construção de um prédio em Campo Grande. (MATTO GROSSO, 1926, *apud*, ANDRADE, 2021, p. 118). Lei - 1058/1930 - Concede à congregação das irmãs salesianas “Filhas de Maria Auxiliadora”, deste estado, um auxílio de vinte contos de reis para a

construção do prédio destinado ao collegio de meninas, na cidade de Campo Grande e dá outras providências. (MATTO GROSSO, 1930, *apud*, ANDRADE, 2021, p. 118).

Figura 7 - Construção do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora



Acervo: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1930.

O colégio possuía a proposta de educar as moças dos grupos das elites regional do sul do antigo Mato Grosso, oferecendo, num primeiro momento, o curso primário e, posteriormente, o curso ginásial - em 1934, com inspeção preliminar e, em 1938, com inspeção permanente (ANDRADE, 2021). Também ofertava os cursos Normal, com início no ano de 1931, e Comercial, com início em 1934 (TRUBILIANO; MARTINS, 2010), e levantaram-se indícios de que na década de 1940 ofertou o segundo ciclo do ensino comercial em duas modalidades que as alunas poderiam escolher, quais sejam: Secretariado e Contabilidade. Além disso, Andrade (2021) mencionou que a instituição escolar ofertava a escolarização em regime de internato, semi-internato e externato.

Ortiz (2014), ao investigar o Curso Normal e possuir como *lócus* o referido colégio, sinalizou que havia uma formação que preparava para o magistério, porém com uma ênfase significativa na cultura clássica e uma formação calcada nos ensinamentos do matrimônio e da maternidade. Tal formação era ligada aos preceitos católicos, como dissertam Trubiliano e Martins (2010) e Ortiz (2014):

[...] a função do colégio caracterizou-se por oferecer às educandas instrução voltada para o **refinamento cultural e social**, a fim de torná-las aptas ao convívio social como mulheres virtuosas, polidas e religiosas convictas,

atendendo assim às expectativas das famílias que desejavam ver suas filhas como futuras “damas da sociedade”. (TRUBILIANO; MARTINS, 2010, p. 4, grifo nosso).

Os conhecimentos relacionados ao matrimônio e à maternidade tinham lugar cativo na educação, o que pode ser explicado pelos preceitos católicos pregados, cujo destino esperado para a mulher seria de esposa e mãe, vocações “inerentes à condição feminina”. Havia informações a respeito daqueles temas, aulas de trabalhos manuais, enfim, ensinamentos que pudessem conferir status de “bons partidos” àquelas moças. (ORTIZ, 2014, p. 154).

Os autores Ortiz (2014), Trubiliano e Martins (2010) e Andrade (2021) sinalizaram que a formação no colégio incidia em elementos constituidores de um refinamento cultural. Dessa forma, compreendeu-se que o grêmio literário foi fundado para atender a essa perspectiva. Vale ressaltar que o impresso escolar *Ecos Juvenis* era órgão do grêmio literário do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e, além disso, pelas leituras das atas do referido grêmio, notou-se que ele era composto em maior escala por estudantes dos cursos secundários, havendo pouca participação das alunas do curso primário, sendo que as alunas participantes do primário eram somente as dos dois últimos anos deste. Ainda conforme essas atas, inicialmente o grêmio era nomeado “Auxilium” e foi fundado em 1935. Esses documentos também fazem menção de que em 1936 houve uma mudança no nome do grêmio, passando a ser denominado “Grêmio Literário Dom Aquino Corrêa”. Tal mudança foi justificada pela exemplaridade que esse bispo salesiano possuía no estado. Além disso, era um religioso que participava das atividades nos colégios salesianos, como a seguinte figura demonstra:

Figura 8 - Dom Aquino Corrêa na capela do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora



Acervo: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1950.

Era constante a justificativa no impresso sobre a mudança do nome do grêmio com uma ótica saudosista em relação a esse agente social salesiano. Mencionava-se nos discursos das festas anuais do grêmio para a posse de uma nova diretoria do colégio. Os excertos elucidam essa escolha:

Porque se teria escolhido pois, a D. Aquino Corrêa para patrocinador, substituindo o nome primitivo de <<Auxilium>>?

Sem o prisma biográfico, eis a resposta mais singela e mais concisa: D. Aquino é um príncipe da Igreja, é um poeta, é um grande brasileiro. Que arcanos maravilhosos ai vislumbramos e as divinas manifestações da música, das palavras, da arte, da poesia, trazem a essência de todas as belezas que estão para ser glorificadas e toda potência criadora que o espírito é capaz de atingir. Entretanto, D. Aquino para nós não é só poeta e brasileiro, é alguma coisa mais, porque tem tangido sua lira inspirada para exaltar este pedaço de oeste. E' o Apolo que canta Mato-Grosso. Dentro da terra de Santa Cruz, o brado de exaltação à terra é uníssono e fecundo, porém dentro dessa pátria de 8.500.000 kms? Cada qual se ufana e se glorifica particularmente de seu canto de terra, do torrão que o viu nascer e que mais conhece e mais pode portanto enaltecer. (ECOS JUVENIS, 1948, n. 1, p. 14).

Achava-se o Estado dividido em duas partes que se empenhavam num conflito. Por todo o lardo éra miséria e energias dispersas. O Estado tinha divididas a pagar e os cofres estavam vazios. Êste era o cenário que esperava D. Aquino, o qual se propusera a uma missão de paz conforme

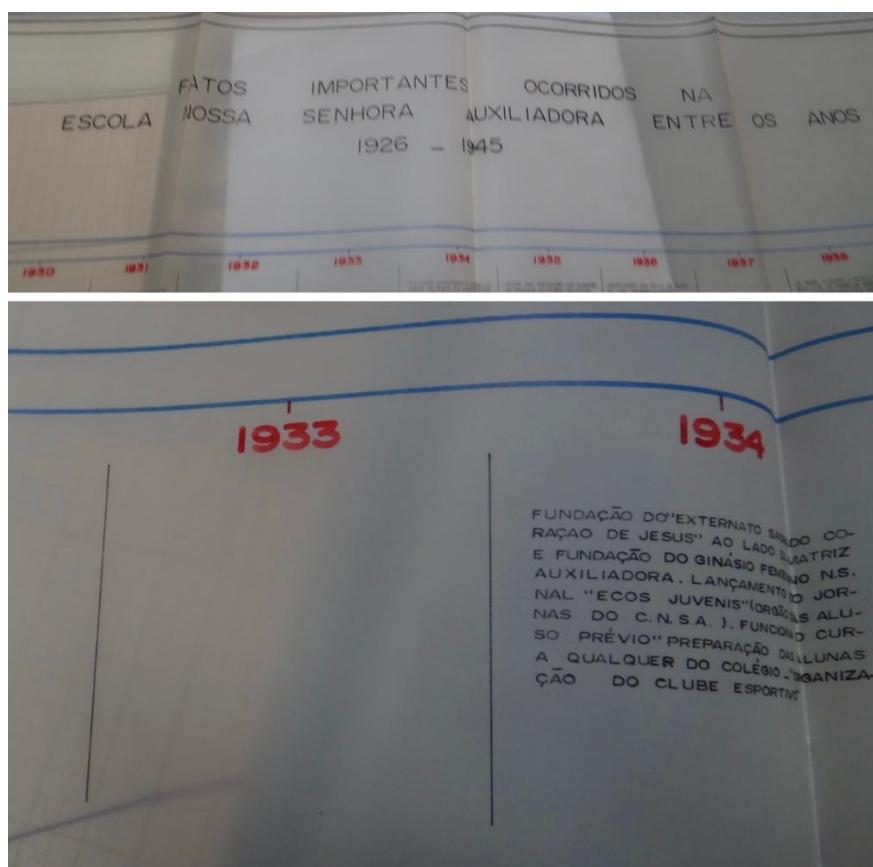
suas próprias palavras, ao aceitar a presidência do Estado: “Posso garrantir-vos a máxima isenção de espírito e o desejo único de harmonizar e fazer feliz o nosso Estado natal, irmanando os preciosos esforços dos seus filhos e valendo-me da experiência de quantos conhecem e amam aquêlê rincão abençoado”. Realizou um govêrno pacífico, bom e justo, sendo benquisto por quantos estiveram sob sua regência. Apreciador das boas obras e do bom emprego da língua, éle cultuou o seu estudo, firmando-se como poeta, orador e escritor, baseando-se sempre na forma brilhante: “a glória imortal da nossa terra, na aliança fecunda das letras, da religião e do patriotismo”. Foi aceito em todo o mundo literário que muito o aplaudiu e grande aceitação tiveram as suas obras, tais como: Terra Natal, Uma flor do cléro cuiabano, A Fronteira Mato Grosso-Goiáz, Cartas Pastorais, Discursos e Odes. (ECOS JUVENIS, 1947, s/n., p. 38).

Essa prática do culto a agente sociais por meio do impresso escolar foi sinalizada pelo Casasanta (1939, p. 191), no qual o escolanovista denomina tal prática como “culto dos grandes homens”. Segundo o referido autor, esta existiu para encorajar os estudantes a possuírem cargos de prestígio social. Nesse sentido, compreendeu-se a nomeação do grêmio de “Dom Aquino Corrêa”, pelo agente social ser um poeta religioso, cujo exemplo as alunas deveriam seguir na escrita dos textos para o impresso. Além disso, Costa (2016, p. 125) destacou que era característica dos grêmios nomear um patrono, “[...] podendo ser esse um professor da casa, uma personalidade do mundo literário ou do cenário histórico nacional.” (COSTA, 2016, p. 125).

Havia um objetivo no grêmio literário, qual seja: “[...] desenvolver o gosto e a apreciação das leituras morais e instrutivas e ao mesmo tempo exercitar as alunas na arte da declamação”. (ATA,... p. 2). Aconteciam também reuniões mensais, nas quais se discutiam textos literários, faziam-se declamações e se decidia sobre o que publicar e não publicar no impresso escolar *Ecos Juvenis*, ou seja, discutia-se sobre o que se constituía como “legítimo” e “ilegítimo” para publicar no referido impresso.

Em relação à gênese do impresso escolar *Ecos Juvenis*, houve a localização de dados controversos. Penteado (1996) pontuou que o impresso começou a ser produzido no ano de 1933, enquanto que Trubiliano e Martins (2010) informaram que se inciou em 1934, porém foi localizado um documento escolar intitulado “Fatos importantes ocorridos na escola Nossa Senhora Auxiliadora entre os anos de 1926 a 1945” que faz menção de que a circulação iniciou-se em 1934, como a figura a seguir demonstra:

Figura 9 - Datas comemorativas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora



Fonte: FATOS,... 1945.

Acervo: Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

Entendeu-se que houve duas fases do impresso escolar: a) iniciação, de 1934 a 1936, em que, conforme Trubiliano e Martins (2010), o impresso circulava somente na escola e era produzido pela comunidade escolar para a comunidade escolar; e b) expansão e consolidação, de 1937 a meados da década de 1950, quando o impresso começou a circular além dos muros escolares, em todo o estado, havendo também indícios de que circulou em algumas cidades do estado de São Paulo, conforme a análise dos impressos localizados. Em relação ao tempo de circulação do *Ecos Juvenis*, Trubiliano e Martins (2010) defendem que durou até “meados da década de 1950”, não descrevendo exatamente o ano. Penteado (1996) localizou um exemplar do impresso do ano de 1953, ou seja, corroborou a perspectiva de Trubiliano e Martins (2010). E, nesta pesquisa localizou-se exemplares datados até 1951.

Na primeira fase do impresso, localizou-se somente um exemplar que possuía o objetivo de divulgar o discurso do Paraninfo da turma de estudantes que se formou no Curso Normal de 1936. As figuras a seguir demonstram esse exemplar:

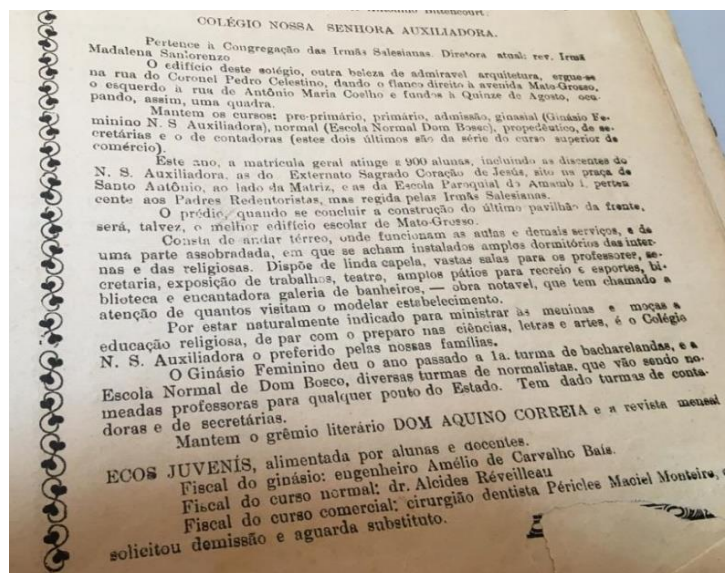
Figura 10 - Capa e contracapa do impresso



Fonte: Periódico *Ecos Juvenis*, Campo Grande, Brasil, n. especial, ano 3, 1936.
Acervo: CDR/UFGD.

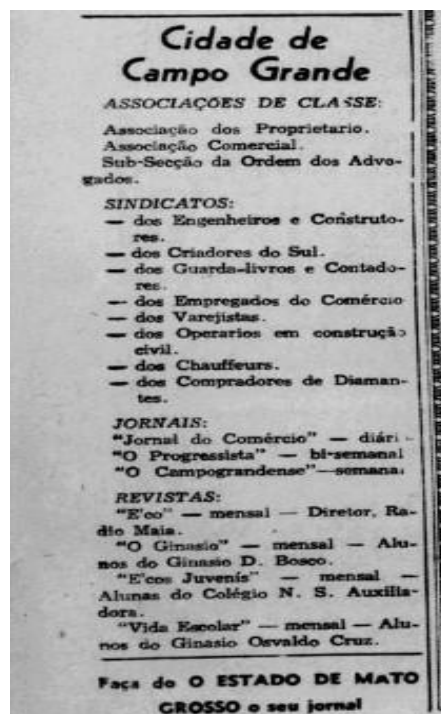
Dessa forma, divulgavam-se alguns elementos da instituição escolar para serem vistos pelas estudantes e pelos seus pais, ou seja, uma estratégia de publicidade da instituição. Em relação à segunda fase do impresso escolar, foram localizados 15 exemplares, o que formou um quadro mais favorável para sua análise e compreensão. O referido impresso, nessa fase, era divulgado em alguns periódicos e jornais locais, podendo-se compreender que isso significava uma estratégia de divulgação do veículo, além disso, questionaram-se os alcances desses periódicos, pois, quanto maior o alcance mais público seria alcançado. Localizou-se nessas fontes a divulgação do impresso:

Figura 11 - Divulgação do *Ecos Juvenis* no Periódico Anuário campo-grandense



Fonte: Periódico Anuário campo-grandense, Campo Grande, Brasil, s/n., s/ano, 1939.
Acervo: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul.

Figura 12 - Divulgação no Jornal O estado de Mato Grosso



Fonte: Jornal O estado de Mato Grosso, Campo Grande, Brasil, n. 176, ano 1, 1940.
Acervo: Hemeroteca Digital.

O *Ecos Juvenis*, nessa fase, contava com a participação de diversos agentes sociais, além das alunas, tais como: professores e professoras do colégio e de outras instituições,

diretora do colégio, alunas de outras escolas salesianas, FMA da instituição e de outras instituições, ex-alunas, religiosos salesianos e quem se dispunha a escrever para o impresso. Considerou-se que são uma característica da imprensa tais participações, como descreveu Chartier (1998, p. 84): “[...] o jornal, uma confusão de papéis entre produtor e consumidor. Nos jornais, a diferença entre redator e leitor se desmancha quando o leitor se torna autor, graças às cartas dos leitores.”. O *Ecos Juvenis* fez menção em diversos exemplares de que publicava textos e poesias de agentes sociais que não eram de Campo Grande e mencionava que estes chegavam por meio de telegramas ou/e cartas.

Com base nas leituras dos impressos escolares localizados, de 1947 a 1950 houve a participação de estudantes de instituições salesianas femininas das seguintes cidades: Lins, Cuiabá, Corumbá e Tupã. Além disso, havia seções do *Ecos Juvenis* para cada cidade das instituições salesianas femininas. Também, considerou-se que essa “união” possuía o objetivo de “fortificar” o impresso, como este excerto descreve:

TELEFONEMA

ALÔ! ALÔ! Inspetoria de Mato Grosso!

Aquí fala a casa de Campo Grande, alegre como nunca, pois **agora teremos um só jornalzinho e nos corresponderemos mutuamente**, não é assim? Olhem a “união faz a força”, por isso poderemos fazer muito bem em Mato Grosso inteiro, com um pequeno esforço se todas cooperarem. Queremos muitos escritos alegres e sérios que façam rir às almas tristes e pensar às dissipadas... Que tal se fizéssemos uma porfia? Seria bom? Ótimo!,,, Veremos qual o colégio que fornecerá trabalhos mais originais... o de Campo - Grande? É bem provável de Lins? Pode ser... de Cuiabá? Quem sabe... de Corumbá? não podemos duvidar... Cuidado com as alunas campograndenses; são muito espertas; atenção elas não dormem... Ainda mais agora que há uma boa turma de Jecistas fervorosas e capazes de tudo para fazer o bem. E Lins? Ih!... Se Campo Grande não ficar alerta, está em perigo...Olhe que as linenses são hábeis e laboriosas...Atenção Cuiabá... Como vamos? Um pouco mais de fervor juventude cuiabana!... Que negócio é esse? Só recebemos um trabalho... É possível que a nossa capital verde continue assim? Não podemos acreditar... Campo Grande, Lins e Cuiabá, só? Não. Falta a Cidade Branca, que ainda não acordou... Que é isso Corumbá, não quer publicar os trabalhos de suas filhas? Será por humildade evangélica ou tem medo da poeira de Campo - Grande? Não tema porque somente virão as obras, não as escritoras, e... afinal de contas o pó de Campo - Grande contém ferro que revigora e fortalece... Sejam espertas corumbaenses, se vocês quisessem fazer bulha na literatura, conseguiriam. (ECOS JUVENIS, 1947, s/n., p. 37, grifo nosso).

Uma informação pertinente é que no segundo exemplar de 1947 começou-se a mencionar que o *Ecos Juvenis* era órgão das alunas dos Colégios das FMA da Inspetoria de Mato Grosso, como a figura abaixo exemplifica:

Figura 13 - Órgão das alunas dos Colégios das FMA da Inspetoria de Mato Grosso



Fonte: Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. 53, ano 14, 1947.

Acervo: Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa; Biblioteca Pe. Félix Zavattaro – Acervo de obras salesianas/UCDB.

A partir de 1947, as alunas salesianas das diferentes cidades trocavam telegramas e cartas para a criação de uma tradição na imprensa escolar, porém, em uma dessas correspondências, há indícios de um sentimento de “injustiça”, em relação a essa participação de alunas salesianas de outras cidades. O excerto a seguir é parte de um telegrama das alunas de Campo Grande enviado às alunas de Lins/SP:

Como vamos de 47? Ora, essa nem se pergunta, vamos ás mil maravilhas; no entanto você tem razão irmãzinha. Nos primeiros dias as minhas meninas estiveram tristes e até... um pouco zangadinhas com você, pelo grande roubo que nos fez... mas agora tudo passou. (ECOS JUVENIS, 1947, s/n., p. 40)

Considerou-se que tal sentimento sobre o “grande roubo” era devido ao espaço que seria menor em relação às páginas para os textos e poesias das alunas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Campo Grande, no qual, fora dividido entre as alunas dos colégios salesianos femininos de: Lins, Tupã, Cuiabá e Corumbá.

Também localizaram-se indícios de duas estratégias para a divulgação do impresso:

- a) o envio de um exemplar para agentes sociais que possuíam um determinado capital social;

e b) troca de exemplares de impressos entre as instituições escolares. Os excertos a seguir demonstram essas estratégias:

Da diretoria do Ensino Secundário

Ilmo. Sr. Diretor.

Recebeu um exemplar da revista << Ecos Juvenis>> e um de <<Ressonância>>. Com os meus cumprimentos, envio a V. S. os mais sinceros votos de um êxito crescente para tão bela iniciativa.

Cordiais Saudações

a) Hilda F. de Mattos

Por HAROLDO LISBOA DA CUNHA

Diretor (ECOS JUVENIS, 1948, n. 54, p. 2).

Ecos Juvenís

Visto pelo semanário “O VALPARAÍSO”

Por intermédio da sra. prof. Arlinda Pessoa Morbeck, nossa apreciada e assídua colaboradora, temos sobre nossa mesa de trabalho, um exemplar do interessante órgão das alunas dos modelares estabelecimentos do ensino das F.M.A. da Inspeção Sto. Afonso de Ligório – Mato Grosso – Lins – Tupã, o qual se intitula “Ecos Juvenis”. Esmeradamente confeccionado o referido exemplar traz estampado em suas páginas ótimos trabalhos das alunas e mestres dos tres estabelecimentos, inclusive várias colaborações de nossa poetiza, d. Arlinda Pessoa Morbeck. Agrademos a gentileza, com que fomos distinguidos, formulando ao já credenciado órgão, vitoriosa continuidade.

Do “O Valparaíso”

A diretoria do Colégio N. S. Auxiliadora agradece a apreciação do semanário da cidade paulista. (ECOS JUVENÍS, 1950, n. 58, p. 41).

Normalista

Este é o título de mais um jornalzinho que em boa hora apareceu sobre minha mesa de trabalho. E’ órgão da Escola Normal “Jango de Castro” de Aquidauana. A’ Direção, Ecos Juvenis apresenta seus fraternos cumprimentos, augurando que esta simpática iniciativa de aprendizado por meio de leituras amenas, seja por muitos anos fontes de amor às belas letras e à cultura sadia. (ECOS JUVENIS, 1950, n. 59, p. 36).

Tais estratégias de envio de exemplares para outras instituições escolares e para agentes sociais de prestígio auxiliavam o impresso escolar *Ecos Juvenis* a se manter como um veículo que possuía um amplo público e uma recepção calorosa, visto que agentes sociais de prestígio, como um inspetor do ensino secundário, davam ênfase à contribuição da iniciativa do impresso escolar. Além disso, compreendeu-se que o exercício de troca de exemplares poderia ser mobilizado por outras instituições escolares, pois escolanovistas

destacavam que a troca de exemplares favorecia a construção de um “entusiasmo” e “camaradagem” entre os alunos:

Aí senti imediatamente as importantes possibilidades de uma tal troca: as crianças já não escreviam para si próprias mas para os seus correspondentes: os deveres escolares mudaram então de sentido, ou seja, de natureza. Que animação e que entusiasmo pela leitura quando chegavam os jornais dos nossos âmiiguinhos! (FREINET, 1974, p. 70).

O jornal deve estabelecer um vasto intercâmbio entre as escolas e daí, sem dúvida, pode o mestre tirar ótimo partido, desenvolvendo o espírito de camaradagem, estudando regiões, obtendo informações escritas de crianças de certo lugar, enviando também as suas. Outras atividades surgirão: listas de endereços, aquisições de selos, modo de subscreitar cartas e jornais, etc., etc. (CASASANTA, 1939, p. 128).

No exemplar de n. 58, de 1950, foi relatado que deixou de haver a participação das alunas salesianas de outras cidades devido a estas fundarem seu próprio impresso escolar, como a notícia a seguir destaca:

Sinos de Prata

Imaginem o som delicadíssimo de tais sinos.... eles vieram ferir os nossos ouvidos, suavemente, trazendo das alunas da Escola Normal N. S. Auxiliadora, de Lins, a saudação fraterna, o abraço amigo de quem pugna pelos mesmos ideias. Sinos de Prata e Écos Juvenís são dois irmãozinhos destinados a fazer grande bem à juventude salesiana, desejosa de iniciar-se nas lides literárias e no apostolado da boa imprensa. Parabéns às entusiastas alunas e à Diretoria da Escola Normal N. S. Auxiliadora pelo ótimo jornalzinho de estilo ameno e altamente educativo. Que os SINOS DE PRATA badalem em todos os Colegios Salesianos, é o agurio do irmão mais velho.

ÉCOS JUVENÍS (ECOS JUVENIS, 1950, n. 59, p. 33).

Dessa forma, a partir de 1950, os impressos contavam com a participação somente das alunas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Campo Grande, ou seja, havia mais páginas para as alunas publicarem seus textos e poesias. Além disso, ressaltou-se que o *Ecoss Juvenis* circulou em um período de maior circulação de impressos escolares secundaristas, conforme Amaral (2013), no período de 1930 a 1960, esses impressos tiveram maior intensidade e circulação em várias cidades do país, como na cidade de Campo Grande. Conforme Urbietta (2022), e Moreira e Galvão (2022), os impressos que circularam nesse período foram: *O ginásio*, do Ginásio Dom Bosco (1937-1945); *Vida Escolar*, do Colégio

Visconde de Taunay e Internato Osvaldo Cruz (1934-1937); e *A Pena* (anos das décadas de 1940, 1950 e 1960), do Colégio Estadual Maria Constança.

Nesta subseção foram levantadas algumas informações que contribuem para historicizar o impresso escolar, enfatizando que o *Ecos Juvenis* ganhou notoriedade a partir do ano de 1937, quando começou a circular além dos muros escolares.

2.3 DE OLHO NA FONTE: EM ESTUDO A MATERIALIDADE DO IMPRESSO ESCOLAR *ECOS JUVENIS*

É importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural. (LUCA, 2010, p. 132, grifo da autora).

Nesta subseção buscou-se caracterizar o impresso escolar *Ecos Juvenis* a partir de sua materialidade e compreender se houve uma construção de sentido, por meio da qual se queria demonstrar que era um impresso de uma instituição escolar religiosa, voltada para os grupos das elites elitista e para mulheres. Concebeu-se a compreensão de materialidade calcada nas contribuições de Chartier (2022, p. 612), que dissertou:

Materialidade do texto significa os formatos diferentes das obras publicadas. Significa também a inscrição e a disposição do texto sobre as páginas [...]. Significa igualmente as escolhas do autor, do corretor, do operário tipográfico ou do tipógrafo, na Primeira Modernidade, no que se refere às grafias ou às pontuações. Então, isso é um conjunto de elementos que define a materialidade [...], que produz uma possibilidade de recepção da obra para os leitores que pensam sua apropriação isoladamente em relação ao texto lido, mas que é, ao mesmo tempo, uma apropriação guiada, constrangida, organizada pela materialidade [...], que o leitor não necessariamente tem presente na sua consciência. Assim, num certo sentido, o ato de leitura consiste em fazer desaparecer essa materialidade ou a percepção dos efeitos dela, para estabelecer uma relação direta, mas ilusória, entre o que o autor escreveu e o que leitor lê.

Nessa perspectiva, não há neutralidade na materialidade do impresso escolar, pois os suportes que o envolveram foram intrinsecamente político e simbólico.

Incursionou-se primeiro na análise das capas do *Ecos Juvenis*. Em relação a esse item, notou-se que havia recorrências das imagens, conforme o quadro e a figura a seguir demonstram:

Quadro 8 - Capa dos impressos

Ano:	Ano e número do impresso:	Capa do impresso:
1936	Ano 3 e n. especial	Brasão com uma lira e uma estrela; nome do impresso, com menção de que é órgão das alunas do Auxiliadora.
1939	Ano 6 e n. 29	Fachada do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora; nome do impresso; nome do colégio e da cidade
1941	Ano 8 e n. especial	Foto de Dom Bosco com flores ao fundo; e embaixo o nome do impresso
1946	Ano 13 e n. 51	Foto do colégio com as alunas na frente; nome do impresso com menção de que é órgão das alunas do Auxiliadora; e dedicação do impresso à inauguração do Noviciado Missionário São José.
1946	Ano 13 n. 52	Foto do colégio com as alunas na frente; nome do impresso com menção de que é órgão das alunas do Auxiliadora
1947	Ano 14 e s/n.	Foto do colégio com as alunas na frente; nome do impresso com menção de que é órgão das alunas do Auxiliadora da inspetoria de Mato Grosso
1947	Ano 14 e n. 53	Foto do colégio com as alunas na frente; nome do impresso com menção de que é órgão das alunas do Auxiliadora da inspetoria de Mato Grosso
1948	Ano 15 e n. 1	Foto de Dom Bosco com flores ao fundo; e embaixo o nome do impresso
1948	Ano 15 e n. 54	Foto de Dom Bosco com flores ao fundo; e embaixo o nome do impresso
1949	Ano 16 e n. especial	Foto de fachada do Colégio Auxiliadora com as alunas na frente e da superiora geral das FMA, com menção de que ela visita Mato Grosso
1950	Ano 17 e n. 57	Foto de Dom Bosco com flores ao fundo; e embaixo o nome do impresso
1950	Ano 17 e n. 58	Foto de Dom Bosco com flores ao fundo; e embaixo o nome do impresso
1950	Ano 17 e n. 59	Foto de Dom Aquino Corrêa com nome do impresso em cima.
1951	Ano 18 e n. 60	Impresso localizado sem a capa
1951	Ano 18 e n. 61	Foto de Madre Mazzarello com nome do impresso em cima
1951	Ano 18 e n. 62	Foto de alunas em escadaria do colégio com o nome do impresso em cima.

Fonte: elaborado com base nos impressos localizados.

Organização: Gomes, 2023.

Figura 14 - Capas do *Ecos Juvenis*

Fonte: Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. especial, ano 3, 1936; Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. 29, ano 6, 1939; Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. especial, ano 8, 1941; Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. 51, ano 13, 1946; Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. 52, ano 13, 1946; Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, s/n., ano 14, 1947; Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. 53, ano 14, 1947; Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. 1, ano 15, 1948; Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. 54, ano 15, 1948; Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. especial, ano 16, 1949; Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. 57, ano 17, 1950; Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. 58, ano 17, 1950; Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. 59, ano 17, 1950; Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. 60, ano 18, 1951; Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. 61, ano 18, 1951; Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. 62, ano 18, 1951.

Acervo: CDR/UFGD; Biblioteca Pe. Félix Zavattaro – Acervo de obras salesianas/UCDB.

As iconografias selecionadas para compor as capas não foram meros elementos dispersos no impresso, já que elas remeteram a um contexto específico, o qual esteve estritamente ligado às intencionalidades dos agentes sociais e dos grupos sociais que produziram essa fonte para auxiliar na composição de uma determinada leitura. Como elucidaram Galvão e Melo (2019, p. 248):

A própria composição da capa, com o uso (ou não) de imagens, de cores, de diferentes tipos e tamanhos de letras e de outras marcas tipográficas podem produzir no leitor, por exemplo, sensações como sobriedade, ludicidade, leveza, seriedade.

Em relação aos impressos localizados, notou-se que em 5 capas foi a mesma iconografia utilizada, qual seja, a fachada do colégio com as alunas na frente, e 1 capa somente com a fachada do colégio. Notou-se que tais capas foram de impressos datados após 1937, período em que estes começaram a circular no estado e em algumas cidades de São Paulo. Dessa maneira, identificou-se uma estratégia de propagar um “vistoso” e exemplar colégio para a sociedade e, em específico, para as frações das classes médias e altas, pois, como sinalizou Moreira e Galvão (2022), esse período era caracterizado pelo ensino secundário ser voltado para a formação das elites e o apelo estético presente no impresso contribuiria para a construção de uma imagem de exemplaridade do colégio para as frações das classes médias e altas.

As capas também eram compostas por figuras religiosas. Percebeu-se que em 4 capas foram utilizadas a mesma foto de Dom Bosco, santo católico salesiano, e 1 capa com a foto de Madre Mazarrello, santa católica salesiana. Considerou-se que, além da questão de demonstrar para a sociedade que o colégio era confessional, tal ênfase dada aos santos

salesianos era na perspectiva de que eram tidos nas instituições escolares salesianas como santos exemplares a serem seguidos, como mencionou Andrade (2021) sobre Dom Bosco, Madre Mazzarello, Domingos Sávio e Laura de Vicuña. Nesse sentido, considerou-se que tais capas poderiam legitimar um modo de perceber o mundo social para as alunas salesianas e produzir o sentido de uma “leitura guiada”, como dissertou Chartier, (1998) sobre os impressos.

Houve a localização de uma capa com Dom Aquino Corrêa e outra com a Madre Superiora das FMA. Compreendeu-se que tais capas foram escolhidas na perspectiva do “culto aos grandes homens”, aos quais Casasanta (1939) fez menção. Dom Aquino Corrêa era patrono do grêmio das alunas do Colégio Nossa Senhora e a Madre Superiora das FMA possuía prestígio nos colégios salesianos. Além disso, as atas do Grêmio Literário Dom Aquino Corrêa fizeram menção de que havia reuniões que se dedicavam a algum intelectual ou/e figura religiosa. Nesse sentido, compreendeu-se que havia a mesma intencionalidade de inserir Dom Bosco e Madre Mazzarello nas capas, qual seja, produzir o sentido de uma “leitura guiada” para as alunas salesianas e construir desde a capa do impresso um senso de aceitação dos discursos ali presentes.

Foi localizada somente uma capa com as alunas em destaque. Nesse sentido, questionou-se a autonomia estudantil na escolha das capas, pois 6 exemplares possuíam o prédio escolar em destaque, podendo ser ter sido escolhido pela instituição escolar para divulgarr o colégio.

Concordou-se com Moreira e Galvão (2022), que dissertaram que o *Ecos Juvenis* era uma revista, pois “[...] uma revista se distingue dos jornais pela presença de certos elementos materiais, como a capa [...]” (MOREIRA; GALVÃO, 2022, p. 16).

Em relação à investigação das iconografias que havia no impresso, depreendeu-se que “[...] dependem tanto das convenções ou dos interesses envolvidos no ato de mostrar.” (CHARTIER, 1998, p. 82), ou seja, havia um processo de seleção do que era legítimo e ilegítimo para mostrar. Também a ausência ou forte presença das iconografias trazem indícios das condições materiais de existência do impresso, como sinaliza Luca (2010). No quadro a seguir, apresentam-se as seguintes informações referentes às iconografias dos impressos escolares:

Quadro 9 - Iconografias do *Ecos Juvenis*

Ano:	Ano e número:	Possui iconografia? Se sim, quantas?	Quais eram essas iconografias?
1936	Ano 3 e n. especial	Sim, 3	Brasão; desenho religioso de Maria; e Jesus menino
1939	Ano 6 e n. 29	Não	X
1941	Ano 8 e n. especial	Sim, 12	Procissão que o Colégio Auxiliadora fez; Madre Mazarrello; desenho do colégio; exposição catequética do colégio; procissão do colégio Imaculada Conceição (Corumbá); atuação das FMA em um hospital de caridade; Missão salesiana feminina com os indígenas em Cuiabá; Asilo Santa Rita; Santa Casa; Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.
1946	Ano 13 e n. 51	Sim, 5	Fachada do Noviciado Missionário São José; capela do noviciado; novas noviças; FMA professoras do colégio
1946	Ano 13 e n. 52	Sim, 6	Madre Marta (FMA missionária); ex-alunas com as FMA no colégio; FMA em missão indígena; oratório festivo que ocorria no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.
1947	Ano 14 e s/n.	Sim, 6	Mandalas; noviças no Colégio Auxiliadora; noviças na capela do Colégio Auxiliadora; Madre Mazarello
1947	Ano 14 e n. 53	Sim, 4	Árvore; Mandalas; desenho para adivinhar uma charada
1948	Ano 15 e n. 1	Sim, 5	Madre Mazarello; Madre Marta, inspetora das FMA e missionária de MT; balança, símbolo da justiça; estrelas; fachada do Colégio Auxiliadora com alunas na frente.
1948	Ano 15 e n. 54	Sim, 11	Nossa Senhora Auxiliadora; Papa Pio XXI; Bispo Diocesano D. Orlando Chaves; Jesus menino; flores; Madre Marta; Estrelas
1949	Ano 16 e n. especial	Sim, 26	Fachada do Colégio Auxiliadora; Dom Bosco; Madre Mazzarello; ex-alunas do colégio Auxiliadora em aeroporto, recebendo a Madre Geral das FMA; Madre Geral das FMA; FMA no hospital beneficente de Campo Grande; FMA no Colégio Auxiliadora; Capela do Colégio Auxiliadora; flores; Ir. Túlia Paoli, professora do Colégio Auxiliadora; Madre Superiora em Noviciado no Colégio Auxiliadora; Ginásio Imaculada Conceição, de Corumbá; FMA no Ginásio Imaculada Conceição, de Corumbá; Madre geral em Corumbá com FMA; Nuvens com lua; Ginásio Coração de Jesus, de Cuiabá; FMA em Asilo em

			Cuiabá; FMA em orfanato de Coxipó da Ponte; FMA com alunas do primário em Guiratinga; FMA missionárias com bororos; FMA em sangradouro com Madre Geral; FMA visitando a cidade de Poxoréu; nuvens com sol; Alunas do auxiliadora; Madre Ermelinda de Lins, em missa com alunas de Lins; Madre Geral sendo homenageada em Lins; Desfile de alunas de Lins
1950	Ano 17 e n. 57	Sim, 2	FMA do colégio auxiliadora; flores
1950	Ano 17 e n. 58	Sim, 5	Maria auxiliadora; Madre Mazzarello; Gen. Edgar de Oliveira; fachada do Colégio Auxiliadora com alunas na frente; flores
1950	Ano 17 e n. 59	Não	X
1951	Ano 18 e n. 60	Sim, 13	Ir. Carmelita Allegra; Madre Marta; Oratório festivo do Colégio Auxiliadora; ex-alunas do Colégio Auxiliadora; alunas do Colégio Auxiliadora em chácara; Maria Auxiliadora; almoço no Colégio Auxiliadora, com as alunas e os pais; flores, alunas do primário do Colégio Auxiliadora; desenho em quadrinhos
1951	Ano 18 e n. 61	Sim, 14	Madre Mazzarello; alunas do Colégio Auxiliadora; horta do Colégio Auxiliadora, história em quadrinhos sobre Madre Mazzarello; alunas ginásianas do Colégio Auxiliadora; Maria Auxiliadora; flores; vencedoras de concurso literário do Colégio Auxiliadora; camelo em forma de palavras cruzadas
1951	Ano 18 e n. 62	Sim, 13	Ir. Madre Ermelinda Lucotti; ex-alunas do Colégio Auxiliadora com FMA; ex-alunas em escadaria do colégio Auxiliadora; Aluna do Colégio Auxiliadora em viagem; Madre inspetora do Colégio Auxiliadora; história em quadrinhos das FMA; Madre diretora do Colégio Auxiliadora; foto de irmãos na qual duas meninas são alunas do Colégio Auxiliadora; palavra cruzada em formato de flor; fachada do Colégio Auxiliadora

Fonte: elaborado com base nos impressos localizados.
Organização: Gomes, 2023.

A partir das iconografias entendeu-se que se construía uma noção de legitimidade, pois “A pintura ou a gravura imobilizam os leitores numa atitude que remete a convenções e

códigos atribuídos. [...]” (CHARTIER, 1998, p. 79). A legitimação das iconografias no *Ecos Juvenis* dava-se pelas recorrências de: figuras de santos religiosos; fachada dos colégios salesianos femininos e de atividades internas desses colégios; e ex-alunas salesianas.

As figuras religiosas eram em sua maioria dos santos tidos como exemplares para as alunas salesianas, quais sejam: Dom Bosco e Madre Mazarrello, como mencionado anteriormente, para produzir o sentido de uma “leitura guiada” para as alunas salesianas e construir um senso de aceitação sobre os discursos no impresso. Também, questionou-se quem eram os idealizadores e editores, pois, poderiam ser as professoras para produzir essa leitura anteriormente mencionada. Além disso, havia diversas imagens religiosas de Maria, conforme a figura a seguir demonstra:

Figura 15 – Iconografias de Maria no *Ecos Juvenis*



Fonte: Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. especial, ano 3, 1936; Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. 54, ano 15, 1948; Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. especial, ano 16, 1949; Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. 60, ano 18, 1951.
Acervo: CDR/UFGD; Biblioteca Pe. Félix Zavattaro – Acervo de obras salesianas/UCDB.

Observou-se que 2 iconografias possuíam escritos de alunas salesianas ao lado, 1 possuía ao lado uma divulgação de um congresso Mariano direcionado às alunas e 1 estava debaixo dos nomes das normalistas formadas no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Dessa forma, compreendeu-se que essas iconografias com textos ao lado contribuíam para construir sentido, pois “A imagem, em muitos casos, pode, ao lado do texto, ser o principal elemento para instituir determinado efeito de sentido.” (GALVÃO; MELO, 2019, p. 242).

Entendeu-se que o impresso possuía a intencionalidade de associar as alunas a Virgem Maria e também legitimar para as alunas que Maria deveria ser um exemplo. Por se tratar de uma instituição católica salesiana, existia um protótipo de mulher ideal, que seria Maria, pois ela era recatada, virgem e pura e, por essa razão, as alunas deveriam seguir esse modelo. Azzi (2003) destacou que esse modelo era recorrente em instituições escolares femininas salesianas. Além disso, percebeu-se que todas as iconografias de Maria no impresso eram com Jesus bebê ao lado, ou seja, reforçava-se o papel de mãe para as alunas salesianas.

Outra recorrência foi das FMA como foco da iconografia, ao lado de santos religiosos, evidenciando autoridade religiosa para as alunas e para a sociedade e em atuação em instituições escolares, aldeias indígenas, hospitais e asilos. Compreendeu-se como uma estratégia de divulgação para que as FMA acumulassem em torno de si capital social, tendo em vista que a sociedade era predominantemente católica, legitimando-se assim um papel de que as educadoras salesianas sabiam educar as moças em moldes cristãos e, conforme a lógica de caridade, imposta no currículo oficial da disciplina de economia doméstica.

Entendeu-se que as recorrências das FMA, ou seja, as professoras do colégio, no impresso desmobilizava a questão da autonomia estudantil, pois o escolanovista Casasanta (1939, p. 156) destacou que aos impressos escolares “[...] convirá que os jornais não publiquem trabalhos de professores, a não ser que sejam solicitados. E, mesmo assim, terão o cuidado de escrever o mínimo, com a máxima clareza.”.

Também houve recorrências de iconografias da fachada do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora no impresso e das atividades internas dos colégios salesianos femininos. Nesse sentido, compreendeu-se que estava ligado ao interesse de propagar o colégio para a

sociedade e trazer informações para os pais das estudantes sobre a escolarização de suas filhas. O escolanovista Freinet (1974, p. 29) pontuou que o jornal deve ser bem ilustrado pois “[...] interessará por certo os pais e os correspondentes.”. Nesse sentido, as iconografias poderiam elucidar e legitimar uma ótica da sociedade e dos pais sobre as instituições escolares salesianas femininas.

A última recorrência das iconografias foi das ex-alunas, o que estava ligado a uma estratégia de divulgação para a sociedade dos estabelecimentos escolares femininos salesianos, pois, das 5 iconografias, havia 3 das ex-alunas com as FMA e 1 das ex-alunas na escadaria da capela do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

Nesse sentido, entendeu-se que se queria construir uma imagem de que os colégios eram ambientes “agradáveis” para a convivência, tanto que as ex-alunas retornavam ao espaço e, também, que as FMA eram “amigas” das ex-alunas, conforme o sistema preventivo²³ demanda que os professores salesianos “[...] deveriam acompanhar os alunos e estabelecer uma relação de amizade, confiança e parceria entre educador e educando [...]”. (ANDRADE, 2021, p. 202).

Concluiu-se que as iconografias traziam possibilidades de o leitor decifrar os textos do impresso e auxiliavam os textos numa leitura determinada, pois “[...] **os discursos adquirem significados de muitas formas**, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam.” (LUCA, 2010, p. 140, grifo da autora). Além disso, o escolanovista Casasanta (1939, p. 144) ponderou que os jornais escolares (termo usado pelo autor) deveriam possuir “[...] boas ilustrações, ilustrações sugestivas, a fim de aperfeiçoar a associação.” (CASASANTA, 1939, p. 144).

Cabe tensionar a discussão da escolha e a significação das iconografias *no Ecos Juvenis*. Deve ser maior aprofundado e discutido a significação dessas escolhas a partir de outras fontes históricas pois, nesse período histórico pelas condições de produção, pode ser um processo de não-escolha.

Já em relação às condições materiais e à iconografia, percebeu-se seu uso em média escala, tendo em vista as recorrências do impresso. Dessa forma, considerou-se que havia

²³ O sistema preventivo era o sistema pedagógico salesiano, que era “[...] considerado por seus seguidores como um conjunto de atitudes, crenças, ações, meios, falas, métodos e ambientes, e possui, em sua base de sustentação, um tripé composto por três conceitos principais: razão, religião e amorevolezza (ou bondade).” (ANDRADE, 2021, p. 73-74).

homogeneidade nas imagens e que esse uso foi devido à impressão em gráfica, conforme Penteado (1996, p. 55) trouxe em relação ao *Ecos Juvenis*: “[...] era um trabalho esmerado, para a tecnologia em impressão na época e, seguramente, foi uma marca, uma conquista e mais um avanço para o colégio”. Um elemento compreendido como uma estratégia foi o tipo de papel escolhido para o impresso, qual seja, papel jornal crego, pois esse material possibilitava a impressão rápida e em larga escala e, além disso, era mais barato.

Localizou-se a impressão do *Ecos Juvenis* em três locais diferentes às quais somente três exemplares fazem menção: Tipografia Trouy (ECOS JUVENÍS, 1939, n. 29), Aragão e Cia. (ECOS JUVENÍS, 1941, n. especial) e Tipografia da Livraria Rui Barbosa (ECOS JUVENIS, 1951, n. 62). Dessa maneira, compreendeu-se que a instituição escolar não era o *locus* de impressão, informação que auxiliou na compreensão da autonomia estudantil no impresso, pois Casasanta (1939, p. 73) destacou que o ideal deveria ser a impressão na escola:

A maior desvantagem que apresenta o jornal impresso consiste em que, em regra, é o professor quem faz quase tudo. A participação do aluno é mínima. No jornal manuscrito o trabalho pode ser muito atraente para o aluno, porque, além do exercício da composição, ele mesmo poderá escrevê-la no jornal.

Nesse sentido, obtiveram-se indícios de que o “controle” da edição do impresso era institucional, pois conforme Irmã Bartira, uma professora do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, mencionou: “Editávamos a revista *Ecos Juvenis*” (GARDÉS *apud* SÁ ROSA, 1999, p. 91). Também uma ex-aluna citou outra freira que editava o impresso: “Irmã Francisca Barroso, conhecedora profunda dos segredos do vernáculo, ensinava Português, Química, História do Brasil, Religião, além de responsabilizar-se pela edição da revista *Ecos Juvenis* [...]” (SÁ ROSA *apud* PENTEADO, 1996, p. 166).

Destaca-se que Chartier (1998, p. 55), ao investigar um período histórico, dissertou que as gráficas tinham de estar em consonância com os ideais dos impressos, pois faziam o exercício de “[...] examinar por censores para saber se está conforme à ortodoxia política, religiosa ou moral.” (CHARTIER, 1998, p. 55). No entanto, considerou-se que esse exercício de “examinar” seria feito pelas FMA, as professoras da instituição e não pela gráfica.

Em relação aos anúncios que havia no *Ecos Juvenis*, Trubiliano e Martins (2010) explicaram que “A partir de 1937, a Revista sofreu um processo de expansão, tendo

aumentado tanto o número de anúncios de patrocinadores, em geral profissionais liberais e casas comerciais de Campo Grande e região [...].”, porém, dos 15 exemplares localizados a partir de 1937, somente foi encontrado um anúncio no exemplar de 1939 (n. 29, p. 20), que era de um profissional liberal de Campo Grande, o Dr. Adalberto Barreto, o qual possuía um escritório de advocacia na cidade, ou seja, compreendeu-se que o financiamento do impresso se dava de forma institucional.

Luca (2010) asseverou que os anúncios estavam estritamente ligados à questão de financiamento do impresso, dessa forma considerou-se que a ausência de anúncios no *Ecos Juvenis* pode ser justificada pelo preço que era cobrado, pois conforme Trubiliano e Martins (2010, p. 8), havia uma assinatura anual de “[...] 5\$000, em 1937; 7\$000, em 1938, e 10\$000, em 1940 [...]” do *Ecos Juvenis*. Destaca-se que nesta investigação somente se localizou o preço da anuidade em um impresso, qual seja, o valor de 7\$000 (ECOS JUVENÍS, 1939, n. 29). Compreendeu-se que o controle era mais institucional, pois, localizou-se indícios que a escola financiava o impresso por meio da coleta de assinaturas.

No que diz respeito ao formato e tamanho do impresso, concordou-se com Trubiliano e Martins (2010, p. 8, grifo nosso), que informaram que o *Ecos Juvenis* possuía um

[...] pequeno formato de brochura, medindo 16 x 20 cm, *Ecos Juvenis* **tinha a aparência física de um caderno escolar ou de um diário íntimo**, lugar que serviria como depositário dos pensamentos, poesias e lembranças das moças da época.

Todos os exemplares que foram localizados possuíam as características supramencionadas, de uma aparência física de um caderno escolar ou de um diário íntimo.

Outro elemento identificado que pode ser problematizado foi a questão do nome do impresso, “Ecos Juvenis”, que apesar de ora apresentar o acento nas palavras “Écos” e “Juvenís”, ora sem o acento nas duas palavras, como demonstra o quadro 8, o significado do nome foi o mesmo. Como mencionado anteriormente, tratava-se de uma repetição de sons das adolescentes, porém foi considerado contraditório, na perspectiva de que havia uma participação docente. Além disso, questionou-se: sobre o que as professoras escreviam? Era algo direcionado à conduta das discentes? Na terceira seção localizaram-se alguns textos das professoras e problematizaram-se essas questões.

Ao longo da investigação da materialidade do impresso, foram localizadas irregularidades, quais sejam: a) periodicidade; e b) quantitativo do número de páginas, os

quais compreendeu-se que estavam ligados à dificuldade de circulação do impresso. Em relação à periodicidade, reuniu-se um compilado de fontes que fazem menção a esse aspecto, conforme o quadro abaixo apresenta:

Quadro 10 - Periodicidade do *Ecos Juvenis*

Fonte:	Periodicidade:
Penteado (1996)	Trimestral
Trubiliano e Martins (2010) – Durante o período de circulação para a comunidade escolar de 1934 a 1936	Bimestral
Anuário campo-grandense (1939)	Mensal
Jornal O estado de Mato Grosso (1940, n.176)	Mensal
Écos Juvenís (1936, n. especial; nov.)	Não faz menção
Ecos Juvenís (1939, n. 29; set. e out.)	Bimestral
Ecos Juvenís (1941, n. especial; não fez menção)	Não faz menção
Ecos Juvenis (1946, n. 51; jan. a jun.)	Semestral
Ecos Juvenis (1946, n. 52; jul. a dez.)	Semestral
Ecos Juvenis (1947, s/n; jan. a jun.)	Semestral
Ecos Juvenis (1947, n. 53; jul. a dez.)	Semestral
Ecos Juvenis (1948, n. 1; jan. a jun.)	Semestral
Ecos Juvenis (1948, n. 54; jul. a dez.)	Semestral
Ecos Juvenis (1949, n. especial; não fez menção)	Não faz menção
Ecos Juvenís (1950, n. 57; mar. e abr.)	Bimestral
Ecos Juvenís (1950, n. 58; maio e jun.)	Bimestral
Ecos Juvenis (1950, n. 59; ago. e set.)	Bimestral
Ecos Juvenis (1951, n. 60; mar., abr. e maio)	Trimestral
Ecos Juvenis (1951, n. 61; ago. e set.)	Bimestral
Ecos Juvenis (1951, n. 62; out. e nov.)	Bimestral

Fonte: elaborado com base nas fontes localizadas.

Organização: Gomes, 2023.

Dessa maneira, percebeu-se, a partir das fontes localizadas, que na segunda fase do impresso escolar, isto é, de 1937 a meados de 1950, havia uma irregularidade significativa da periodicidade, que se compreendeu estar ligada à dificuldade de manter um impresso escolar, perspectiva calcada nos dados obtidos na revisão sistemática.

Outra irregularidade que ganhou destaque na leitura do impresso foi a questão do quantitativo do número de páginas. Trubiliano e Martins (2010) sinalizaram que o impresso passou por um processo de expansão em 1937 e, a partir desse ano, começou a possuir mais de 40 páginas. Na investigação, identificou-se que 11 impressos escolares datados a partir de 1937 possuíam mais de 40 páginas, porém foram identificados 4 exemplares que possuíam menos de 40 páginas: n. 29, de 1939 – 22 páginas; n. 60, de 1951 – 36 páginas; n. 61, de

1951 – 26 páginas; e n. 62, de 1951 – 26 páginas, ou seja, ainda na fase de expansão havia dificuldades de manter o impresso, principalmente, da periodicidade.

A partir da materialidade, obtiveram-se indícios do uso do impresso e considerou-se que se queria construir sentidos a partir dos diversos elementos ali presentes. Além disso, ao caracterizar o impresso escolar a partir de sua materialidade, localizaram-se as seções e os seus conteúdos. Dessa maneira, na próxima subseção, buscou-se discutir as questões que envolveram as temáticas centrais do *Ecos Juvenis*.

2.4 TEMÁTICAS CENTRAIS: ENTRE AS SEÇÕES E CONTEÚDOS DO IMPRESSO ECOS JUVENIS

A cultura impressa – e, antes dela, a cultura manuscrita – produziu triagens, hierarquias, associações entre formatos, gêneros e leituras. (CHARTIER, 1998, p. 139).

Além da ideia exposta na epígrafe, esta pesquisa também se alinhou à perspectiva de Bourdieu (1997, p. 103), que dissertou que na imprensa há um “[...] monopólio da informação legítima [...]”, ou seja, uma relação com o externo para considerar o que é legítimo, pois se compreendeu que havia mecanismos nesse subcampo da imprensa escolar salesiana “[...] sujeitos às exigências do mercado (dos leitores e dos anunciantes) [...].” (BOURDIEU, 1997, p. 101, grifo do autor).

Além disso, não se desconsiderou que havia as regras internas que priorizavam o que deveria ser publicado no impresso. Dessa forma, na investigação dos conteúdos e seções dos impressos, buscou-se tecer a relação entre o universal e o singular, problematizando o que era selecionado para compor o impresso escolar.

Para a identificação das seções e dos conteúdos do *Ecos Juvenis*, foi feita a leitura de todos os impressos. Nesse sentido, o quadro 9 apresenta as seções localizadas e os conteúdos identificados nessas seções. Considerou-se como “seção” o que havia em mais de um impresso:

Quadro 11 - Agrupamento das seções do *Ecos Juvenis*

Seções (ocorrências)	Conteúdo	Impressos que aparecem
“Lições de Português” (2)	Textos sobre ortografia	Ecos Juvenis (1939, n. 29), Ecos Juvenis (1941, n. especial)
“Adivinhações” / “Você é capaz de responder?” / “Teste de conhecimento” / “Vamos provar seus conhecimentos?” (9)	Conteúdo católico, patriótico, humanístico e de conhecimentos gerais	Ecos Juvenis (1939, n. 29), Ecos Juvenis (1946, n. 51), Ecos Juvenis (1946, n. 52), Ecos Juvenis (1948, n. 1), Ecos Juvenis (1950, n. 57), Ecos Juvenis (1950, n. 59), Ecos Juvenis (1951, n. 60), Ecos Juvenis (1951, n. 61), Ecos Juvenis (1951, n. 62)
“Soluções” (6)	Respostas das “adivinhações”; “Você é capaz de responder?”; e “Teste de conhecimento”	Ecos Juvenis (1939, n. 29), Ecos Juvenis (1946, n. 52), Ecos Juvenis (1948, n. 54), Ecos Juvenis (1950, n. 57), Ecos Juvenis (1950, n. 58), Ecos Juvenis (1950, n. 59)
“Nossas Notícias” / “Dias que se foram” / “Nossas Vidinhas” (9)	Acontecimentos cotidianos do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora	Ecos Juvenis (1939, n. 29), Ecos Juvenis (1946, n. 51), Ecos Juvenis (1947, s/n), Ecos Juvenis (1947, n. 53), Ecos Juvenis (1948, n. 54), Ecos Juvenis (1950, n. 57), Ecos Juvenis (1950, n. 58), Ecos Juvenis (1950, n. 59), Ecos Juvenis (1951, n. 60),
“Classificação das alunas” / “Aprovações e Promoções” (3)	Desempenho das estudantes	Ecos Juvenis (1939, n. 29), Ecos Juvenis (1941, n. especial), Ecos Juvenis (1946, n. 52),
“Tagarelices de Ptolomeia” (10)	Textos de uma FMA sobre a conduta das estudantes e da mulher cristã católica	Ecos Juvenis (1946, n. 51), Ecos Juvenis (1946, n. 52), Ecos Juvenis (1947, s/n), Ecos Juvenis (1947, n. 53), Ecos Juvenis (1948, n. 1), Ecos Juvenis (1950, n. 57), Ecos Juvenis (1950, n. 58), Ecos Juvenis (1950, n. 59), Ecos Juvenis (1951, n. 60), Ecos Juvenis (1951, n. 62),
“Palavras-Cruzadas” (7)	Conteúdo católico, patriótico, humanístico e de conhecimentos gerais	Ecos Juvenis (1946, n. 52), Ecos Juvenis (1949, n. especial), Ecos Juvenis (1950, n. 57), Ecos Juvenis (1950, n. 58), Ecos Juvenis (1950, n. 59), Ecos Juvenis (1951, n. 61), Ecos Juvenis (1951, n. 62)
“Anedotas” / “Charadas” / “Para rir” (8)	Textos humorísticos	Ecos Juvenis (1946, n. 52), Ecos Juvenis (1947, s/n), Ecos Juvenis (1947, n. 53), Ecos Juvenis (1950, n. 57), Ecos Juvenis (1950, n. 58), Ecos Juvenis (1950, n. 59), Ecos Juvenis (1951, n. 60), Ecos Juvenis (1951, n. 62),
“Página dos Porquês” (2)	Conteúdos variados com explicações	Ecos Juvenis (1947, s/n), Ecos Juvenis (1947, n. 53),
“Página das ex-alunas” / “A voz das ex-alunas” (3)	Conduta das ex-alunas após o colégio	Ecos Juvenis (1946, n. 51), Ecos Juvenis (1948, n. 1), Ecos Juvenis (1948, n. 54),

“Página da Normalista” (3)	Conduta da professora formada em colégio salesiano	Ecos Juvenís (1950, n. 57), Ecos Juvenís (1950, n. 58), Ecos Juvenís (1950, n. 59),
“Páginas Campo-grandenses” (5)	Textos das alunas e das FMA do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Campo Grande. De 1947 a 1950, as alunas e FMA de Campo Grande têm uma seção própria, visto que começa a participação de outras instituições salesianas femininas.	Ecos Juvenís (1947, s/n), Ecos Juvenís (1947, n. 53), Ecos Juvenís (1948, n. 1), Ecos Juvenís (1948, n. 54), Ecos Juvenís (1949, n. especial),
“Ecos Linenses” / “Ecos de Lins” (4)	Produções literárias das alunas e das FMA de Lins-SP/ Colégio Nossa Senhora Auxiliadora; Ação religiosa das FMA em hospitais, na assistência social e na educação.	Ecos Juvenís (1947, s/n), Ecos Juvenís (1947, n. 53), Ecos Juvenís (1948, n. 54), Ecos Juvenís (1949, n. especial)
“Ecos de Cuiabá” (3)	Produções literárias das alunas e das FMA de Cuiabá-MT/ Colégio Maria Auxiliadora; Ação religiosa das FMA em hospitais, na assistência social e na educação.	Ecos Juvenís (1948, n. 1), Ecos Juvenís (1948, n. 54), Ecos Juvenís (1949, n. especial),
“Ecos de Tupã” (5)	Produções literárias das alunas e das FMA de Tupã-SP/ Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora; Ação religiosa das FMA em hospitais, na assistência social e na educação.	Ecos Juvenís (1948, n. 1), Ecos Juvenís (1948, n. 54), Ecos Juvenís (1949, n. especial), Ecos Juvenís (1950, n. 57), Ecos Juvenís (1950, n. 59),
“Ecos de Corumbá” / “Ecos corumbaenses” (3)	Produções literárias das alunas e das FMA de Corumbá-MT/ Ginásio Imaculada Conceição; Ação religiosa das FMA em hospitais, na assistência social e na educação.	Ecos Juvenís (1948, n. 1), Ecos Juvenís (1949, n. especial), Ecos Juvenís (1950, n. 57),

Fonte: elaborado com base em Urbietta (2022) e nas fontes do *Ecos Juvenis*.

Organização: Gomes, 2023.

Sinaliza-se que os conteúdos que não compuseram uma seção foram incluídos no quadro 10, com os núcleos temáticos. Notou-se, a partir da caracterização das seções, que o impresso não era somente de cunho pedagógico ²⁴, mas era também informativo.

Características informativas no sentido de que buscavam apresentar aos leitores assuntos selecionados sobre os acontecimentos cotidianos do ambiente escolar e/ou não escolar; características orientadoras quando estabeleciam diretrizes pedagógicas e práticas escolares específicas para o “bom” funcionamento do processo formativo do discente; e, por fim, características controladoras, quando se referiam à exigência e à vigilância de condutas do discente durante o processo educacional. (URBIETA, 2022, p. 100).

Tais características foram identificadas no *Ecos Juvenis*, indicando que o Nossa Senhora Auxiliadora se utilizou dele para divulgar o exercício “exemplar” de formação que havia no colégio, em uma perspectiva moral e religiosa “necessária” às mulheres. Além disso,

²⁴ Considerou-se que era pedagógico na perspectiva de que a produção do *Ecos Juvenis* estava atrelada ao processo educacional do estabelecimento de ensino, ou seja, constituía-se parte do currículo da escola

no período de 1947 a 1950, dedicou-se a divulgar colégios salesianos femininos de outras cidades de Mato Grosso e de São Paulo.

Dessa maneira, concordou-se com Bourdieu (1997, p. 110), para o qual a imprensa possuía essas características: “[...] agentes ou às empresas que estão mais propensos a ceder à sedução dos lucros 'externos' [...]”, pois, o impresso escolar divulgava uma perspectiva de formação que estava ligado à lógica hegemônica de formação da mulher, para ocorrer acumulação de lucros simbólicos para a instituição escolar.

Afinal, considerou-se que a perspectiva de formação escolar da mulher e/ou do que se constituía por ser mulher estava em consonância com as legislações educacionais, com o que a imprensa católica concebia e, principalmente, com a sociedade. Dessa maneira, o *Ecos Juvenis* buscou lucros externos simbólicos para o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e para as diferentes instituições escolares femininas salesianas.

Além disso, considerou-se que os lucros simbólicos obtidos pelo impresso poderiam levar aos lucros financeiros efetivos, na perspectiva de que, a partir da divulgação do colégio, poderia ocorrer uma expansão da matrícula.

O material, ainda que produzido pelo Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e/ou pelos colégios salesianos femininos, em algumas ocasiões, dirigia-se diretamente ao público externo, em especial, às mulheres de forma geral, como comprovam as seções intituladas “Tagarelices de Ptolomeia” e “Página da Normalista”, que destacavam como as mulheres deveriam se comportar e/ou ser.

Também se considerou que, de forma direta e indireta, o impresso dirigia-se aos pais das estudantes, pois, às vezes, havia menção a eles em textos e outras vezes não. Nos referidos textos havia uma densa descrição do cotidiano escolar e se divulgavam as programações das ações no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, trazendo as notas das alunas com classificações e resultados de exames. Sendo assim, os pais das estudantes identificavam as vivências de suas filhas na instituição escolar. Nesse sentido, o impresso era para anunciar os valores e importância dessa instituição para os pais, mais do que criar uma conexão entre escola e família. Dessa forma, questiona-se as apropriações da instituição escolar em relação a pedagogia escolanovista, pois, Freinet (1974) e Casasanta (1939) sinalizaram que os pais como um dos públicos leitores deveria ser para fortalecer a relação da escola com a família, porém, identificou-se uma intencionalidade de autopromoção.

Além disso, essa estratégia identificada possibilitava aos leitores diversos conhecer o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e era constante nos impressos a divulgação da instituição com os cursos que eram oferecidos, corroborando a ideia de promover o colégio, como a figura a seguir demonstra:

Figura 16 - Divulgação do Colégio no *Ecos Juvenis*



Fonte: Periódico *Ecos Juvenis*, Campo Grande, Brasil, n. especial, ano 8, 1941; Periódico *Ecos Juvenis*, Campo Grande, Brasil, n. 1, ano 15, 1948.

Acervo: Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa; Biblioteca Pe. Félix Zavattaro – Acervo de obras salesianas/UCDB.

Além disso, identificaram-se no impresso atividades de recreação, tais como charadas, adivinhações, testes de conhecimento e palavras-cruzadas. Constatou-se que essas “diversões e brincadeiras” deram margem para conteúdo católico, patriótico, humanístico e de conhecimentos gerais. Compreendeu-se que tais seções contribuíam também para uma determinada leitura e recepção guiada do impresso, ou seja, “uma produção de significados” (CHARTIER, 1998, p. 77) do mundo social.

De forma geral, a partir das seções que foram identificadas, considerou-se que o impresso manteve diversas linhas de assuntos, com uma abordagem ampla de diferentes temáticas, porém sem se desprender das questões educacionais e religiosas instituídas nos colégios salesianos femininos. Além disso, considerou-se que havia uma potencialidade para uma amplitude de leitores do impresso na perspectiva de que as seções poderiam dialogar com diversos públicos, pois

A imprensa escolar salesiana, como um subcampo da imprensa católica, teve sua base construída por um modelo de publicação restritiva e combatente, **com potencialidade de atingir diferentes públicos, em diferentes espaços e períodos**, com a preocupação de preservar os jovens das influências de outras doutrinas religiosas e políticas, a partir de impressos revestidos de ideais morais e princípios católicos. (URBIETA, 2022, p. 197, grifo nosso).

Todas as informações que foram localizadas ao longo das seções “fixas” e “não fixas” foram sistematizadas no quadro 11, em núcleos temáticos, os quais foram identificados a partir da leitura dos impressos levantados. Após a leitura de cada impresso foi feito o exercício de descrever em um quadro as temáticas que existiam em cada exemplar, logo em seguida buscou-se a partir desses quadros categorizar os conteúdos, como o seguinte quadro demonstra:

Quadro 12 - Núcleos temáticos

Núcleo temático	Unidades
Conteúdos religiosos e doutrinários ²⁵	Dimensão política Dimensão religiosa Ocasões solenes
Conteúdos de cunho educacional ²⁶	Atividades escolares Atividades extraclasse Atividades recreativas Atividades artísticas Resultados escolares Regimento interno Educação da mulher Aspectos curriculares da educação feminina Método educacional Programas escolares
Conteúdos ilustrativos e publicitários	Autoridade religiosa Autoridade política Autoridade militar Obra das FMA Estrutura física do Colégio N. S. A. Divulgação de instituições salesianas femininas
Condições técnico-materiais de edição ²⁷	Processo editorial Composição de agentes socias da imprensa Colaboradores

²⁵ Remeteu-se aos conteúdos que podem moldar comportamentos, porém, em uma educação informal.

²⁶ Remeteu-se aos aspectos internos dos Colégios, ou seja, a educação formal.

²⁷ Inseriu-se como núcleo temático, na perspectiva de identificação se o impresso mencionava sobre seu processo editorial.

	Iconografias
Conteúdos lúdicos	Seção recreativa

Fonte: elaborado com base em Urbietta (2022) e nas fontes do *Ecos Juvenis*

Organização: Gomes, 2023.

A composição do núcleo temático “conteúdos religiosos e doutrinários” se formou por temáticas voltadas às questões políticas e religiosas. Esse núcleo foi identificado em artigos de opinião, iconografias, discursos de autoridades (militares, políticos locais, professores) em ocasiões solenes, principalmente formaturas, assim como nos textos informativos. A dimensão política no impresso estava estritamente ligada aos movimentos políticos e/ou ideológicos como o anticomunismo, o patriotismo, o nacionalismo, o catolicismo e o antifeminismo. Compreendeu-se que a dimensão política constitui-se como parte da cultura impressa, pois

A circulação do escrito [...] graças a ela, todos estão em igualdade para julgar as instituições e opiniões e submeter à discussão comum suas próprias idéias. Um novo espaço crítico e político nasce desse exercício público da razão pelas pessoas privadas. (CHARTIER, 1998, p. 133).

Dessa forma, o *Ecos Juvenis* era um dispositivo no qual, submetia seus julgamentos políticos. O recorte temporal da investigação, de 1936 a 1951, abrange a Era Vargas no período ditatorial denominado de Estado Novo (1937-1945). Dessa forma, compreendeu-se que os movimentos políticos e/ou ideológicos mencionados influenciaram na ação editorial do impresso escolar. Além disso, compartilhou-se da ideia defendida por Trubiliano e Martins (2010), que destacaram que o discurso estadonovista tinha lugar notório no *Ecos Juvenis*.

Como afirmado anteriormente, a Igreja Católica apoiou o regime estadonovista (ROCHA; SEVERINO; RODRÍGUEZ) e, dessa forma, compreendeu-se a perspectiva ufanista que havia no impresso escolar referente a esse período. O sentimento supramencionado em relação à Era Vargas era evocado nas páginas do impresso escolar a partir de agentes sociais tidos como intelectuais, bem como de autoridades eclesiásticas, de autoridades locais, das alunas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e de alunas de outros colégios salesianos femininos.

Sinaliza-se que o sentimento nacionalista²⁸ perdurou no impresso escolar mesmo após o período ditatorial estadonovista. Esse sentimento estava ligado às disposições do *habitus* dos agentes sociais, pois o nacionalismo no Brasil não foi exclusivo da era Vargas, houve resquícios em governos posteriores. Nesse sentido, concordou-se com Bourdieu que asseverou que um *habitus* é durável. Não houve indícios de que o *Ecos Juvenis* sofreu algum tipo de censura por parte do governo no período ditatorial, levando ao entendimento de que isso era devido ao apoio político da Igreja Católica e aos discursos ufanistas ao período estadonovista.

Na discussão do anticomunismo no *Ecos Juvenis*, houve uma abordagem conspiratória²⁹, de “destruição” e “degradação” dos valores morais da família e, principalmente, da “mente” dos jovens com ideias “materialistas” que negam a existência da fé e da religião, como o seguinte excerto abaixo elucida:

Inteligência e Bondade

Prof. Antônio Ferreira da Costa

[...] A formação da inteligência deve basear-se nos valores morais e sociais que são virtudes cívicas e espirituais capazes de dar ao homem possibilidades do êxito na vida. A mentalidade atual, com a degradação estética de um mundo dominado pelo materialismo e pelo marxismo, quer destruir nos jovens os fundamentos do valor e o sentido da existência humana. É o saber suprimindo a sabedoria. Se para John Dewey educar é reconstruir a experiência anterior, nós, os educadores, temos o precioso legado de uma civilização que falhou em sua finalidade essencial: a felicidade do homem. O pensamento moderno cortou a raiz de nossas tradições. As conquistas no campo científico, social e econômico transformaram-se em motivos de inquietação para a humanidade. A dedicação e a generosidade já não constituem a beleza da vida. Em vez da colaboração, a concorrência; em vez da compreensão, a luta. A civilização não impediu a miséria. A prosperidade e o conforto não generalizam o bem-estar e a segurança. A ciência que multiplicou os meios de destruição e de morte, não aumentou a paz nem a doçura da vida. A ciência que apontou esplêndida e alvissareira nos albores do século XIX, não traziam em si o fermento espiritual, capaz de fazê-la subsistir e dar felicidade ao homem. O homem não é só matéria. Não deve ele viver só para este mundo. Seu espírito se abre à solidariedade humana e à comunhão do universo, numa ânsia incontida para o além, para Deus, seu último fim. Tendo nas mãos as peças do processo da decadência do espírito, do claudicar das instituições

²⁸ O sentimento nacionalista é derivado de um projeto político denominado “nacionalismo”. Hobsbawm (2000, p. 273) asseverou que o “princípio da nacionalidade” possui um senso de homogeneização que atribui ao estado exercer o controle sobre o corpo essencial dos cidadãos, em uma faixa territorial com fronteiras delimitadas.

²⁹ Caracterizou-se como “abordagem conspiratória” na perspectiva de associar significados contraditórios para uma propaganda política.

mais obsoletas, a educação atual deve abranger a totalidade da vida, a socialização do homem e proporcionar-lhe os vãos do espírito para o transcendente, para a imortalidade. A sociedade só encontrará paz no dia em que seus dirigentes tiverem recebido uma educação verdadeiramente humanística, isto é, inteligência lúcida e sagaz, e coração voltado para os valores morais e estéticos da existência humana.

Campo Grande, 10/5/47. (ECOS JUVENIS, 1947, s/n, p. 19-20, grifo do impresso).

Outra abordagem conspiratória se deu em relação ao antifeminismo no impresso, que colocava ênfase na “destruição de valores” da mulher por meio do feminismo. Há uma defesa de papéis “legítimos” e modos de se portar para a mulher e o impresso faz menção de que as feministas não concordavam com essas ideias. Compreendeu-se que essa discordância se justificava pelo fato de a Igreja Católica ser “[...] marcada pelo antifeminismo profundo de um clero pronto a condenar todas as faltas femininas à decência [...]” (BOURDIEU, 2014, p. 103) e o impresso era vinculado a colégios católicos. Para elucidação, um excerto do discurso do paraninfo José Pompéu de Albuquerque Calvacanti, da turma de normalistas formadas em 1936:

Compreendeis agora porque por momentos vos arrastei a terrenos tão áridos e tão pouco atraentes. Por mais desinteressante que seja o assunto, – e bondosamente m’o relevareis, força é convir de que a mulher do Presente, sem perda de sua graça e de sua delicadeza moral; **a despeito do feminismo aberrante que vem estabelecer confusões no domínio de sua ação social**, deve ser integrado na vida coletiva, pela sua missão educadora, ao invés de se deixar ficar á margem, como um ser decorativo, secundário, simples bibilote de baudoire quando não “Preciosas Redienlas³⁰” a Molière. (ECOS JUVENÍS, 1936, n.3, p. 6, grifo nosso).

Dessa maneira, em conformidade com Bourdieu (2014), entendeu-se que as críticas eram esvaziadas de sentido em relação ao feminismo, pois os apontamentos antifeministas destacavam que a mulher perdia sua “delicadeza moral”, porém, pela teoria bourdieusiana, essa adjetivação para a mulher era uma construção social naturalizada. Além disso, compreendeu-se pelo excerto que as alunas eram convocadas a combater o feminismo, pela “missão educadora” de normalista em estabelecer a ordem social e combater as “confusões”.

³⁰ Na tradução para o latim significa preciosas redentoras.

O segundo núcleo temático, intitulado “Conteúdos de cunho educacional”, abordou sobre temáticas que estavam estritamente relacionadas aos assuntos religiosos e doutrinários, visto que o sistema educativo do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora contemplava uma formação católica da mulher.

No *Ecos Juvenis*, identificou-se um esforço na divulgação das atividades fora e dentro do colégio e, além disso, dos outros colégios salesianos femininos. Nesse núcleo, notou-se uma preocupação em proporcionar uma formação da mulher distinta da do homem, com ênfase em um acúmulo dos saberes domésticos em diferentes atividades. Essa formação estava em consonância com as legislações educacionais do período e da perspectiva de ensino para a mulher, que enfatizavam uma formação feminina para o lar. Azzi (2003) sinalizou que a educação feminina esteve no cerne da proposta católica salesiana para a educação brasileira a fim de formar as “futuras rainhas do lar”.

Além disso, há um destaque nos diferentes textos do *Ecos Juvenis* em relação à importância dos estudos ou pelo “gosto” dos estudos. Uma característica que ganhou relevo no impresso foi a defesa de uma educação humanística calcada no ensino de línguas e no estudo de alguns intelectuais, outro elemento identificado que estava em consonância com a perspectiva de ensino secundário do período e com as legislações educacionais.

Compreendeu-se que havia na imprensa escolar e no *Ecos Juvenis* um senso de preocupação com a formação das estudantes. Dessa forma, está em discussão na presente investigação quais eram os mecanismos desse subcampo, qual seja, da imprensa escolar salesiana, que produzia e/ou reproduzia uma formação específica para as estudantes.

No que se refere ao núcleo “Conteúdos ilustrativos e publicitários”, identificaram-se diversas homenagens a militares e a políticos locais. No impresso, era constante a menção a visitas dessas autoridades locais ao colégio. Compreendeu-se como uma estratégia a divulgação no impresso dessas autoridades visitando o colégio e a menção das autoridades de forma saudosista, pois, como sinalizou Andrade (2021), as FMA receberam em diversos períodos subvenções do poder público.

Nesse núcleo também se abordaram temáticas relacionadas aos assuntos religiosos e doutrinários. Principalmente, há um apelo para a necessidade de se vivenciar a moralidade cristã, propagando a vida dos santos salesianos, principalmente Dom Bosco, Madre

Mazzarello, Domingos Sávio e Laura de Vicuña, essa última tida como exemplo que as moças deveriam seguir, pois foi uma jovem aluna salesiana que se tornou santa.

O *Ecos Juvenis*, além do mais, tratou de divulgar a ação salesiana, porém com um foco maior na ação das FMA em asilos, orfanatos, hospitais, oratórios festivos e na catequização indígena. Tais notícias sobre essas ações foram escritas para ressaltar a importância das FMA nos diferentes âmbitos da sociedade. O último aspecto de publicidade que se localizou foi de divulgação da estrutura física do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e dos colégios femininos salesianos, mencionando os cursos que eram oferecidos, como a figura 21 elucidou.

Em relação ao núcleo “Condições técnico-materiais de edição”, identificaram-se as informações de forma direta e indireta, sendo possível apreender alguns aspectos editoriais do *Ecos Juvenis*. De forma indireta, localizaram-se alguns colaboradores que escreviam para o impresso, sendo eles representados em sua maioria por assinantes mulheres religiosas católicas. Em diversos exemplares houve a menção a um público leitor do impresso, quais sejam, as mulheres sobre as quais o impresso abordava pelos termos “leitoras” ou “gentil leitora”, ou seja, tratava-se de um impresso escrito por e para mulheres também. Compreendeu-se que essa estratégia de tratar a leitora com proximidade era da imprensa feminina, para naturalizar uma série de questões para as mulheres, como dissertou Butoni (2009, p. 103):

[...] o texto na imprensa feminina sempre vai procurar dirigir-se à leitora, como se estivesse conversando com ela, servindo-se de uma intimidade de amiga. Esse jeito coloquial, que elimina a distância, que faz as ideias parecerem simples, cotidianas, frutos do bom senso, ajuda a passar conceitos, cristalizar opiniões, tudo de um modo tão natural que praticamente não há defesa.

Outro aspecto de editorização do impresso identificado de forma indireta era a questão de ser “aprovado de forma eclesiástica” e pelas professoras do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, à qual o impresso fez menção. Nesse sentido, problematizou-se a questão da autonomia estudantil nos conteúdos publicados na seção 3, tendo em vista que para a publicação do impresso deveriam ocorrer essas aprovações. O último aspecto identificado de forma indireta foram as iconografias, as quais identificou-se que havia em quase todos os exemplares, ocorrendo recorrências, como supramencionado.

O único aspecto identificado de forma direta desse núcleo foi a questão da equipe editorial das alunas para o impresso, ou seja, do Grêmio Literário Dom Aquino Corrêa, com menção aos nomes das agentes sociais que compunham o grêmio e as responsabilidades atribuídas a cada cargo.

Em relação aos conteúdos lúdicos, localizaram-se palavras-cruzadas, teste de conhecimentos, charadas, adivinhações e história em quadrinhos. Como mencionado anteriormente, possuíam uma abordagem ampla sobre diversos conteúdos, porém não se desvinculavam do ideário católico.

Em suma, diante da caracterização do impresso escolar *Ecos Juvenis*, notou-se que o núcleo de “Conteúdos de cunho educacional” se destacou com mais páginas dedicadas a abordar tais temáticas. Além disso, esse núcleo possibilitou compreender diversos mecanismos do subcampo da imprensa escolar salesiana. Também os núcleos “Condições técnico-materiais de edição” e “Conteúdos religiosos e doutrinários” possibilitaram algumas elucidações desses mecanismos. A próxima seção abordou sobre esses núcleos, na perspectiva de capturar a *illusio* do subcampo da imprensa escolar salesiana.

3 O SUBCAMPO DA IMPRENSA ESCOLAR: EM QUESTÃO AS DISPOSIÇÕES DOS *HABITUS* NO IMPRESSO ESCOLAR *ECOS JUVENIS*

Esta seção teve por objetivo captar a *illusio* do subcampo da imprensa escolar, para que se possa compreender a lógica do jogo na perspectiva de moldar um *habitus* de classe e de gênero no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, nos anos de 1936 a 1951.

As questões que fomentaram as discussões foram: 1) Qual era a *illusio* que fazia as agentes sociais se mobilizarem nesse subcampo? 2) O impresso escolar *Ecos Juvenis* era dispositivo de manutenção das disposições de classe e gênero das estudantes secundaristas?

A *illusio* é compreendida em Pierre Bourdieu como a lógica de interesse do “jogo” de cada campo ou/e subcampo que mobiliza os agentes sociais, pois “cada jogo impõe sua libido e podemos dizer ‘interesse=libido’. Podemos também dizer ‘interesse=illusio’. A *illusio* é o fato de ter vontade de entrar no jogo.” (BOURDIEU, 2021, p. 118).

Na busca por aproximações aos questionamentos, a seção foi organizada em duas subseções: na primeira, buscou-se discutir a imprensa como dispositivo de refinamento cultural, no qual ganha relevo a questão de classe social; e, na segunda, discutiu-se sobre as disposições de gênero constituídas na imprensa escolar.

3.1 SUBCAMPO E *ILLUSIO*: A IMPRENSA ESCOLAR COMO DISPOSITIVO DE REFINAMENTO CULTURAL

Terminada a apresentação, as colegas repetiram à guiza de compromisso estas palavras:
Soldados das Letras Patrias
Defenderemos o Brasil
Nosso livro é a Mochila
Nossa pena é o fuzil
Contai Conosco
Centro Cívico
Grêmio Literário
Ecos Juvenis
Seremos colaboradoras
Ardentes e Varonis [...] (ECOS JUVENÍS, 1950, n. 58, p. 23).

Nesta subseção buscou-se capturar a *illusio* do subcampo da imprensa escolar salesiana, na perspectiva de moldar um *habitus* de classe. Entendeu-se que há uma estrita relação da *illusio* do campo com o *habitus* das agentes sociais, pois

Todos os jogos sociais, quando são vistos de fora, aparecem como tendo interesses ilusórios, mas o característico de um jogo é produzir os habitus que fazem com que o jogo não seja questionado e dotar-se de jogadores tão profundamente ajustados ao jogo que eles jamais questionarão o próprio jogo. (BOURDIEU, 2021, p. 119).

Dessa maneira, entendeu-se que havia uma coerção social para as agentes sociais aceitarem as regras e se mobilizarem no subcampo da imprensa escolar salesiana. Além disso, havia um senso de organização do “jogo” em relação à posição social das agentes secundaristas que compunham o subcampo. Dessa forma, o quadro 13 indicou esses aspectos mencionados:

Quadro 13 - Composição e organização do Grêmio Literário Dom Aquino Corrêa (1935 - 1951)

Presidente	Incumbe organizar o calendário cívico, promover as comemorações, selecionar e corrigir trabalho das sócias a serem lidos e publicados na revista “Ecos Juvenis”
Vice-presidente	Incumbe ensaiar as comemorações e auxiliar em tudo a presidente.
Secretária	Incumbe receber e lavrar as atas das reuniões e fazer a inscrição das sócias.
Tesoureira	Incumbe receber as mensalidades das sócias e anotar as entradas e saídas do caixa.
Cronista	Incumbe fornecer os livros solicitados pelas sócias, registrando a data da saída e entrada, zelando pela devolução e conservação das mesmas. As cronistas redigirão a crônica dos fatos mais interessantes da vida escolar para a publicação na Revista “Ecos Juvenis”.
Bibliotecária	A bibliotecária fornecerá os livros solicitados pelas sócias, registrando a data da saída e entrada, zelando pela devolução e conservação das mesmas.
Conselheira	Incumbe tomar parte ativa nas deliberações da diretoria e zelar pelo desenvolvimento do grêmio. Estarão ao lado das sócias para auxilia-las com a palavra e ação ou tudo que se fizer mister.
Oradora	As oradoras deverão desenvolver os temas a serem publicados na Revista “Ecos Juvenis” ou lidos durante as reuniões. As oradoras ainda tomarão parte ativa nas comemorações cívicas e representações cênicas

Fonte: ATA,... 1935, 1947; ANDRADE, 2021.

Organização: GOMES, 2023.

Percebeu-se que as atas do grêmio literário faziam menção de que este era um espaço de discussão sobre os aspectos do *Ecos Juvenis*, porém, tensiona-se, na perspectiva de que o “[...] ato de escrever e publicar sob os olhares da instituição implicava aceitação por parte da mesma.” (COSTA, 2016, p. 158), ou seja, a instituição deveria aceitar o que as alunas escreviam. Nesse sentido, poderia engendrar nas alunas um senso prático de autocensura do que é legítimo e ilegítimo escrever para o *Ecos Juvenis*. Também, identificou-se que havia participação das professoras no grêmio literário em alguns anos, como os seguintes quadros demonstram:

Quadro 14 - Membros do Grêmio Literário Dom Aquino Corrêa, 1939

Presidente de honra:	Irmã Madalena Sanlorenzo
Presidente:	Célia de Souza
Vice-presidente:	Maria Nilce de Melo e Silva
Outros membros:	Guilhermina Dias de Pinho, Elza Barbosa, Maria Elizabeth Avelino, Nize Garcia, Lúgia Barcelos Ribeiro, Delminda Melo, Iara Assunção, Sebastiana de Souza, Dalva de Andrade, Hilca de S. Santos, Diva Pimentel, Josefina Biscoitti e Maria Silva Barreto

Fonte: Periódico *Ecos Juvenis*, Campo Grande, Brasil, 1939 *apud* Pentead, 1936.

Organização: Gomes, 2023.

Quadro 15 - Membros do Grêmio Literário Dom Aquino Corrêa, 1946

Patrona de ambos os grêmios (literário e esportivo):	Irmã Madre Martha Cerutti
Presidente de honra:	Dona Maria Aparecida Oliveira Barros.
Presidente:	Lucy Duailibe.
Vice – Presidente:	Maria Celeste do E. Santo
Oradoras:	Euridéa Chaves e Sá e Carmem de Souza.
Bibliotecária:	Layr Nogueira de Souza
Cronista:	Eza Brum Jacques, Brumilda Enciso de Freitas
Tesoureira:	Terezinha Nachif, Elza Yolanda Paes de Barros, Cleide Medeiros.

Fonte: Periódico *Ecos Juvenis*, Campo Grande, Brasil, n. 51, ano 13, 1946.

Organização: Gomes, 2023.

Quadro 16 - Membros do Grêmio Literário Dom Aquino Corrêa, 1947.

Presidente de honra:	Irmã Luiza Gina Avonto.
Presidente:	Nilza Xavier
Vice Presidente:	Velcides Leite e Reveilleau
Secretária:	Maria Aparecida Moraes
Tesoureiras:	Alélia da Silva e Madalena Palmiere
Cronista:	Eza Jacques
Bibliotecária:	Henela Costa
Conselheiras:	Marília S. Ayres, Elka Kondorfer e Lygia Zardo
Oradora:	Diva de Múcio Teixeira

Fonte: Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, s/n., ano 14, 1947

Organização: Gomes, 2023.

Percebeu-se que os cargos atribuídos às FMA eram de “alto nível” na hierarquia do grêmio. Nesse sentido, compreendeu-se que essa atribuição era devido à designação das agentes sociais que legitimariam o que deveria ser debatido nesse espaço, ou seja, as professoras eram tidas como legitimadas e dignas “[...] de transmitir o que transmitem, e por conseguinte autorizados a impor a recepção e a controlar a inculcação por sanções socialmente aprovadas ou garantidas.” (BOURDIEU; PASSERON, 1975, p. 34).

Além disso, notou-se pelas organizações do grêmio, que havia um senso de preocupação do que deveria ser publicado e/ou não publicado no impresso escolar. Isso decorre da concepção de “boa imprensa”³¹ que havia na instituição escolar, pois considerou-se que não poderia ser publicado algum texto que subvertia a ótica católica. Localizaram-se indícios do que era concebido como “boa imprensa” e “má imprensa” no *Ecos Juvenis*:

- Boa imprensa; <<A boa imprensa é tudo (PIO XI). Escola, Cristianização das famílias, moralização dos costumes e defesa dos direitos da igreja. (ECOS JUVENIS, 1946, n. 52, p. 37).
- Mente-se por toda a parte. As crianças mentem; e mentem os velhos... Mentem as difusoras; mentem os jornais (oh, os jornais); mentem a má imprensa; mente quem compra e quem vende... (ECOS JUVENIS, 1950, n. 59, p. 39).

³¹ O termo “boa imprensa” foi mobilizado no *Ecos Juvenis* e, de acordo com Urbietta (2022, p. 92) foi um termo utilizado na imprensa salesiana, para classificar e colocar em “[...] oposição duas correntes de publicações: de um lado, a imprensa católica e, de outro, a imprensa herege”.

Compreendeu-se que havia uma legitimação na instituição escolar acerca do objetivo da imprensa e do que era legítimo ler e/ou não ler. A professora Penteado (1996, p. 51), ao dissertar sobre a vivência de uma ex-aluna na escola, menciona: “Quando terminou o curso, participou de uma peça teatral, cujo assunto era a imprensa boa e a imprensa ruim e já escrevia para revistas juvenis.”.

Tal exercício em dar ênfase ao que era a boa imprensa e da atuação dela compreendeu-se como uma estratégia para as agentes sociais se mobilizarem no subcampo, ou seja, quererem “jogar o jogo”, pois: “Um jogo só funciona à medida que ele consegue fazer com que todos os jogadores reconheçam que o jogo vale a pena ser jogado.” (BOURDIEU, 2021, p. 120). Por conseguinte, a lógica do jogo era calcada numa ótica religiosa.

Além disso, localizaram-se indícios de que a inculcação de uma concepção de “boa imprensa” estava ligada ao que as alunas poderiam se tornar e/ou pretendiam ser na sociedade, como estes excertos descrevem:

Avante mocidade salesiana! Trabalharemos e sacrificaremos-nos pelo bem de nossa gente. E’ da juventude de hoje que dependerá o futuro da nossa terra. Mato Grosso sempre esteve silencioso e ignorado quasi... mas já é tempo de levantar essa cortina que nos encobre! Coragem! Empulhemos a espada pacifica, mas segura da pena e, corajosamente entremos para combater na batalha da Imprensa. **Hoje cooperemos com simples artigos colegiais, amanhã quem sabe?... teremos algumas literatas a escrever para grandes jornais, trabalhando no apostolado da boa imprensa, talvez....** (ECOS JUVENIS, 1947, s/n., p. 37, grifo nosso).

Porém ao lado dessas que constituem a quarta parte desta classe privilegiada não nos pode morrer na memória a lembrança das jovens amantes da nossa literatura Brasileira, que zelosas procuram se porem em contacto mais direto com a vida dos grandes gênios literários, visando **um fim realmente nobre: de purificar principalmente nos arrabaldes e locais distantes do meio social, o nosso idioma**, que se vai deturpando, sem encontrar um apoio onde se possa firmar. (ECOS JUVENIS, 1947, n. 53, p. 14, grifo nosso).

Assim, o impresso escolar cumpria também um papel formativo em relação ao que as alunas poderiam se tornar. Considerou-se que esses excertos eram discursos performativos, na perspectiva de que os “[...] enunciados performativos pretendem fazer acontecer o que eles anunciam [...]” (BOURDIEU, 2022, p. 112), ou seja, inculcar para as alunas que elas deveriam possuir profissões de prestígio e sempre tendo na mira a ótica religiosa,

construindo-se assim uma lógica na imprensa escolar de perpetuação de *habitus* de classe e religioso para que as agentes sociais sempre reconstruíssem os *habitus* em um percurso de longa duração. Além disso, considerou-se que poderia haver uma eficácia nesses discursos performativos na perspectiva de que havia outros mecanismos internos da instituição escolar que instituíam como legítima uma lógica de distinção social e religiosa.

Para atingir tal propósito formativo, havia um denso exercício no subcampo de mencionar o objetivo do impresso escolar e do grêmio escolar para que as alunas secundaristas os tivessem sempre na mira, conforme expressam os excertos:

Colégas! O Grêmio Literário do Colégio, seguindo os conselhos e crenças do seu patrono tem por fim:

- 1) despertar o gosto literário das alunas incentivando o cultivo da boa leitura, principalmente de autores nacionais. Para tal fim contamos com a biblioteca do Colégio, que está à disposição das interessadas.
- 2) Aproveitar os trabalhos que apresentem valor como criação e estilo, publicando-os na revista Ecos Juvenis
- 3) Cultuar por meio de sessões litero-musicais as datas cívicas e as grandes figuras da História e da Literatura brasileira.
- 4) Unir as almas em comunhão intelectual, moral e religiosa por meio de reuniões ativas e proveitosas.
- 5) Tudo fazer para que o nível intelectual do nosso Colégio possa igualar-se aos que mais alto se elevam no plano educacional do Brasil. Entretanto, para que se realize tudo o que acima foi dito, necessitamos do auxílio e cooperação das alunas, o que ora solicitamos. (ECOS JUVENIS, 1947, s/n., p. 39).

Qual porém, a finalidade mais acentuada dum Grêmio Literário?

- Desde sua origem latina de <<gremium>> quando já significação, proteção, vem aqui significando o regaço, o seio de amor e carinho onde se moldam as tendências literárias das alunas a que vem preencher a lacuna que encontrariam as novas vocações e aspirações para que vivifiquem e revigorem; os anelos de arte, os pensamentos inovadores; aí é que medrarão por essas idealizações que não podem ser descuradas, antes, necessitam como tenras florinhas que ainda são, do sol, que é o Saber. O ensino. Como desde o berço é que se formam caracteres, O grêmio é a grande têmpera onde se forjarão, quiçá, as grandes asas do futuro ou no mínimo, as tendências para os cúmulos magníficos da poesia e da arte. Mas, acentuamos outro seu papel importante, como D. Aquino, referindo-se ao Centro Matogrossense de Letras - << Deve-se mostrar o Grêmio verdadeiramente Matogrossense: lançar as bases da Literatura regional, eis a grande finalidade que deve imprimir cunho característico ao programa das suas atividades. (ECOS JUVENIS, 1948, n. 1, p. 14).

Esses discursos eram “proclamados” em eventos, nos quais geralmente estavam presentes os pais das estudantes e autoridades locais. Tal estratégia auxiliava os pais a compreenderem que a instituição escolar se constituía como exemplar para a classe social, fazendo o exercício de incentivo aos estudos com o grêmio escolar e o impresso escolar *Ecos Juvenis*, ou seja, estava em consonância com a origem das estudantes secundaristas da elite local, pois a “[...] riqueza, a fineza e o estilo da expressão sempre serão considerados, implícita ou explicitamente, consciente ou inconsciente, em todos os níveis do cursus [...]” (BOURDIEU, 2015, p. 51).

Compreendeu-se que o impresso contribuía para uma ideia de que a escolha do estabelecimento escolar foi assertiva para uma formação culta e intelectual das moças. Bourdieu (2015, p. 56) asseverou que “[...] as vantagens e desvantagens são cumulativas, pelo fato de as escolhas iniciais, escolha de estabelecimento e escolha de seção, definirem irreversivelmente os destinos escolares.”. Dessa maneira, entendeu-se que a divulgação dos resultados escolares com os nomes das alunas corroborava a ideia de que a escolha do estabelecimento foi assertiva, como a figura 17 demonstra:

Figura 17 - Classificação das alunas no *Ecos Juvenis*

The figure consists of three pages from the 'Ecos Juvenis' yearbook, dated 1941. The pages are titled 'Promoções e Aprovações Das alunas do Curso Ginasial de 1941' and 'Classificação das Alunas Língua Portuguesa'. The first page shows the '1ª SÉRIE - A' and '2ª SÉRIE - A' rankings. The second page shows the '1ª SÉRIE - B' and '2ª SÉRIE - B' rankings. The third page shows the '1ª SÉRIE - C' and '2ª SÉRIE - C' rankings. The rankings are based on the 'Segundo as médias do mês de Outubro' and are organized by 'CURSO GINASIAL' and 'CURSO COMERCIAL'. The third page also includes a section for 'REPRODUÇÃO EM PROSA' and 'CURSO NORMAL'.

PROMOÇÕES E APROVAÇÕES			
Das alunas do Curso Ginasial de 1941			
1ª SÉRIE - A			
Clas.	NOMES	Média	Clas.
1.	Ivany de Castro	81	1.
2.	Clotilde de A. Nogueira	79	2.
3.	Rúlia Pacheco	78	3.
4.	Ally Moreira	77	4.
5.	Edith Ferreira	76	5.
6.	Isaurita C. de Lima	75	6.
7.	Elza Cavalcanti	74	7.
8.	Halide Monteiro	73	8.
9.	Adalgisa Pacheco	72	9.
10.	Marília B. Gouveia	71	10.
11.	M. Antonieta Costa	70	11.
12.	Dora F. de Silva	69	12.
13.	Núria F. de Silva	68	13.
14.	Edina Pereira	67	14.
15.	Anta Nolas	66	15.
16.	M. José Tostura	65	16.
17.	Alma L. de Sousa	64	17.
18.	Ana Lúcia Mantini	63	18.
19.	Ayde C. Barbosa	62	19.
20.	Tereza O. Soares	61	20.
Reprovadas: 6			
1ª SÉRIE - B			
Clas.	NOMES	Média	Clas.
1.	M. Martins B. Medeiros	80	1.
2.	Tristete C. e. S.	79	2.
3.	M. Aparecida S. Correia	78	3.
4.	Clotilde C. da Silva	77	4.
5.	Elza Pereira	76	5.
6.	Yara M. de Azevedo	75	6.
7.	Lydia Iguaçu	74	7.
8.	Yara M. de Azevedo	73	8.
9.	Elza Pereira	72	9.
10.	Anta Nolas	71	10.
11.	Anna Lúcia de Cunha	70	11.
12.	Clotilde C. da Silva	69	12.
13.	Vanda F. Lima	68	13.
14.	Alma L. de Sousa	67	14.
15.	Leonor C. Bona	66	15.
16.	Tereza O. Soares	65	16.
17.	Zila Darsi	64	17.
Reprovadas: 5			
2ª SÉRIE - A			
Clas.	NOMES	Média	Clas.
1.	Odila N. Ruyssens	80	1.
2.	Edith Ferreira	79	2.
3.	Núria F. de Silva	78	3.
4.	Edina Pereira	77	4.
5.	Anta Nolas	76	5.
6.	M. José Tostura	75	6.
7.	Alma L. de Sousa	74	7.
8.	Ana Lúcia Mantini	73	8.
9.	Ayde C. Barbosa	72	9.
10.	Tereza O. Soares	71	10.
11.	Zila Darsi	70	11.
12.	Elza Pereira	69	12.
13.	Yara M. de Azevedo	68	13.
14.	Lydia Iguaçu	67	14.
15.	Yara M. de Azevedo	66	15.
16.	Elza Pereira	65	16.
17.	Anta Nolas	64	17.
18.	Anna Lúcia de Cunha	63	18.
19.	Clotilde C. da Silva	62	19.
20.	Vanda F. Lima	61	20.
21.	Alma L. de Sousa	60	21.
22.	Leonor C. Bona	59	22.
23.	Tereza O. Soares	58	23.
24.	Zila Darsi	57	24.
Reprovadas: 5			
2ª SÉRIE - B			
Clas.	NOMES	Média	Clas.
1.	M. da Glória S. Jorge	80	1.
2.	M. da Glória S. Jorge	79	2.
3.	Dora de Araújo	78	3.
4.	Margareta B. Corrêa	77	4.
5.	Clotilde C. da Silva	76	5.
6.	Alma L. de Sousa	75	6.
7.	Ana Lúcia Mantini	74	7.
8.	Ayde C. Barbosa	73	8.
9.	Tereza O. Soares	72	9.
10.	Zila Darsi	71	10.
11.	Elza Pereira	70	11.
12.	Yara M. de Azevedo	69	12.
13.	Lydia Iguaçu	68	13.
14.	Yara M. de Azevedo	67	14.
15.	Elza Pereira	66	15.
16.	Anta Nolas	65	16.
17.	Anna Lúcia de Cunha	64	17.
18.	Clotilde C. da Silva	63	18.
19.	Vanda F. Lima	62	19.
20.	Alma L. de Sousa	61	20.
21.	Leonor C. Bona	60	21.
22.	Tereza O. Soares	59	22.
23.	Zila Darsi	58	23.
Reprovadas: 5			
2ª SÉRIE - C			
Clas.	NOMES	Média	Clas.
1.	Odila N. Ruyssens	80	1.
2.	Edith Ferreira	79	2.
3.	Núria F. de Silva	78	3.
4.	Edina Pereira	77	4.
5.	Anta Nolas	76	5.
6.	M. José Tostura	75	6.
7.	Alma L. de Sousa	74	7.
8.	Ana Lúcia Mantini	73	8.
9.	Ayde C. Barbosa	72	9.
10.	Tereza O. Soares	71	10.
11.	Zila Darsi	70	11.
12.	Elza Pereira	69	12.
13.	Yara M. de Azevedo	68	13.
14.	Lydia Iguaçu	67	14.
15.	Yara M. de Azevedo	66	15.
16.	Elza Pereira	65	16.
17.	Anta Nolas	64	17.
18.	Anna Lúcia de Cunha	63	18.
19.	Clotilde C. da Silva	62	19.
20.	Vanda F. Lima	61	20.
21.	Alma L. de Sousa	60	21.
22.	Leonor C. Bona	59	22.
23.	Tereza O. Soares	58	23.
24.	Zila Darsi	57	24.
Reprovadas: 5			
CURSO COMERCIAL			
Clas.	NOMES	Média	Clas.
1.	Elza Pereira	80	1.
2.	Yara M. de Azevedo	79	2.
3.	Lydia Iguaçu	78	3.
4.	Yara M. de Azevedo	77	4.
5.	Elza Pereira	76	5.
6.	Anta Nolas	75	6.
7.	Anna Lúcia de Cunha	74	7.
8.	Clotilde C. da Silva	73	8.
9.	Vanda F. Lima	72	9.
10.	Alma L. de Sousa	71	10.
11.	Leonor C. Bona	70	11.
12.	Tereza O. Soares	69	12.
13.	Zila Darsi	68	13.
14.	Elza Pereira	67	14.
15.	Yara M. de Azevedo	66	15.
16.	Lydia Iguaçu	65	16.
17.	Yara M. de Azevedo	64	17.
18.	Elza Pereira	63	18.
19.	Anta Nolas	62	19.
20.	Anna Lúcia de Cunha	61	20.
21.	Clotilde C. da Silva	60	21.
22.	Vanda F. Lima	59	22.
23.	Alma L. de Sousa	58	23.
24.	Leonor C. Bona	57	24.
25.	Tereza O. Soares	56	25.
26.	Zila Darsi	55	26.
Reprovadas: 5			
CURSO NORMAL			
Clas.	NOMES	Média	Clas.
1.	Elza Pereira	80	1.
2.	Yara M. de Azevedo	79	2.
3.	Lydia Iguaçu	78	3.
4.	Yara M. de Azevedo	77	4.
5.	Elza Pereira	76	5.
6.	Anta Nolas	75	6.
7.	Anna Lúcia de Cunha	74	7.
8.	Clotilde C. da Silva	73	8.
9.	Vanda F. Lima	72	9.
10.	Alma L. de Sousa	71	10.
11.	Leonor C. Bona	70	11.
12.	Tereza O. Soares	69	12.
13.	Zila Darsi	68	13.
14.	Elza Pereira	67	14.
15.	Yara M. de Azevedo	66	15.
16.	Lydia Iguaçu	65	16.
17.	Yara M. de Azevedo	64	17.
18.	Elza Pereira	63	18.
19.	Anta Nolas	62	19.
20.	Anna Lúcia de Cunha	61	20.
21.	Clotilde C. da Silva	60	21.
22.	Vanda F. Lima	59	22.
23.	Alma L. de Sousa	58	23.
24.	Leonor C. Bona	57	24.
25.	Tereza O. Soares	56	25.
26.	Zila Darsi	55	26.
Reprovadas: 5			

Fonte: Periódico *Ecos Juvenis*, Campo Grande, Brasil, n. especial, ano 6, 1939; Periódico *Ecos Juvenis*, Campo Grande, Brasil, n. especial, ano 8, 1941.

Acervo: CDR/UFGD; Biblioteca Pe. Félix Zavattaro – Acervo de obras salesianas/UCDB.

Entendeu-se que as famílias ansiavam em observar as alunas acumularem conhecimentos distintos, pois as frações das classes médias e altas

[...] aderem mais fortemente aos valores escolares, pois a escola lhe oferece chances razoáveis de satisfazer a todas as suas expectativas, confundindo os valores do êxito social com os do prestígio cultural. (BOURDIEU, 2015, p. 53).

Dessa forma, havia uma grande ênfase no “gosto” pelos estudos no impresso escolar, pois, como mencionado anteriormente, eram diversos os textos que citavam a necessidade dos estudos. Os excertos a seguir descrevem a necessidade:

A instrução é um bem que nenhum ladrão nos pode tirar

No mundo hodierno, há muita injustiça a reparar, muitos abusos a corrigir, muitas misérias a aliviar, muitas dores a consolar. A maioria das vezes, qual o motivo destes descalábrios? Quase sempre a falta de Instrução – a ignorância. Como sanar e preencher esta lacuna? A leviandade na juventude, a falta de vontade decidida na virilidade, são as causas do pouco saber. Deve ser portanto a instrução a salvaguarda, o grande esteio do levantamento universal. Sómente ela fará ressurgir o mundo em agonia dos escombros da ignorância, para os alicerces duradouros de um futuro ideal e realista. Quanto mais se instrue, menos orgulhoso se torna, pois que a superficialidade gera a soberba. A cultura abre largos e imensos horizontes ao homem, fá-lo ver o seu nada e assim cômico de si, volta-se para o Sábio dos sábios, para o princípio da Sabedoria – Deus. A instrução é uma alavanca poderosíssima em todos os sectores; sem a instrução, mínima que for, não se póde exercer nenhuma profissão ou cargo. Além disso, ela é uma propriedade toda pessoal, pois em todos os nossos feitos deixamos um marco particular nosso, um cunho indelével, inconfundível. A instrução é um bem que nenhum ladrão nos pode tirar. Assim como não nos pode ser ministrada sem nossa cooperação, vontade, trabalho e atenção assim, também, não há nenhum gatuno que nô-la possa usurpar.

Dilza Maria

II – Normal (ECOS JUVENIS, 1951, n. 62, p. 9, grifo do impresso)

O estudo é o caminho que devemos seguir se quisermos adquirir a maior fortuna: o saber. É através dos estudos que nós somos em contato com as mentalidades antigas e modernas. Foi por meio dos estudos que os sábios puderam chegar ao conhecimento de muitas coisas, inclusive à invenção de vários instrumentos para auxílio da humanidade. Com os estudos, haurimos novos conhecimentos, preparamos nossa vida para o futuro. A um estudante que não ama o estudo e não cumpre bem os seus deveres escolares, não podemos chamá-lo de estudante, mas, sim, de ladrão do dinheiro dos seus pais. Para as pessoas inteligentes, que compreendem o alto valor do saber, deve ser momento de alegria e prazer o tempo dos estudos. Devemos

estudar, não só para a conquista de notas, mas, também, para adquirirmos conhecimento. Com os estudos se aprende a viver na sociedade. Hoje em dia a pessoa que não é considerada como de projeção social e nada consegue para sua melhoria e dos seus. Sejam, portanto, amigos de nossos livros e amemos os estudos se quisermos engrandecer a Pátria. Sebastiana de Souza – 4º. Normal (ECOS JUVENÍS, 1939, n. 29, p.14).

Entendeu-se que no grêmio literário e na imprensa escolar estava em circulação essa ótica de pensamento do “gosto pelos estudos” calcada na proposta de que as alunas obtivessem sucesso no mercado escolar³² através da acumulação de capital cultural.

Na investigação e nas leituras das fontes, questionou-se quais eram os tipos de conhecimentos e exercícios que eram feitos na imprensa escolar e/ou que o *Ecos Juvenis* incentivava e que incidia em elementos constituidores de um refinamento cultural.

Duas fontes memorialísticas, ao fazerem menção ao *Ecos Juvenis*, apontavam esse incentivo, sendo a primeira o relato de uma ex-aluna e o segundo de uma professora do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora: a) “O incentivo à criatividade literária era um exercício contínuo. Dos Ecos ainda, estas lembranças num concurso poético, realizado entre as alunas da quarta série ginasial [...]” (PENTEADO, 1996, p. 57). b) “[...] estimulava as produções literárias de nossas alunas. Era com ansiedade que as meninas aguardavam sua publicação, para ver com letra de forma seus discursos, poemas, contos.” (GARDÉS *apud* SÁ ROSA, 1999, p. 91).

A escrita para o impresso era um exercício que colaborava para a ampliação do capital cultural e aproximava as alunas de uma cultura humanística. Como já mencionado, os cursos secundários possuíam a proposta de aproximar os estudantes dessa cultura. Além disso, Souza (2009, p. 83) apontou que os colégios confessionais católicos eram defensores de uma educação nessa perspectiva, pois “O pensamento católico se via como herdeiro natural e direto do humanismo e seu mais dileto defensor.”.

Em sua maioria, os conhecimentos tidos como “distintos” eram humanísticos, nos quais incluía-se

[...] o estudo da língua, literatura, poesia, história, geografia e retórica, combinava-se, por sua vez, com o estudo da matemática, lógica, ética, filosofia e ciências naturais, no ciclo das Artes. Formação completa era,

³² Mercado escolar é um termo mobilizado na teoria bourdieusiana, na compreensão que a educação constitui-se como um investimento para as frações das classes médias e altas. (BOURDIEU, 2015).

para humanistas e para jesuítas, a via para o desenvolvimento intelectual e moral do indivíduo. (MIRANDA, 2011, p. 480).

Um dos conhecimentos que ganharam relevo como “distintos” no impresso eram os literários. Além disso, foram localizadas pelas atas do grêmio literário diversas leituras literárias, declamações dessas leituras e uma ótica ufanista ou saudosista em relação a alguns literatos do grêmio, quais sejam: Castro Alves, Gonçalves Dias, Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes), Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa e Dom Aquino Corrêa (Patrono do grêmio). Essas características do Grêmio Dom Aquino Corrêa compunham esse período histórico, no qual

Os grêmios de 1937 e os posteriores eram de natureza literária, de fundo humanista. Além dos elementos comuns a todos os grêmios listados acima, esses que já estavam no clima ou mesmo dentro da terceira fase do governo Vargas, o Estado Novo, acresciam às suas temáticas a celebração de datas e vultos nacionais, o fortalecimento do espírito cívico e patriótico. (COSTA, 2016, p. 133).

Os excertos a seguir expressam esse sentimento saudosista calcado na cultura humanística. O primeiro é um discurso de um evento da instituição escolar promovido pelo grêmio literário sobre Castro Alves; e o segundo trata-se de uma carta das alunas ginásianas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Campo Grande para as alunas do Curso Normal da Escola Normal N. S. Auxiliadora de Lins.

6 de Julho

Castro Alves, imortal figura da Literatura brasileira, homenageado pelo Grêmio Literário D. Aquino Corrêa.

A literatura é uma arte. Como todas as artes, ela reflete a alma de uma raça, suas tendências, o progresso, a cultura, enfim, tudo o que difere um povo dos demais povos de nosso imenso Globo. A literatura brasileira, tal como a própria terra do Brasil, é abundante e fecunda, rica em literatos como em ideias, em beleza, em sentimentos profundos, que fazem vibrar as mais sensíveis cordas de nosso coração. Entre os que enriqueceram nossa literatura, escrevendo páginas imortais, destaca-se um vulto bem conhecido e cada vez mais admirado: Castro Alves.

[...] Lucy Dualibi

1º Clássico (ECOS JUVENIS, 1946, n. 52, p. 7-9).

Para satisfazer a curiosidade das minhas sábias colegas quartanistas da Escola Normal N. S. Auxiliadora de Lins, traçarei também um ligeiro esboço da boa vida da 4ª série daqui. Somos somente 32 “pombinhas”, que

brevemente estenderão suas asas para transpor os umbrais desta gaiola dourada; a terça parte destas é constituída de “grandes poetisas e amadoras da nossa Literatura!... (ah! ah! a!...) Conforme... continuaremos com nossas belas publicações... [...] Sabem de uma coisa, minhas amigas? Parece até uma coincidência!... O ano passado a nossa 3ª série, por ser a mais “folienta”, suas componentes ficaram conhecidas por “AS SÁBIAS DA GRÉCIA”.

[...] Cleide Medeiros. (ECOS JUVENIS, 1947, s/n., p. 24).

O impresso se constituía como um dispositivo propício para a acumulação de diversos conhecimentos distintos, ou seja, para um refinamento cultural, visto que as alunas tinham de fazer um exercício de escrita em relação a ele com embasamento em leituras literárias específicas para a publicação. Também era necessário ter uma determinada linguagem erudita e havia um processo editorial do impresso, no qual havia textos aprovados e reprovados.

Além disso, essa cultura humanística aproximava as alunas secundaristas da cultura das frações das classes altas, pois, como pontua Souza (2009, p. 84), havia uma “[...] adesão das elites à cultura clássica [...]”, ou seja, concordou-se com Bourdieu que asseverou que “A cultura da elite é tão próxima da cultura escolar [...]” (BOURDIEU, 2015, p. 61).

Os conhecimentos humanísticos em circulação no impresso eram diversos e apontavam para um objetivo específico, qual seja, a inculcação de uma moral, como expressam esses excertos sobre os conhecimentos de Português e de História:

E no teor seguinte que a aluna Nilza Xavier, responde a uma pergunta sobre o estudo da História:

- Que vantagem tem o estudo da História para nós, que tão longe vamos dos tempos em que aconteceram os fatos em discussão?

- <<No meu modo de vêr, a História é a fonte dos conhecimentos da evolução do homem sobre a terra, sob os aspectos mais variados: político, social, religioso, econômico.>> A História é um tesouro onde encontramos as joias mais raras da glória, da cultura e da moral de um povo. Múltiplos são os interesses e grande é a importância do estudo da História. [...] É por meio intermédio da História que nos inteiramos do desenvolvimento da religião, desde a sua origem até os dias de hoje. Vemos e nos exultamos com suas vitórias sobre seus inimigos que queriam sobrepujá-la sem nunca o conseguir. Desde os tempos de Nero, admiramos o desenvolver de várias perseguições contra a religião católica, que nunca desfaleceu e sempre seguiu para frente, deixando atrás de si um caminho glorioso, palmilhado por mártires, que a tornaram mais bela e pura. Na política, observamos uma sucessão continua de formas de governo até chegar à democracia de nossos

dias, que domina em quase todo o mundo. (ECOS JUVENIS, 1947, n. 53, p. 18).

O Estudo de Português

- Como é feliz aquele que pode dizer: <sou um estudante, um futuro defensor do Brasil! O estudo nos dá a grande virtude de conhecermos em grande parte, o rico vocabulário nacional, que não é filho somente do homem, mas também da terra. Como é proveitoso o estudo, principalmente o do português, que aclara as nossas idéias, esclarece as dúvidas, e nos dá a certeza de tudo o que desejamos falar, fazer ou escrever. O estudo é auréola brilhante que nos conduz ao caminho do saber e da instrução. – É por meio do estudo que aprendemos a defender a nossa nacionalidade, o nosso sólo, e antes de tudo a língua que já integrou no sólo e é a base da nacionalidade. O Brasil precisa de filhos cultos para neles garantir o seu futuro. O dito diz: <<Não deixeis para amanhã o que podeis fazer hoje,>> e a vóz da experiência nos previne. Nunca deixeis que vossos filhos comecem a estudar, se eles bem o podem fazer cêdo>. Se com ardor patriótico queremos defender a nossa nacionalidade, e o inderrotavel sólo brasileiro, com mais ardor e interesse, com mais ardor e interesse devemos defender o idioma pátrio. Nós, filhos natos deste gigante Brasil, devemos ser os primeiros defensores de nossa bela linguagem. Quem pensa no futuro do Brasil, deve também pensar no futuro de seus filhos e da sua língua. Defendemos com muito carinho a pátria, deve também pensar no futuro de seus filhos e da sua língua. Defendemos com muito carinho a pátria do pendão auriverde e bem assim o estudo do Português, pois dele depende o maior aperfeiçoamento do <<verbum>> e do saber. – Estudai juventude, para o maior engrandecimento do nosso povo e da nossa língua. Combatei sempre o analfabetismo em nosso querido país, promovei campanhas, para que ele não se estenda na gloriosa pátria brasileira.

Creuza Rondon de Souza

1º Científico (ECOS JUVENIS, 1946, n. 52, p. 10).

O primeiro excerto destacou a necessidade do estudo de História, porém calcado numa ótica de exaltação da Igreja Católica; já o segundo destacou o sentimento nacionalista da construção de uma raça “forte” brasileira, ou seja, havia em torno do impresso um apelo à moralidade e à formação religiosa por meio dos diversos conteúdos. Dessa maneira, compreendeu-se que o impresso propiciava a acumulação de conhecimentos específicos que passavam por uma seleção, pois, conforme pontua Ortiz (2014), não era qualquer leitura que poderia ser feita na instituição nem no grêmio. Dessa forma, o impresso corroborava o pensamento moral religioso da instituição.

Uma professora do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e uma ex-aluna relatam: “Aconselhávamos nossas alunas a ler apenas livros religiosos ou históricos. Romances que pudessem prejudicar a formação do caráter eram proibidos.” (GARDÉS *apud* SÁ ROSA, 1999, p.90). “Quanto às leituras, o recomendado eram autores inócuos, traduções em inglês,

livros de formação ou leituras diárias da vida dos santos, livros de ficção eram proibidos.” (ROSA *apud* PENTEADO, 1996, p. 51).

Dessa maneira, entendeu-se que os elementos constituidores do que era tido como uma leitura legítima e/ou do que seria um texto legítimo para a publicação no impresso deveriam ser calcados em conteúdos eruditos e/ou religiosos, já que havia uma classificação na instituição escolar do que era um “bom texto” e/ou uma “boa leitura”, pois a escola destruía

[...] uma certa forma de leitura. Penso que um dos efeitos do contato médio com a literatura erudita é o de destruir a experiência popular, para deixar as pessoas enormemente despojadas, isto é, entre duas culturas, uma cultura originária abolida e outra erudita que se frequentou o suficiente para não mais poder falar da chuva e do bom tempo, para saber tudo o que não se deve dizer, sem ter mais nada para dizer. **E eu penso que esse efeito do sistema escolar, jamais descrito, é efetivamente espantoso quando reconstituído através dos testemunhos históricos que foram dados.** (BOURDIEU; CHARTIER, 2009, p. 241, grifo nosso).

Em diversos textos das alunas secundaristas no impresso, havia uma compreensão da necessidade do acúmulo de conhecimentos eruditos ou científicos, porém, no mesmo texto, não se desprendia da necessidade da “moral” e da religião, como esses excertos elucidam:

Agora, sinto-me feliz, continuo os estudos num Colégio de Dom Bosco, onde mora Jesús Sacramentado e onde não se aprende somente a ciência profana, mas, também, a religião, cujos frutos perduram após a morte. (ECOS JUVENIS, 1941, n. especial, p. 26).

Entrevejo confusamente o que será de minha atividade no campo social. Pretendo ter uma vida abnegação e de devotamento, dedicada às pessoas que precisarem de lenitivo para o corpo. Porém, não limitarei a minha ação ao devotamento a ciência. Muitas vezes uma palavra de incentivo, de encorajamento servirá mais do que os poucos recursos da medicina, sempre em evolução, aos infelizes que mais vezes sofrem do espírito que do corpo. Quero ter um meio de vida, que não seja somente para assegurar meu bem estar. Reparti-lo com outros, transmitir-lhes o pouco que tiver o privilégio de acrisolar não só no meu intelecto, mas sobretudo no meu espírito, constituirão a finalidade de minha existência. (ECOS JUVENIS, 1946, p. 30).

Para o exercício de acumulação dos conhecimentos humanísticos e religiosos, o *Ecoss Juvenis* incentivava duas atividades: as **campanhas missionárias** e os **concursos literários**.

Havia divulgação no impresso de como estavam ocorrendo essas competições e/ou das vencedoras das atividades.

As campanhas missionárias constituíam-se como um “concurso” de doação, no qual as alunas dos diferentes cursos do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, principalmente as alunas dos cursos secundários, disputavam quem contribuiria mais com recursos materiais e financeiros, os quais eram destinados às “missões salesianas”. Além disso, havia títulos conquistados pelas alunas, como este excerto elucidado:

Campanha Missionária de 1947

Juventude estudantina Salesiana, almas vibrantes de santo entusiasmo pela causa de Cristo e das almas.... ATENÇÃO!... Dia 18, iniciaremos o mês de CAMPANHA MISSIONÁRIA, que será coroada com a Festa Litúrgica das Missões, do dia 19 de Outubro. Nada nos deve deter nessa Santa Cruzada, sacrifícios, humilhações, dificuldades, falta de recursos... tudo é pouco quando se trata da glória de Deus e do bem das almas! Trabalharemos portanto e rezemos neste belo mês para conquistar o maior numero de almas para Deus, para dilatar o Reino de Cristo! Cerremos fileira em volta do Papa e com ele brademos: <Tudo pela Missões! Não nos envergonharemos de nos tornar mendigas por Cristo e pelas almas!>> A porfia individual consistirá na conquista de um Título Honorífico:

Missionária Cr.\$1.000,00

Apostola Cr.\$ 500,00

Propagandista Cr.\$ 300,00

Simpatizante Cr\$ 100,00

A porfia geral consistirá na conquista da supremacia das Missões do Internato e das classes do Externato.

No internato Missão vencedora?

No externato:

Nos cursos secundários: Classe?

No curso Elementar: Ano?

Serão coroados as Missionárias e as Apóstolas. As propagandistas e simpatizantes, receberão um distintivo.

A classe vencedora e a missão vencedora receberão a Bandeira. (ECOS JUVENIS, 1947, n. 53, p. 34).

Para o acúmulo de subsídios, as alunas se mobilizavam de diversas formas: vendiam doces no colégio e faziam teatros, ou seja, utilizavam estratégias para vencer o concurso, como este excerto elucidado:

Outubro

[...] Dia 24 – Festa das Missões. Às barraquinhas foram transportadas para o domingo seguinte. Mas que digo? É uma barraquinha foram transportadas para o domingo seguinte. Mas que digo? É uma barraquinhas perpetua o

mês de Outubro no Colégio. Que digam as diferentes divisões. A' noite, uma festinha no Salão de Atos. Já não se estranha mais quando se vê um cartão- convite sobre a mesa da Superiora; o conteúdo já sabe: uma festinha em benefício das Missões. Felizes meninas que se fazem artistas para salvar almas!

[...] Dia 30 – As externas realizam uma bela sessão dramático-litero musical em benefício das Missões. Fizeram verdadeiros sacrifícios submetendo se a ensaios à noite, vindo ao Colegio até quando o tempo era chuvoso. Se Deus prometeu recompensar um copo d'agua dado por seu amor, como não lhes recompensará, tanta generosidade em prol dos missionários? O drama – A Ciganinha – foi um sucesso. Parabéns às externas. (ECOS JUVENIS, 1948, n. 54, p. 32-33).

O *Ecos Juvenis*, ao fazer o exercício de divulgação das atividades, proporcionava uma mobilização das alunas. Essa movimentação estava ligada ao acúmulo de prestígio social das estudantes que venceriam o concurso e a uma imagem religiosa. Também se observou essa atividade como uma estratégia da instituição, pois ela auxiliava a inculcar um *habitus* religioso. Concordou-se com Andrade (2021, p. 190) que dissertou que nas instituições salesianas havia incentivos para as atividades de maratonas, gincanas e concursos, pois “[...] eram uma forma de manter a juventude passiva, dócil e cumpridora de regras, ou seja, uma forma de emular alguns comportamentos, estruturando cotidianamente esquemas classificatórios.”.

Nesse sentido, os concursos literários possuíam uma proposta próxima às Missões, pois emulavam comportamentos calcados na ótica religiosa salesiana e as alunas acumulavam em torno de si capital social, visto que se divulgavam fotos e nomes das vencedoras, como o quadro 17 e a figura 18 demonstram:

Quadro 17 - Concursos literários localizados

Tema do concurso:	Vencedora(s):	Impresso que divulgou:
Madre Mazzarello	Euridéa Chaves de Sá – 4ª série ginásial Eza Jacques – 1º ano do curso clássico	<i>Ecos Juvenis</i> , 1946, n. 51
Dom Bosco	Time vencedor: Filhas de D. Bosco (concurso literário em forma de grupos)	<i>Ecos Juvenis</i> , 1947, n. 53
Maio: mês das mães	Solange Mascarenhas Monteiro – 1º ano de contabilidade Terezinha Mandetta – 3ª série ginásial Valeria Magalhães Bezerra Menezes – 2ª série ginásial	<i>Ecos Juvenis</i> , 1951, n. 61

Fonte: Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. 51, ano 13, 1946; Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. 53, ano 14, 1947; Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. 51, ano 18, 1951.
Organização: Gomes, 2023.

Figura 18 - Vencedoras de concurso literário no *Ecos Juvenis*



Fonte: Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. 61, ano 18, 1951.
Acervo: Biblioteca Pe. Félix Zavattaro – Acervo de obras salesianas/UCDB.

Ao investigar a função social da imprensa escolar para capturar a *illusio* do subcampo da imprensa escolar salesiana, localizaram-se indícios de que a imprensa era um lugar propício para o refinamento cultural calcado numa lógica

[...] propriamente simbólica da **distinção** que assegura, por acréscimo, benefícios materiais e simbólicos aos detentores de um forte capital cultural que retira, de sua posição na estrutura da distribuição do capital cultural, um valor de raridade [...]. (BOURDIEU, 2015, p. 84, grifo nosso).

O grêmio literário e o impresso constituíam-se como dispositivos que auxiliavam as estudantes secundaristas a acumularem e a movimentarem seu capital cultural, religioso e social por meio desses mecanismos e estratégias: uma escrita erudita para o impresso, acumulação de conhecimentos humanísticos e religiosos, incentivo aos concursos literários e às missões e divulgação das vencedoras dessas atividades.

Ao acumularem essa série de capitais, principalmente o capital cultural e religioso, exigia-se “[...] uma incorporação que, enquanto pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, custa tempo que deve ser investido pessoalmente pelo investidor [...]” (BOURDIEU, 2015, p. 82), ou seja, incidia-se em elementos para a incorporação de um *habitus* culto de classe social e também um *habitus* religioso, que provém da religião católica.

A atividade da imprensa escolar do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora era formativa. Nesse sentido, obtiveram-se indícios de algumas apropriações dos ideais escolanovistas, sobre os quais Freinet dissertou que “[...] a realização do jornal escolar seja grandemente favorável a uma formação profunda dos nossos filhos.” (FREINET, 1974, p. 53). Também, Casasanta mencionou:

Às atividades extra-classe, em geral, Mac Brown atribue certos valores que se aplicam também aos jornais escolares. E tais são: preparar o indivíduo a viver numa democracia; tornar o indivíduo guia de si mesmo; ensinar o valor da cooperação; despertar o interesse do educando pela escola; despertar no educando os sentimentos de ordem e de legalidade, etc. (CASASANTA, 1939, p. 39-40).

Nesse sentido, concordou-se com Costa (2016) que dissertou que o ideal escolanovista era promover atitudes de autogoverno para os estudantes por meio das diversas atividades, como a imprensa escolar, para que eles possuísem uma ótica específica sobre o mundo social e estivessem ajustados de acordo com a ordem e a moral da época.

Nessa perspectiva, identificou-se que o *Ecos Juvenis* possuía esse objetivo de inculcar uma ordem e moral. Concordou-se com Andrade (2021, p. 217) que observou que as instituições escolares salesianas “[...] adequaram-se às tendências pedagógicas modernas antes de se tornarem uma obrigação. Proporcionaram aos alunos um espaço para desenvolverem a escrita e o espírito crítico com os periódicos estudantis [...]”.

A *illusio* do subcampo da imprensa escolar era bem fundamentada, pois era acoplada a todo o trabalho da instituição escolar de “preservação da moral” e de incidir elementos de distinção social. Além disso, entendeu-se que a *illusio* era bem fundamentada na perspectiva de que diversas agentes secundaristas “ansiavam” em ver seus textos no impresso.

Em resumo, ao observar que o subcampo da imprensa escolar colaborava com a manutenção e legitimação de um *habitus* de classe social, questionou-se também se ele contribuía para a constituição de um *habitus* de gênero.

Estética e/ou alimentação																	
------------------------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: elaborado com base nos impressos levantados.

Organização: Gomes, 2023.

Como mencionado anteriormente, existiam no impresso algumas mulheres às quais as alunas deveriam seguir, como por exemplo, Maria, que é focalizada nestes excertos:

Enfim, nossa promessa, depomo-la aos pés da Auxiliadora, a doce Virgem inspiradora da obra já secular de Dom Bosco, a qual nos sorriu em cada ângulo deste recinto – nas horas de piedade e de estudo, trabalho e entusiasmo. E, como foi dito, que toda obra incitada sob o olhar de Maria leva o sigilo de uma benção celeste, assim, esta divina, promessa de proteção do céu, nos acompanhe em nossa futura missão, fazendo que a lembrança de Maria seja luz ao nosso trabalho auxílio e conforto em toda nossa vida. (ECOS JUVENIS, 1941, n. especial, p. 19).

Educandas caras: As casas salesianas são jardins, onde se cultivam flores para os céus. Sois vós essas flores – a jardineira celeste – MARIA AUXILIADORA – que em vosso meio opera por intermédio de suas filhas. Foi ela quem foi buscar cada uma de vós em vossas casas, dispensando-vos meios de formação cristã sob sua proteção. Ela quem vos convida a enfeitar-vos da peregrina beleza das virtudes, a nutrir-vos de uma Fé, que tudo vence, a corresponder os anseios de vossas educadoras de vossos pais – a quem representais a preciosa joia, que se lapida no presente, o sorriso do futuro. Formai aqui os vossos corações, para que como as eternas rosas de Jericó, possais florir como formosos ornamentos uteis à Pátria, à Sociedade, do lar e à Igreja, nesta vida e formar coroa à Virgem de D. Bosco no Céu. Atendei, hoje, o apelo de MARIA AUXILIADORA: Florete, flores quase lilium. – Desabrochai, ó flores, como lírio.

F.M.A (ECOS JUVENIS, 1946, n. 52, p. 31).

Estavam em circulação no *Ecos Juvenis* e no grêmio literário algumas referências de mulheres “exemplares”. Como mencionado anteriormente, por se tratar de uma instituição católica salesiana, existia um protótipo de mulher ideal, qual seja: Maria, pois ela era recatada, virgem e pura e, por essa razão, as alunas deveriam seguir esse modelo. Destaca-se que o segundo excerto foi escrito por uma professora da instituição que não se identificou, porém mencionou que era uma FMA. Nesse sentido, ancorando-se na teoria bourdieusiana, segundo a qual o professor possui uma crença de autoridade e exemplaridade em torno de si, compreendeu-se que era um enunciado performativo com potencial de ser imitado, pois

O verdadeiro princípio da magia dos enunciados performativos reside no mistério do ministério, isto é, na delegação ao cabo da qual um agente singular (rei, sacerdote, porta-voz) recebe o mandato para falar e agir em nome do grupo, assim constituído nele e por ele. (BOURDIEU, 2022, p. 63).

Também foram localizadas outras mulheres tidas como “exemplares”, quais sejam, Madre Mazzarello e Laura de Vicuña, que eram consagradas e santas da Missão salesiana, como estes excertos expressaram:

Este exemplo heroico e divino deve brilhar eternamente em nosso coração se quisermos conseguir o louro da vitória. Lembremô-nos que não são as ciências que nos hão de abrir os céus, que, o mundo jamais nos dará a felicidade. "O coração humano é um abismo e só outro abismo o pode saciar". Este outro abismo é Deus. - Viemos d'Ele e a Ele temos de voltar! Busquemos então como a nossa beata M. Mazzarello, a fonte dos tesouros celestes, que é o conhecimento profundo e a pratica exata da nossa Santa Religião. Coragem, animo alma Cristã, aluna salesiana, espelha-te em nossa Beata e ergue teu vô aos pinaros dos montes, onde fulgura o lume da eterna felicidade! Helena Costa

1º Ano de Contabilidade
(ECOS JUVENIS, 1947, s/p., p. 46).

Laura, é apresentada como modelo à mocidade Salesiana. Imitimô-la, em suas virtudes, principalmente no mês de Maio, para podermos oferecer a nossa Mãe Celeste muitas florinhas perfumosas. (ECOS JUVENIS, 1947, s/n., p. 26).

Esse exercício de constante menção a essas mulheres exemplares no impresso estava ligado à inculcação de um modo de ser e estar mulher, calcado numa ótica específica ligada a “valores” e à “honra” da mulher, a qual “[...] só pode ser defendida ou perdida, sua virtude sendo essencialmente a virgindade e a fidelidade [...]” (BOURDIEU, 2014, p. 64).

O culto à pureza e à castidade era um exercício constante no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e a imprensa escolar contribuía para isso, já que havia ênfase no impresso de que os valores das alunas salesianas eram a “pureza” e a “fidelidade”, como estes excertos exemplificaram:

20 de MARÇO – Inicia-se o tríduo escolar. As alunas acorrem pressurosas a ouvir as palavras de animação e os conselhos da Revda. Irmã Diretora, que, com seu carinho maternal e santo exorta suas filhas ao cumprimento dos deveres escolares e á prática das virtudes que mais embelezam a vida

de uma jovem aluna salesiana: a SINCERIDADE E A PUREZA. (ECOS JUVENIS, 1947, s/n., p. 40-41).

Juventude Salesiana, contemplemos Maffei e desfraldando sua bandeira, veremos o lema que ela ostenta e que também deve ser o nosso: - << Espírito de Conquista e pureza de coração>>. É mister portanto, que com essa bandeira desçamos ao campo de combate, firmes na fé, valentes na santidade e unidas pelo mesmo vínculo, pela mesma santa causa, venceremos finalmente as seitas iníquas, que não mancharam o solo virgem da abençoada Terra de Santa Cruz.

Maria Helena Medeiros

2ª Série (ECOS JUVENIS, 1946, n. 52, p. 49).

Dessa forma, o *ethos* de gênero que se construía no subcampo da imprensa escolar salesiana estava calcado numa ótica de subordinação da mulher, que inculcava que a castidade era basilar para a vivência da mulher católica. Bourdieu (2014, p. 102) asseverou que

[...] a subordinação da mulher podendo vir expressa [...] ao culto da castidade e das prendas ao lar, à aquarela e ao piano, e também, pelo menos nos países de tradição católica, à prática religiosa, cada vez mais exclusivamente feminina.

Outra crença que estava em torno da imprensa escolar era a questão de associar a mulher aos trabalhos domésticos, estando essa associação ligada ao que as alunas pretendiam se tornar, como estes excertos “romantizados” expressaram:

Quando eu for dona de casa...

Não lhe agrada, minha boa amiga, êste pensamento? Quem não pensa em ter o seu lar muito bem organizado, arranjado com carinho? Cada coisa em seu lugar, tudo bem ordenado, é assim que desejo trazer sempre a minha casa. Não é este o pensamento que lhe vem a idéia quando pensa em ser dona de casa? Bem, aqui vão alguns conselhos que tenho a certeza, serão bem recebidos pois facilitam muito a tarefa de uma dona de casa. Vamos começar pela cozinha, que é a “dor de cabeça das donas de casa” sem prática alguma, pois bastará um pouco de bôa vontade e interêsse, para que o “horror” se transforme em uma doce, senão agradável tarefa. Agora eu pergunto: Como gostar daquilo que não conhecemos? Minha boa amiga, além dos livros de receita que você tem em sua casa tenha uma caderneta que servirá para anotações, por exemplo: outro dia, no chá em casa “fulana” você “adorou” uma torta de maçãs, sua amiga naturalmente, terá o imenso prazer em ceder-lhe a receita; você então terá a providência de anotá-la em sua caderneta, pois já experimentou e tem a certeza de que vale a pena executa-la. Mas... (como diz D. Izabel Serrano) não faça como aquela

senhora que tendo provado em casa de uma amiga, umas roscas fritas, pede à dona da casa que lhe ceda a receita, ao que esta responde: Mas... se eu tirei-a de um livro de arte culinária de sua biblioteca! Oh! não! Procure tornar seu livro de cozinha o seu melhor amigo, decore até as receitas que mais lhe agradem. Se você deseja executar alguma receita... A carne está tão dura? Deite na água em que for cozinhar a mesma, um tantinho de bicarbonato e já verá como ela ficará macia qual “filet”. [...] Desejando a você muitas felicidades como futura dona de casa, despeço-me. Até o próximo número.

Rosa Melke

4ª Série ginásial (ECOS JUVENÍS, 1950, n.57, p. 23).

As outras cabecinhas, sonham com a constituição de um lar, onde a felicidade lhe sorri prazenteira; acalentam na memória uma “ideal home” adornada com as mais mimosas e graciosas flôres, impregnando o ambiente todo, com um aroma suave. (ECOS JUVENIS, 1947, n.53, p. 14).

Considerou-se uma ótica de superioridade masculina atribuir os trabalhos domésticos somente à mulher. Além disso, havia uma lógica de aceitação da coerção social, que impunha às mulheres os afazeres domésticos como uma tarefa “legítima”. Dessa forma, compreendeu-se que a imprensa escolar possuía diversos enunciados performativos que tinham em sua mira um senso de “reforço” das condições simbólicas que havia em torno da escola, sociedade e família, ou seja, ela inculcava um senso prático do que se constituía por estar e ser mulher.

O impresso tratava de divulgar que a instituição escolar oferecia uma formação específica para as mulheres calcada na ótica de superioridade masculina, que impunha a atribuição dos fazeres domésticos à mulher, como a figura 19 demonstra:

Figura 19 - Alunas ginásianas costurando



Fonte: Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. 61, ano 18, 1951.

Acervo: Biblioteca Pe. Félix Zavattaro – Acervo de obras salesianas/UCDB.

Entendeu-se como uma “estratégia matrimonial” essa divulgação no impresso *Ecos Juvenis*, visto que passava para a sociedade que as moças possuíam “predicados” para se casar, pois

É na lógica da economia de trocas simbólicas – e, mais precisamente, na construção social das relações de parentesco e do casamento, em que se determina às mulheres seu estatuto social de objetos de troca, definidos segundo os interesses masculinos, e destinados assim a contribuir para a reprodução do capital simbólico dos homens –, que reside a explicação do primado concedido à masculinidade nas taxinomias culturais. (BOURDIEU, 2014, p. 56).

Também, destaca-se que se divulgava no impresso que a instituição escolar estava em consonância com o ideal de formação da mulher imposto no currículo oficial naqueles idos. Além disso, compreendeu-se que a constituição do que era ser mulher no *Ecos juvenis* estava ligada à “atividade feminina” de ser “essencialmente” religiosa, esposa e mãe, ou seja, qualidades que se direcionavam ao outro. Bourdieu (2014, p. 79) problematizou que

Tudo, na gênese do habitus feminino e nas condições sociais de sua realização, concorre para fazer da experiência feminina do corpo o limite da experiência universal do corpo-para-o-outro, incessantemente exposto à objetivação operada pelo olhar e pelo discurso dos outros.

O *Ecos Juvenis* possuía textos associando a maternidade a uma atividade legítima para a mulher, em uma perspectiva religiosa, como expressa este longo texto, que classificou o que era a “boa mãe” de forma irônica:

Apresento brevemente a suave figura e máscula figura de Occhiena Bosco, a mãe do grande S. João Bosco, digna, ela também, dos altares... A vida desta santa esposa e mãe, deveria ser mais conhecida, pois é um modelo acabado de virtudes cristãs e domésticas. Comparar Margarida a certas <<mãezinhas>> de nosso século é por a palmeira perto do trevo, a estrela perto do vagalume, a fonte cristalina perto do charco. Exagero?...Infelizmente não: é a realidade. As mãezinhas elegantes do século XX – chamamô-las assim – não teem tempo de dar aos filhos as primeiras noções de catecismo. Os filhos, quando os teem, só lhe atrapalham a vida! Calculem! Onde acham tempo para ensinar o Sinal da Cruz e Ave Maria aos pequenos, entre as preocupações de <<toilettes>>, de permanentes, de pintar beijos e enxertas sobranceiras?! A felizarda da Margarida Bosco, ignorante dessa tão elevada ciência, ensinava aos filhos o Catecismo “todas as noites” e repelia as perguntas e as respostas tantas vezes quantas fosse preciso para que eles as soubessem de cor”. Foi ela, quem os preparou para a primeira Confissão e primeira Comunhão. Que tal? (Vejo as mãesinhas modernas sorrirem de desdém, só do lado esquerdo...) [...] Mas...todos somos mortais! Depois de uma longa vida de merecimentos, Margarida foi receber no céu, o prêmio de sua virtude heroica. Foi vítima de uma violenta pneumonia. Recebeu os últimos confortos de nossa Santa Religião e até o fim foi assistida pelo filho Sacerdote. Quantos meninos a choraram como Mãe!... Quantos necessitados perderam uma amiga, uma protetora! Entre outras coisas ela disse: - Tenho a consciência tranquila; cumpri sempre meu dever”. Que tal? (terceiro sorriso das mãesinhas modernas, mostrando os dois dentes da frente). Todos somos mortais. E, se uma dessas mães elegantes do séc. XX, fosse chamada perante o Tribunal de Deus?! Ah, queria assistir a esse exame, do qual não há segunda época! – Que virtudes praticaste como esposa e como mãe? – pergunta a voz terrível da Justiça Eterna. A pobre,

tremendo procura... e não acha. Coitada! Está lá, sozinha, à frente da Verdade invencível. – Aos Domingos e dias santos, foste à Missa e levaste contigo o esposo, os filhos, os criados? Nenhuma resposta – (ela levantava-se às dez horas e empregava duas para se arrumar). – Que contas me dás da educação que deste às crianças? Silêncio. Nenhuma, ora! Não tendo tempo para isso, entregou essa árdua e indesejável tarefa a três Mestres ilustres: RUA, O MATINÉE, O GIBI... Basta, porque vou acabar escrevendo tragédias, Até logo. Sua anti-estética
PTELOMÉIA (ECOS JUVENIS, 1946, n.52, p. 12).

Dessa forma, havia em torno do impresso uma “celebração” da maternidade, porém em uma perspectiva específica ligada à subordinação aos homens, com adjetivação de “protetora”, ou seja, uma vivência para o outro.

Além disso, identificou-se que “Pteloméia” era um codinome de uma FMA, que possuía uma seção em alguns impressos, como o quadro 11 elucidou. Entendeu-se esse excerto como um enunciado performativo, na perspectiva de que possuía a intencionalidade para que as leitoras “imitassem” esse exemplo de mãe, ou seja, um ato de coerção social das FMA para legitimação de um modo de ser mãe, sendo que estas deveriam educar o filho nos moldes católicos, havendo, portanto, uma ótica maniqueísta da educação católica como legítima e qualquer outra educação que subvertesse essa lógica como “ilegítima”. A ótica maniqueísta constituía-se como parte da imprensa feminina que “[...] separava qualidades ideais e realidade.” (BUTONI, 2009, p. 25).

Este texto de uma aluna secundarista descreveu as características de sua mãe e era referente a um impresso dos primeiros seis meses do ano de 1946, ou seja, abrangia maio, no qual é comemorado o “dia das mães”:

Minha Mãe

No mundo não há criatura mais santa e pura que minha mãe. Todo seu ser inspira confiança e amor. Sua fonte pura e bela como o lírio revela candura de uma alma inteiramente sacrificada pelo bem de seus tesouros: os filhos. Seu olhar meigo e compassivo denuncia claramente seus sentimentos tão nobres e comunica ao próximo a chama ardente do seu amor á família. Tenho prazer em ouvi-la principalmente quando voz mui suave, faz-me alguma admoestação, indica-me a vereda que conduz a Deus, á santidade. Jamais me aborreço com seus conselhos, como fazem muitas filhas ingratas. Vejo em minha mãe uma dona de casa modelar que muito bem sabe educar seus filhos. Penso: que seria de mim se não fosse esse anjo de candura que conhece os recônditos da minha alma e sabe confortar-me nas horas incertas. Até hoje somente a minha mãe, dei todo o meu amor, mas

para vê-la feliz estou disposta a qualquer sacrifício. Ela bem merece a admiração, o respeito, e o amor de sua filha.

Nelly Macedo

3ª Série (ECOS JUVENIS, 1946, n. 51, p. 23).

A ênfase à atividade materna no impresso escolar estava ligada também ao que as alunas pretendiam se tornar e o que era instituído a elas. Tal sentimento expresso no texto, da mãe ser uma “alma inteiramente sacrificada pelo bem de seus filhos”, destituía outras possibilidades de atividades para a mulher, ou seja, havia um senso de exclusão.

[...] das coisas sérias, dos assuntos públicos, e mais especialmente dos econômicos, as mulheres ficaram durante muito tempo confinadas ao universo doméstico e às atividades associadas à reprodução biológica e social da descendência; atividades (principalmente maternas) que, mesmo quando aparentemente reconhecidas e por vezes ritualmente celebradas, só o são realmente enquanto permanecem subordinadas às atividades de produção, as únicas que recebem uma verdadeira sanção econômica e social, e organizadas em relação aos interesses materiais e simbólicos da descendência, isto é, dos homens. (BOURDIEU, 2014, p. 116).

Dessa maneira, entendeu-se que o *Ecos Juvenis* se constituía como um dispositivo que solidificava atividades impostas às mulheres calcadas na moral e na religião católica. Algumas características das mulheres eram pautadas na religião católica, como neste denso excerto a seguir, que expressou sobre a beleza da mulher:

Sim, minhas queridas jovens, moça não há feia nem bonita, quando falhando a beleza dos traços, aparecem outros imãs de atração, emanados da virtude. Quantas e quantas vezes nossos olhos se prendem em verdadeiras <<beldades, que em contacto conosco, nos fazem sacudir tristemente a cabeça – que pena! Não é prendada ou então - <<é de uma beleza estúpida!>> Por que? Não somos corpo e alma? A beleza é uma qualidade que pode pertencer a ambos; com uma diferença de suma importância a uma jovem cristã. A beleza do corpo caduca e morre com ele e a beleza da alma perdura eternamente com a imortalidade da mesma. Responde-me, querida educanda, qual das duas belezas preferes? Se a natureza te foi pródiga, dotando-te de um lindo semblante e graciosas formas, se o Divino Artifice fez de ti um perfeito modelo aos pintores e escultores, com a beleza perecível de teu corpo, cuidas de ornamentar tua alma com os encantos imperecíveis para os céus? Ou cuidas daquele e descuidas desta? E se não foste agraciada pela natureza e possues grosseiras formas e desagradáveis traços? Ao em vez da maquilage, desprezível máscara da feiura, sabes procurar ornamentos a tua alma, enriquecendo-te de dotes infinitamente superiores aos encantos naturais? A realidade nem sempre me traz uma resposta afirmativa. Quantas e quantas vezes, meu olhar se turva pesaroso ante a face de uma colegial pouco cumpridora dos

seus deveres, cujos olhos pisados denotam cansaços e os lábios avermelhados e murchos acusam a passagem do <<baton>> usado na véspera e a extravagância de uma noite de festa. Calma, cara estudante! Ainda é cedo! Não deixes fugir inutilmente a melhor quadra de tua vida para a conquista da beleza moral. A beleza física desaparecerá e desperdiças o tempo em que deves enriquecer tua alma de encantos duradouros? Preocupa-te por agora, com a beleza da alma, suscetível de crescimento. Lembra-te antes de tudo que uma jovem cristã ao lado do preparo intelectual, deve se esmerar na aquisição do hábito das virtudes. Uma donzela pagã pode contentar-se com a instrução e educação esmerada de uma pagã, mas uma jovem cristã, deve adquirir além destes dotes, a preciosa qualidade de ser piedosa. Acostuma-te a detestar as ornamentações exageradas, os <<arrebiques>> espalhafatosos, lembrando-te de que a simplicidade e o candor, são os mais encantadores enfeites de uma jovem. Agradam as criaturas e ao Criador. Tua preocupação por ora, querida educanda, deve ser instruir-te, tornar-te fina nas maneiras, nobre no trato social e piedosa, para que quando verdadeiramente moça, na escolha de teu estado possas ser feliz e fazer feliz aos que te cercarem. **Esforça-te para, se fores bela fisicamente, seres também moralmente; se fores feia, possas merecer este nobre quão significativo elogio <<TÔDA BELEZA LHE VEM DA ALMA>>.**

THÉMIS (ECOS JUVENIS, 1947, n. 53, p. 3-4, grifo nosso).

Considerou-se paradoxal a perspectiva de beleza imposta no impresso escolar, pois, enquanto havia uma ênfase nos “valores católicos” que compunham a “beleza da mulher”, também se defendia que as alunas obtivessem um corpo e uma estética específica. Buitoni (2009, p. 205) sinalizou que uma das características da imprensa feminina era “[...] a presença de alguns discursos paradoxais [...]”. Além disso, obtiveram-se indícios de que o texto era de uma FMA com algum cargo na instituição escolar que não se identificou. Nesse sentido, compreendeu-se novamente que esse era um enunciado performativo com potencial a ser imitado pelas alunas, tendo em vista que havia uma crença de autoridade em torno da FMA que proferiu o discurso e este estava ligado à lógica hegemônica que impunha uma estética específica para as mulheres.

A *hexis*³³ de gênero que foi identificada no impresso escolar em relação a como o corpo de uma mulher deveria se portar e/ou ser era calcada em diversos estigmas sociais. Estes excertos expressaram esses estigmas em torno do corpo da mulher de forma preconceituosa:

³³ Como mencionado anteriormente, na perspectiva de Bourdieu (1983, p. 180) a *hexis* corporal é intrinsicamente um componente do *habitus*, que está ligado a exteriorização corporal do “[...] cosmético e a vestimenta, na apresentação de si e a representação das relações com o outro (combatividade, gosto pela briga etc.)”.

PERFIL PSICOLÓGICO: A GULOSA

Trabalho de Psicologia! Por Helena de Figueiredo, do 2º Ano Normal.

Ei-la, à mesa, sentada almoçando como se fosse “uma camarada” que tendo deixado sua enxada e a foice, sente agora uma “fome devoradora”. Ali está, atrás de um prato, por cima do qual não se vê a companheira da frente. Isto é gula! Acho impossível uma moça que só faz serviços delicados, não se mexe no quintal, na horta, possa sentir tanta fome!... Na distribuição da merenda, é uma vergonha: ela se coloca atrás das outras e estende as duas mãos para ganhar a sua parte. Sempre tem uma desculpa para comer muito: ou está com saudade deste prato, ou aquele é de sua predileção....; e nesta brincadeira ela vai comendo por duas! Depois do recreio, logo diz “brinquei muito, seria capaz de almoçar outra vez, já estou com fome de novo”. Criatura terrível! Quer comer o dia inteiro, fora de hora. A gulosa come tão depressa que parece ter medo que outros comam o que ainda há na mesa; creio que engula tudo inteiro. Até nas brincadeiras só deixa escapar essas conversas de comer: “Sou capaz de comer um boi sem toma água”. “Sou capaz de chupar mangas até ficar de olhos parados” ...Quando eu estou perto, brincando lhe digo: “Come, come, que teu mal é fome!” Deus queira que sua alma sinta necessidade de graça como sente seu corpo de comida. Caramelos, ela põe um de cada lado da boca, para acabar depressa, e pedir os das companheiras, como acontece. A noite, não se deita sem tomar antes um bom copo de refresco e um amigável pedaço de pão (uma boa ponta!). O pior é que tem sempre uma desculpa para justificar sua fome exagerada: “Quando eu era criança, meu estômago dilatou; agora sinto fome!” Boa desculpa! (ECOS JUVENIS, n. 60, 1951, p. 15).

Num teatro, uma dama monstruosamente gorda, declamava com entusiasmo esses versos:

- Se eu fôsse um passarinho...

- Se eu fôsse um passarinho...

Um dos expectadores sem poder se conter exclama:

- Se eu tivesse uma espingarda... (ECOS JUVENÍS, 1950, n.57, p. 9).

Compreendeu-se que a imprensa escolar instituíra e reforçava uma *hexis* para os corpos das mulheres em uma estética específica. Como esses excertos expressaram, os corpos das mulheres deveriam ser magros. Dessa maneira, concordou-se com Bourdieu (2014, p. 82) que dissertou que “[...] os homens tendem a se mostrar insatisfeitos com as partes de seu corpo que consideram 'pequenas demais', ao passo que as mulheres dirigem suas críticas sobretudo às regiões de seu corpo que lhes parecem 'demasiado grandes’”.

Além disso, configurava-se uma *hexis* de gênero ao longo dos textos do impresso escolar, de um modo específico no que diz respeito ao modo de se vestir da mulher, que estava ligado à ótica da religião católica. O excerto a seguir comparou as mulheres que se vestiriam de forma “indecente” com pessoas que possuem “lepra”, ratificando preconceitos,

estigmas e estereótipos em relação às mulheres e a uma doença que afligiu a humanidade por séculos:

O mesmo faço eu... (não em Molokai, onde talvez não irei...), o mesmo fazem as pessoas de <<bom senso>> e de costumes ímprobos, quando... pelas ruas de nossas cidades, encontram –, ou encontramos – meninas e moças INDECENTEMENTE vestidas. Que horror, Ptoloméia; Então a senhora NOS COMPARA com...leprosos??? Acho que não exagero. Muitos santos sentiam perto de pessoas pouco amantes da modéstia, um horrível cheiro que acusava a <<infecção espiritual>> dessas pobres almas. Não receio afirmar que <<jovens imodestamente vestidas, que expõem ao público o que a mais elementar lei da moral e da boa educação, manda cobrir, são POBRES LEPROSAS (sic!) nauseantes: desafiam a voz da consciência, a voz dos pastores da Igreja que em Nome do próprio Deus, bradam ao escândalo, e ameaçam servir-se da arma poderosa peculiar à Igreja Católica, contra a qual debalde reagiram os <<Napoleões>> da terra a excomunhão! Leprosas... essas levianas jovens que se transformam em <<açougues>> fazendo livre e ousada exposição de carne humana! Leprosas..., essas almas juvenis que beijam a lama e pisam o lírio... Leprosas..., virgens estultas que não temem a Deus, tornam-se germes (quase sempre conscientes) de inúmeros pecados! Basta! Tratai, queridos periquitos, de ser elegantes mas modestas: lembrai-vos de que tendes uma alma para salvar, um Deus para servir, e um nobre ideal para alcançar! Lêde. Meditai. Corrigi o que for preciso, Mas não vos ofendeis, seria a melhor prova de que acertei no alvo...

Vossa querida Ptoloméia

(sem lepra) (ECOS JUVENÍS, 1950, n.57, p. 19).

A classificação no *Ecos Juvenis* referente à vestimenta das mulheres possuía uma ótica maniqueísta e paradoxal, conforme apresentado nestas duas classificações: a) mulheres com roupas longas, designando aquelas que eram conservadoras dos “bons costumes cristãos”; e b) Mulheres com roupas “indecentes”, atribuindo uma série de características pejorativas. O excerto selecionado a seguir possibilitou identificar o que foi apontado. Foram atribuídas características pejorativas às mulheres que se vestiriam de forma “indecente” e se comportariam fora da moralidade e dos padrões de uma ótica religiosa em contraposição às mulheres nos padrões morais e religiosos considerados legitimados:

Tagarelices de Ptoloméia

MEUS GARRULOS E QUERIDOS PERIQUITOS

Por tôda a parte decanta-se, exalta-se, escreve-se e fala-se sobre a “mulher moderna”, Dizem coisas do outro planeta, porque, deste, já se esgotaram os assuntos... Pois bem, eu tenho coisas maravilhosas para vos contar sobre a “mulher moderna” ... Pronto! Vossos olhos brilham de alegria e vossos

pavilhões auditivos aprumam para escutar. Começarei dizendo que há DUAS espécies distintas de “mulheres modernas”. Segue aqui um quadro comparativo entre uma e outra, para que, diante de vós apareçam, claros e nítidos estes dois tipos de mulher, que sobressaem em campos antagônicos, no caos moral dêste mundo e dêste século.

1.º TIPO

- 1 – Morre de preguiça na cama até as dez horas
- 2 – Levanta-se mais tarde ainda quando passa a noite em bailes e jogatinas...
- 3 – Suas ocupações prediletas: fazer nada; falar da vida alheia; ler revistas e romances indecentes; rebocar-se do beijo até às unhas dos pés; fumar rapar a cabeça; vestir-se “a homem”... etc!
- 4 – Sua preocupação: aparecer; chamar atenção.
- 5 – Seus ideais: desprezar os dons recebidos por Deus; masculinizar-se; tornar-se ridícula, inútil, egoísta, pedra de escândalo.

2.º TIPO

- 1 – Às 4,30 está de pé
- 2 – Pula da cama a qualquer hora pisando sobre as reclamações da natureza, para acudir ao chamado de quem dela precisa.
- 3 – Suas ocupações prediletas: trabalhar com heroísmo; rezar com fervor; Ver Cristo nos pobres enfermos; esquecer-se para o bem do próximo; mortificar-se continuamente.
- 4 – Sua preocupação: aparecer sempre mais pura e santa aos olhos de Deus e trabalhar SÓ PARA ÊLE...
- 5 – Seus ideais: sacrificar-se; perfumar-se de virtudes; fazer amar a Cristo; esparzir os tesouros de seu coração nobre, no silêncio e na humildade.
- 6 – Resultado: “Veni, dilecta mea, columba mea, sponsa mea, veni, coronáberis³⁴ !”

Os meus diletos periquitos podem facilmente averiguar que a mulher heroica, sublime, pura, digna de respeito e veneração é a mansa RELIGIOSA que, nos hospitais, passa a vida inteira prodigalizando-se em pról do próximo. Quão mesquinha e digna de compaixão aparece a MUNDANA, ao lado da luminosa figura da branca enfermeira, que seguindo o chamado do Senhor, abandonou as ternuras do lar, as belezas da Pátria, a amizade de pessoas queridas, as honestas alegrias do mundo, tudo, para imolar-se continuamente, sem receber recompensas humanas a não ser as vezes – ingratidões! Entre essa mulher moderna – leviana como borboleta, vazia que nem cabaça, volúvel que nem camaleão – e heróica Irmã de caridade, há a mesma distância que se passa entre o carvão e o diamante; a chita e a seda; o anão e o gigante! Dizei a verdade, queridas: uma boa mãe de família não deve parecer-se antes com a heroica religiosa do que com a fútil mulher do 1.º tipo? Sei que concordais comigo. Deus queira que vós todas possais ser fontes de paz e felicidade em que vosso lar e um dia, felizes, moradoras dos Páramos celestiais. Abençoa-vos a fiel e reumática

PTOLOMÉIA (ECOS JUVENIS, 1951, n. 62, p. 11-12,).

³⁴ Traduzido do latim para o português: “Venha, minha amada, minha pomba, minha noiva, venha, você será coroada!”.

Dessa forma, entendeu-se que a imprensa escolar reforçava que as roupas longas se constituíam como legítimas para as alunas secundaristas e, amparando-se pelo referencial bourdieusiano, tais roupas expressavam uma espécie de confinamento simbólico, o qual

[...] tem por efeito não só dissimular o corpo, chamá-lo continuamente à ordem (tendo a saia uma função semelhante à sotaina dos padres) sem precisar de nada para prescrever ou proibir explicitamente ("minha mãe nunca me disse para não ficar de pernas abertas"). (BORDIEU, 2014, p. 39).

Percebeu-se que os dois textos referentes ao modo de se vestir das estudantes ou/ mulheres eram enunciados performativos com potencial para serem imitados pelas alunas, pois identificou-se novamente que foram proferidos por uma FMA e estavam ligados à lógica hegemônica de como uma mulher deveria se vestir. Além disso, o uniforme das alunas secundaristas possuía essa marca de ser constituído por roupas “longas” e o impresso tratava de divulgá-las, pois possuía a intencionalidade de demonstrar que as alunas estavam em consonância com o modelo dominante de mulher que existia, como as figuras 18 e 19 elucidaram. As adjetivações em torno das mulheres que se vestiam de forma “decente” eram: “heroica”, “sublime”, “pura” e “digna de respeito”. Dessa maneira, concordou-se com Bourdieu (2014, p. 124) que dissertou que

As oposições inscritas na estrutura social dos campos servem de suporte a estruturas cognitivas, taxinomias práticas, muitas vezes registradas em sistemas de adjetivos, que permitem produzir julgamentos éticos, estéticos, cognitivos.

Calçado nessa perspectiva, compreendeu-se que havia no subcampo da imprensa escolar salesiana um sistema de adjetivações que auxiliavam na construção dos esquemas de percepção das alunas secundaristas no que era concebido como a “boa mulher” e a “mulher ruim”, ou seja, contribuía para o trabalho da instituição escolar em formar as moças para serem religiosas, esposas e mães.

Outra adjetivação que ganhou destaque no impresso escolar era “flores” para se referir às alunas secundaristas e também a associação de “gosto” pelas flores, como os excertos e a figura abaixo demonstraram:

E, hoje, como hontem, eu vislumbro numa visão encantadora e cheia de fé magnífica, um punhado de **rosas espargidas** aqui e olhares, sobre os lares, nas escolas e no meio social, **rosas sem espinhos**, vicejantes de-graça e de bondade, **flores colhidas** neste jardim bemaventurado, que é o Colégio de N.^a S.^a Auxiliadora, a embelezarem vossas casas, a embalsamarem de fragância moral as vossas cidades, a matizarem, policrômicas, o cenário matogrossense, a desabrocharem em todo o Brasil! (ÉCOS JUVENÍS, 1936, n. 3, p. 2, grifo nosso)

Flores Matogrossenses

Sob este título vemos um número no programa de Lins... Quais são estas **flores mato-grossenses**? Nada menos que um grupo de ditosas educandas do Colégio N.S. Auxiliadora de Campo Grande, que acompanhadas da ótima Diretora, Ir. Madalena Sanlorzenzo e da dedicada Assistente Geral, Ir. Constança Botelho foram prestar à Revma. Madre, na cidade paulista suas carinhosas homenagens. [...] E as flores matogrossenses foram desabrochar ao lado da Madre; outro era o canteiro, mas as cores e o perfume eram o mesmos. Falou em nome de todas a Srta. Helena Costa, aluna do 3º ano de Contabilidade. (ECOS JUVENIS, 1949, n. especial, p. 43, grifo nosso).

Figura 20 - O “gosto” pelas flores no *Ecos Juvenis*



Fonte: Periódico Ecos Juvenis, Campo Grande, Brasil, n. 61, ano 18, 1951.
Acervo: Biblioteca Pe. Félix Zavattaro – Acervo de obras salesianas/UCDB.

A adjetivação “flores” para as estudantes secundaristas simbolizava a “pureza” e a “delicadeza”, características que eram pautadas como elementares num modo de ser e estar mulher na instituição escolar e a imprensa escolar reforçava tais características.

O *Ecos Juvenis* incentivava um concurso denominado “Concurso de rainha da delicadeza”, conforme divulgação no impresso da vencedora de um concurso. A caracterização do concurso apontava para uma característica “elementar” das moças, qual seja, a “delicadeza”, porém se pautava em doação financeira e as alunas dos diferentes cursos do Colégio, principalmente as alunas dos cursos secundários, disputavam quem contribuiria mais e/ou venderia mais “votos” para vencer o concurso. O impresso mencionou que era destinado às missões salesianas:

Um coração singular

Dia 3 de Outubro

Após uma votação "séria" que durou alguns dias, comprando-se ou melhor, vendendo se votos em benefício das Missões eis que a 3 de Outubro terminou o movimento do cantinho do patio, para que todas as alunas no alpendre grande tivessem oportunidade de conhecer a eleita: RAINHA DA DELICA DEZA! Ei-la, está ali no centro, toda tímida, mas sorridente e mui simpática: é a coleguinha LACY COELHO. Apos uma alocução em que declara o resultado da votação é ela coroada pela Rvda. Irma Diretora. Uma cálorosa chuva de palmas foi o hino da coroação; mas antes que morressem os sons, eis que a pequenina Rainha mostrou-se digna do titulo que trazia, tirando gentilmente a coroa de sua encaracolada cabecinha para depo-la sobre o véu negro da Irmã Diretora, pois, dizia ela agradecendo a bondade das colegas, ninguém mais do que a nossa delicadissima Irma Diretora merece ser coroada. Palmas e mais palmas; mas na porfia volta a coroa á Lacy, que com graça que lhe é peculiar esperou a nomeação de sua princesa MARLENE BEZERRA. Ambas receberam um premio e então um cordialisimo abraço selou o ato oficial, deixando em todas a belissima impressão de que realmente foram bem escolhidas. (ECOS JUVENIS, 1948, n.54, p. 15).

Entendeu-se que a vencedora poderia acumular em torno de si capital simbólico, pois foi divulgado no impresso o seu nome. Também se compreendeu que o concurso se pautou em padrões simbólicos de feminilidade e de classe social na perspectiva de que as alunas teriam de mobilizar recursos econômicos para vencer o concurso.

Considerou-se que as questões que envolveram a classe social das estudantes secundaristas não foram desconexas das questões que envolveram o *habitus* de gênero

inculcado e reforçado no subcampo da imprensa escolar salesiana. A partir das contribuições de Bourdieu (2014, p. 112), elucidou-se que

[...] apesar das experiências específicas que as aproximam (como algo infinitamente pequeno da dominação que são as inúmeras feridas, às vezes subliminares, causadas pela ordem masculina), as mulheres continuam separadas umas das outras por diferenças econômicas e culturais, que afetam, entre outras coisas, sua maneira objetiva e subjetiva de sentir e vivenciar a dominação masculina – sem com isso anular tudo que está ligado à diminuição do capital simbólico trazido pela feminilidade. (BOURDIEU, 2014, p. 112).

Localizou-se um texto no impresso que fez menção à importância do acúmulo dos conhecimentos domésticos ligados à classe social das estudantes secundaristas, qual seja:

Economia Doméstica
Sabatina de Jacy f. de Britto
3ª Série
Campo Grande, 19/4/1948

Entende-se por “Economia Doméstica” saber governar bem uma casa, isto é, não esbanjar muito dinheiro e também não poupar demais. Cuidar bem dos empregados, afim de que eles façam tudo direito e bem feito. Devemos comprar tudo conforme as nossas posses. Para saber tudo isso, precisamos pois estudar a Economia Doméstica. A Economia Doméstica, não é uma ciência mas um complexo de ciências que ensinam tudo o que é necessário para uma boa organização do lar. Economia Doméstica significa lei da casa” conforme a origem Grega. A lei na família é uma necessidade. Se não houvesse lei na família; seria uma desgraça, a casa toda ficaria em reboliço. Fara isso, devemos ter sempre o chefe da casa, isto é. papai e mamãe. Quando estes não estão, deve substitui-los, o filho ou a filha mais velha. Em toda parte há lei. No colégio, por exemplo, todos obedecem à Irmã Diretora, por ser a superiora. Portanto, é necessária a lei na família e quem a faça observar. Se tivermos mais tarde que ser donas de casa, e se quisermos ser santas e sabias, precisamos cuidar primeiramente muito bem do que diz respeito á Economia Doméstica. Devemos ser o “anjo da família”. Se soubermos fazer saberemos mandar: Quem não sabe para si, não sabe para os outros. O estudo da Economia Doméstica é necessário para sabermos governar nosso lar. Devemos ser as primeiras a levantar para fiscalizar os empregados. Devemos cuidar bem de nossa casa, dar atenção aos filhos e esposo e viver sempre em paz e felicidade. (ECOS JUVENIS, 1948, n.1, p. 28).

Dessa maneira, entendeu-se que as intencionalidades do acúmulo de saberes domésticos para as estudantes secundaristas estavam ligadas à classe social e a escola buscava a perpetuação e a conservação social. Para a perpetuação da reprodução social da

elite local era necessário que as moças se casassem e tivessem amigas dentro de um círculo social e intelectual. Concordou-se com Bourdieu (2015, p. 65), pois a instituição escolar era *lócus* “[...] da conservação e da transmissão da cultura legítima social.” e, como sinaliza Andrade (2021) e Ortiz (2014), o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora era reconhecido na sociedade campo-grandense pela preparação matrimonial das moças das elites.

A imprensa escolar se constituía como um lugar propício para o acúmulo desses conhecimentos domésticos, corroborando a função social da instituição escolar. Também, considerou-se como um saber distinto tais conhecimentos para as moças das elites, pois a instituição utilizou-se da imprensa escolar para ocorrer tal acúmulo e movimentação desse capital cultural que auxiliava as moças secundaristas “[...] no mercado matrimonial ou no mercado de bens culturais, onde o capital econômico não é plenamente reconhecido.” (BOURDIEU, 2015, p. 83).

Na perspectiva da aproximação à *illusio* do subcampo da imprensa escolar salesiana de moldar um *habitus* de gênero, considerou-se que havia nesse subcampo diversos enunciados performativos relacionados a papéis, conhecimentos e adjetivações, os quais eram tidos como legítimos para as mulheres: mãe, esposa, religiosa, dona de casa, “pura” e “decente”. Esses enunciados possuíam potencialidade de serem imitados pelas alunas, na perspectiva de que estavam ligados à lógica hegemônica de concepção de mulher. Além disso, alguns discursos performativos eram proferidos pelas FMA, ou seja, agentes sociais que possuíam em torno de si uma crença de autoridade e exemplaridade, o que colaborava para a eficácia simbólica de um modo de estar e ser mulher para as alunas, pois: “A eficácia simbólica das palavras se exerce apenas na medida em que a pessoa-alvo reconhece quem a exerce como podendo exercê-la de direito [...]” (BOURDIEU, 2022, p. 95).

Tais crenças referentes à mulher se constituíam como arbitrárias e ilusórias, pois

[...] é ilusória se observarmos do ponto de vista de alguém exterior ao jogo, mas que é bem fundamentada – Durkheim dizia que a religião é uma ilusão bem fundamentada – se a observamos do ponto de vista de alguém que conheça as condições de produção do jogo e dos jogadores. Portanto, essa paixão é bem fundamentada, ainda que ilusória. (BOURDIEU, 2021, p.121-122).

Nesse sentido, a *illusio* era bem fundamentada, pois as estudantes se mobilizavam para o acúmulo de saberes domésticos e para a publicação de seus textos no impresso escolar

Ecos Juvenis e, como já mencionado, tal fundamentação da *illusio* estava ligada a todo o trabalho da instituição escolar em relação à inculcação de uma lógica de submissão das moças, sendo que o discurso de “vocação” ganhou notoriedade no impresso, compreendendo-se que ele reproduzia a lógica da dominação simbólica masculina de

[...] produzir tais encontros harmoniosos entre as disposições e as posições, encontros que fazem com que as vítimas da dominação simbólica possam cumprir com felicidade (no duplo sentido do termo) as tarefas subordinadas ou subalternas que lhes são atribu  idas por suas virtudes de submissão, de gentileza, de docilidade, de devotamento e de abnegação. (BOURDIEU, 2014, p. 72-73).

Nessa perspectiva, entendeu-se que o subcampo da imprensa escolar reforçava a lógica de pensar a mulher ligada à dominação masculina para as alunas se identificarem com o modelo dominante, pois

[...] elas estão particularmente inclinadas a se apropriarem, a qualquer preço (isto é, na maior parte das vezes, a crédito), das propriedades distintivas, por serem as que distinguem os dominantes, e a contribuírem para sua imperativa divulga  o em favor, sobretudo, do poder simbólico circunstancial, que pode assegurar a seu proselitismo de recém-convertidas uma posição no aparelho de produção e de circulação dos bens culturais (**por exemplo, em um jornal feminino**). Tudo se passa, então, como se o mercado de bens simbólicos, ao qual as mulheres devem as melhores provas de sua emancipação profissional, s   concedesse a essas "trabalhadoras livres" da produção simbólica uma aparente liberdade visando a melhor obter delas uma submissão diligente e uma contribuição para a dominação simbólica, que se exerce através dos mecanismos da economia de bens simbólicos e dos quais elas são, igualmente, as vítimas prediletas. (BOURDIEU, 2014, p. 121, grifo nosso).

Em suma, compreendeu-se como na metáfora do jogo o papel da imprensa escolar salesiana e do impresso *Ecos Juvenis*, já que as professoras e alunas secundaristas contribuíam para a dominação simbólica masculina na perspectiva de classificação dos “tipos” de mulheres, porém, ao mesmo tempo, elas eram “vítimas” da dominação simbólica masculina, uma vez que havia uma coerção social de uma série de papéis, conhecimentos e adjetivações que as alunas deveriam ser e possuir.

À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação apresentou o encaminhamento da pesquisa sobre as disposições de classe e gênero constituídas por meio da imprensa escolar das estudantes secundaristas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em Campo Grande – sul do antigo Mato Grosso, tomando como fonte principal o impresso escolar *Ecos Juvenis*.

Na pesquisa que originou a presente dissertação buscou-se reunir elementos que pudessem atender aos objetivos elencados, a saber:

- Identificar, caracterizar e analisar elementos que auxiliem a historicizar o impresso escolar *Ecos Juvenis*.
- Aproximar à *illusio* do subcampo da imprensa escolar para que se possa compreender a lógica do jogo, na perspectiva de moldar um *habitus* de classe e de gênero no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, nos anos de 1936 a 1951.

Com o intento de alcançar os objetivos elencados, a dissertação foi organizada em três seções. Na primeira, apresentou-se como se chegou a esse objeto de pesquisa e se esclareceu sobre o percurso na localização das fontes.

Ainda na primeira seção, foi produzida uma revisão sistemática dos referenciais teóricos mobilizados na investigação, das etapas de ensino, alguns aspectos da imprensa escolar feminina no país, as condições materiais dos impressos escolares e o processo de implantação e expansão da imprensa escolar pelas regiões do Brasil. Tais problematizações possuíam o recorte temporal das décadas de 1930 a 1950, tendo em vista o período de circulação do *Ecos Juvenis*.

Entendeu-se como estava organizada a imprensa escolar no antigo estado de Mato Grosso. Foram localizadas 4 pesquisas na revisão sistemática de maneira informal, quais sejam: Urbietta (2022), que investigou o impresso *O ginásio* vinculado ao Colégio Dom Bosco, localizado em Campo Grande; Silva e Moreira (2015), que investigaram o impresso *Vida escolar* vinculado ao Colégio Visconde de Taunay e ao Internato Osvaldo Cruz, ambos localizados em Campo Grande; Trubiliano (2007) e Trubiliano e Martins (2010) que investigaram o impresso *Ecos Juvenis* vinculado ao Colégio Nossa Senhora Auxiliadora,

localizado em Campo Grande; e Moreira e Galvão (2002), que além de investigar os impressos mencionados, pesquisaram sobre outros impressos que circularam no sul de Mato Grosso, quais sejam: *Primícias*, vinculado ao Ginásio Municipal de Campo Grande, localizado em Campo Grande; e *A pena*, vinculado ao Colégio Estadual Campo-grandense, também localizado em Campo Grande.

A reunião dos impressos mencionados auxiliou na compreensão de que a Congregação Salesiana se utilizou da imprensa escolar, em Campo Grande, para propagação dos colégios e como dispositivo pedagógico que auxiliava os alunos a possuir uma escrita erudita e a acumular capital cultural e religioso.

Em relação ao procedimento com as fontes, conforme foi exposto na seção 1, realizou-se um cruzamento destas, que contribuiu para a compreensão de diversos aspectos do impresso *Ecos Juvenis*, ancorados na “vigilância epistemológica”, como Bourdieu (2015) alertou. Esse compilado de fontes auxiliou na compreensão de uma série de aspectos do impresso escolar *Ecos Juvenis* na perspectiva de historicizar essa fonte.

Na segunda seção, buscou-se tecer a relação entre o macrocosmo e o microcosmo, a partir das contribuições de Bourdieu (2004) e Alves (2003). Foram localizados elementos universais da estrutura educacional dos cursos secundários, da educação feminina e da imprensa escolar e também aspectos singulares do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e do impresso escolar *Ecos Juvenis*.

Referente aos elementos universais da educação secundária, destacou-se que, no elemento de classe social, havia uma perspectiva de ensino seletiva e elitista que dificultava o acesso das frações de classes baixas, por meio do exame de admissão. Além disso, possuía conhecimentos humanísticos calcados em uma cultura clássica que tinha como foco a escrita erudita e a arte de falar “bem”, com o objetivo da chegada ao ensino superior.

Em relação à educação da mulher no ensino secundário, desenvolveu-se uma formação distinta da do homem, com conhecimentos domésticos em foco. A imprensa escolar na educação secundária era vista como uma prática educativa que possuía uma intencionalidade formativa que objetivava atender a uma perspectiva de autonomia estudantil, porém reuniram-se indícios nesta pesquisa que desestabilizaram essa questão da autonomia estudantil.

Identificaram-se elementos universais no impresso escolar *Ecos Juvenis*, pois, ao dissertar sobre os conteúdos e temáticas centrais do impresso, localizou-se a dimensão política, pedagógica e noticiosa que estava ligada ao que ocorria no macrocosmo.

Em relação à dimensão política, ganharam relevo o anticomunismo, o patriotismo, o nacionalismo, o catolicismo e o antifeminismo, compreendendo-se que tais movimentos políticos e ideológicos influenciaram a ação editorial do impresso escolar. Na dimensão pedagógica, localizou-se uma defesa da educação humanística e católica, que eram elementos universais da educação secundária. Também houve a localização na dimensão pedagógica da educação feminina atrelada a uma formação distinta da do homem, com conhecimentos domésticos em relevo, ou seja, um elemento universal da educação secundária feminina. A dimensão noticiosa, por sua vez, esteve voltada à divulgação da missão salesiana e, principalmente, dos colégios salesianos femininos.

Investigou-se o *Ecos Juvenis* a partir de sua materialidade. Por meio das capas dos impressos foram apontadas recorrências. A fachada do colégio nas capas dos impressos era para propagar a instituição e divulgá-la para a sociedade. Em relação às capas com figuras religiosas, tais como: Dom Bosco, Madre Mazzarello, Dom Aquino Corrêa, Madre Superiora das FMA, considerou-se que era para produzir o efeito de uma “leitura guiada” para as alunas salesianas e construir desde a capa um senso de aceitação dos discursos ali presentes, tendo em vista que todas essas figuras religiosas possuíam prestígio social nos colégios salesianos.

Localizou-se somente uma capa com as alunas em foco e questionou-se a autonomia estudantil na escolha das capas, pois 6 exemplares possuíam o prédio escolar em destaque, podendo ser escolhido pela instituição escolar para propagar o colégio.

Em relação às iconografias, também entendeu-se que sua legitimação no *Ecos Juvenis* se dava pelas recorrências de: figuras de santos religiosos; da fachada dos colégios salesianos femininos e de atividades internas desses colégios; e de ex-alunas salesianas.

As figuras religiosas eram em sua maioria dos santos tidos como exemplares para as alunas salesianas, quais sejam: Dom Bosco, Madre Mazarrelo e Maria. Como supramencionado, objetivava-se produzir o sentido de uma “leitura guiada” para as alunas salesianas e construir um senso de aceitação dos discursos no impresso.

Outra recorrência das iconografias foi das FMA, o que expressa uma estratégia de divulgação para que elas acumulassem em torno de si capital social, tendo em vista que a

sociedade era predominantemente católica. Nesse sentido, legitimava-se um papel de que as educadoras salesianas sabiam educar as moças em moldes cristãos. Além disso, entendeu-se que essa divulgação desmobilizava a autonomia estudantil.

Sobre as iconografias da fachada do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e das atividades internas dos colégios salesianos femininos, compreendeu-se que estavam ligadas ao interesse de propagar o colégio para a sociedade e trazer informações para os pais das estudantes sobre a escolarização de suas filhas. No que se trata das ex-alunas no espaço do colégio, compreendeu-se que se queria construir o sentido de que essas instituições eram ambientes “agradáveis” para convivência, tanto que as ex-alunas retornavam ao espaço e as FMA eram “amigas” delas, conforme o sistema preventivo.

Na investigação sobre o *lócus* de impressão do *Ecos Juvenis*, foram identificadas três gráficas diferentes, quais sejam: Tipografia Trouy, Aragão e Cia. e Tipografia da Livraria Rui Barbosa. Isso diminuía a autonomia estudantil, tendo em vista que o colégio não era o *lócus* de impressão do *Ecos Juvenis*. Além disso, localizaram-se indícios nas memórias de uma ex-aluna e de uma professora de que havia docentes do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora que controlavam a edição do impresso. Na perspectiva de investigação do financiamento do impresso, compreendeu-se que não se dava pelos anúncios, que eram escassos, mas sim por meio da coleta de assinaturas, ou seja, o controle do impresso era mais institucional.

O nome do impresso foi problematizado na perspectiva de que possui um significado de ser uma repetição de sons das adolescentes, porém foi considerado contraditório, uma vez que havia uma participação docente. Identificou-se pela irregularidade da periodicidade e número de páginas do impresso que o *Ecos Juvenis* possuía dificuldades de se manter, ainda que na fase de expansão.

Na terceira seção, houve um foco em investigar o microcosmo, qual seja, um subcampo, no qual estavam inseridas as agentes sociais, estudantes secundaristas que produziam o impresso escolar *Ecos Juvenis*, e a instituição escolar, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, que produzia e/ou reproduzia “leis sociais mais ou menos específicas”, estritamente ligadas ao macrocosmo.

Ao se aproximar da *illusio* do subcampo da imprensa escolar salesiana, na perspectiva de moldar um *habitus* de classe, destacou-se que ela era um espaço propício para o acúmulo

de capital cultural, social e religioso, ou seja, um espaço social de refinamento cultural, com foco em uma escrita erudita, bem como uma acumulação de conhecimentos humanísticos e religiosos, incentivo aos concursos literários e às missões e divulgação das vencedoras dessas atividades. Considerou-se que a *illusio* que movimentava as estudantes secundaristas era bem fundamentada, pois era acoplada a todo o trabalho da instituição em incidir diversos elementos de distinção social, também na perspectiva de que as alunas ansiavam em ver seus textos no impresso.

O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, ao dispor de uma imprensa na instituição, possibilitava a movimentação e a acumulação de capitais para as moças secundaristas do estado e, além disso, algumas alunas participantes da imprensa tiveram trajetórias de longa duração, tais como: Maria da Glória Sá Rosa, que foi professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e a professora Rosa Melke, que era considerada pela sociedade campo-grandense como “[...] uma personalidade com conhecimento e habilidade no idioma norte-americano, visto que foi ensinada por professores particulares desde criança.” (SILVA; SILVA, 2020, p. 12) e também foi professora de inglês no Colégio Estadual Maria Constança e proprietária de uma escola de inglês em Campo Grande.

Em relação à *illusio* do subcampo da imprensa escolar salesiana, na perspectiva de moldar um *habitus* de gênero, compreendeu-se que havia nesse subcampo enunciados performativos relacionados a alguns papéis, conhecimentos e adjetivações, os quais eram tidos como legítimos para as mulheres: mãe, esposa, religiosa, dona de casa, “pura”, “decente”, “magra”. Além disso, destacou-se que as questões de gênero não eram deslocadas da questão de classe social, já que as estudantes dissertaram ao longo dos impressos que acumulavam conhecimentos domésticos para “mandar” nos empregados. Como mencionado, considerou-se que a *illusio* do subcampo da imprensa escolar era bem fundamentada, pois as estudantes se mobilizavam para o acúmulo de saberes domésticos e para a publicação de seus textos no impresso escolar *Ecos Juvenis*. Também se observou que tal fundamentação da *illusio* estava ligada a todo o trabalho da instituição escolar em relação à inculcação de uma lógica de submissão das moças.

Destacou-se que os diversos enunciados performativos possuíam potencialidade de serem imitados pelas alunas, na perspectiva de que esses discursos estavam ligados à lógica hegemônica de concepção de mulher e de como uma mulher da referida classe social deveria

ser. Além disso, alguns discursos performativos eram proferidos pelas FMA, ou seja, agentes sociais que possuíam em torno de si uma crença de autoridade e exemplaridade, o que colaborava para a sua eficácia simbólica.

Consideraram-se a metáfora do jogo em duas questões, como se fossem dois jogadores, por um lado o *Ecos Juvenis* e o subcampo da imprensa escolar salesiana: por outro lado, as alunas secundaristas e as professoras que contribuíam com a dominação simbólica masculina na perspectiva de classificação dos “tipos” de mulheres, porém, ao mesmo tempo, elas eram “vítimas e subservientes” dessa dominação, uma vez que havia uma coerção social de uma série de papéis, conhecimentos e adjetivações que as alunas deveriam ser e possuir. Também, obtiveram-se indícios de que a imprensa escolar não era um espaço pleno de autonomia estudantil, apesar do nome do impresso e em alguns textos este se apresentar como se fosse feito pelas alunas, pois foram identificados diversos textos das FMA que coagiam as estudantes salesianas como elas deveriam ser ou/e estar. Além disso, compreendeu-se que a participação docente em algumas seções fixas no *Ecos Juvenis* desmobilizava a autonomia estudantil.

As análises sobre o *Ecos Juvenis*, a partir da Nova História Cultural e da teoria bourdieusiana, foram feitas produzindo o exercício de historicizar a fonte e o subcampo dessa fonte, na perspectiva de mostrar a arbitrariedade histórica, com foco na questão de classe social e gênero. Dessa maneira, considerou-se que a leitura da referida fonte possibilitou o exercício de desestabilizar a divisão de gênero e repensar a conformidade com o “natural”, pois houve uma construção social naturalizada que permeou as relações sobre os papéis sociais destinados às mulheres. Dessa forma, conhecer a História da Educação das mulheres contribuiu para repensar a divisão de gênero. Além disso, esperou-se contribuir para o campo científico e em específico para a construção e/ou reconstrução da historiografia regional.

Por fim, reconhece-se o não esgotamento das análises e informações referentes ao impresso escolar *Ecos Juvenis* e destaca-se que há indícios suscitados na dissertação que podem contribuir para fomentar outras pesquisas a partir do uso dessa ou/e de outras fontes que foram mobilizadas. Portanto, levantaram-se alguns apontamentos que podem se tornar pesquisas para a construção e/ou reconstrução da historiografia regional, quais sejam:

- a) As formas de produção e apropriação do discurso anticomunista e/ou antifeminista no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora tematizado no/pelo *Ecos Juvenis*;
- b) A inserção de aspectos do escolanovismo no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora tematizado no/pelo *Ecos Juvenis*;
- c) As representações das alunas referentes às Filhas de Maria Auxiliadora no *Ecos Juvenis*, para identificação se essas representações possuem aspectos de ufanismo ou/e de denúncias;
- d) A identificação se outros impressos escolares salesianos femininos do sul do antigo Mato Grosso objetivavam conferir às alunas refinamento cultural e uma lógica de submissão.

Em síntese, as considerações por ora apresentadas trazem o conteúdo das contribuições feitas a partir dos questionamentos da pesquisa, sem, no entanto, oferecer um “fechamento” da temática com respostas prontas, já que, a partir das contribuições da dissertação, podem-se suscitar novos apontamentos referentes à temática.

REFERÊNCIAS:

ABRAS, Maria Cecília de Medeiros. **Lendo no Jornal Stella Maris 1938-1945 as marcas da formação das professoras em uma escola normal católica de Minas Gerais**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2010.

ALVES, Gilberto Luiz. O universal e o singular: em discussão a abordagem científica do regional. In: ALVES, Gilberto Luiz (Org.). **Mato Grosso do Sul: o universal e o singular**. Campo Grande: Editora Uniderp, 2003.

AMARAL, Giana Lange do. Os impressos estudantis em investigações da cultura escolar nas pesquisas histórico-institucionais. **História da Educação**, Pelotas, v. 11, n. 6, p. 117-130, abr. 2002. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30602>>. Acesso em: 15 de mar. 2023.

AMARAL, Giana Lange do. Os jornais estudantis Ecos Gonzagueanos e Estudante: apontamentos sobre o ensino secundário católico e laico (Pelotas/RS, 1930-1960). **História da Educação**, Santa Maria, v. 17, n. 40, p. 121-142, ago. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/heduc/a/F88HVV3DcXkgwJdzm7Jnfnr/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 15 de mar. 2023.

ANDRADE, Heloise Vargas de. **Cultura escolar católica no sul do antigo Mato Grosso: em foco o curso secundário nas instituições salesianas (1931-1961)**. 2021. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2021.

AQUINO, Mary Jones Ferreira De Moura. **Organização e imprensa estudantil no Colégio de São Luiz e Liceu Maranhense: processo de formação de uma elite letrada (1949-1958)**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Faculdade de Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.

ASSIS, Jacira Helena do Valle Pereira. (Org.). **Educação e Pierre Bourdieu: Abordagens nos campos histórico e social**. Campo Grande: Editora UFMS, 2022.

AZZI, Riolando. **As filhas de Maria Auxiliadora no Brasil: Cem anos de história A expansão do Instituto (1942-1967)**. São Paulo: Editora Salesiana, 2003.

BITTAR, Marisa; FERREIRA JR, Amarílio. De freguesia a capital: 100 anos de educação em Campo Grande. In: CUNHA, Francisco Antonio Maia da (Org.). **Campo Grande: 100 anos de construção**. Campo Grande: Matriz, 1999.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A, 1975.

BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu: sociologia**. Renato Ortiz (Org.). São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão Influência do jornalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. *In*: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (Org.). 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 8 ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia Geral Vol. 2: Curso no Collège de France (1982-1983)**. Petrópolis: Vozes, 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

BRITEZ, Adriana Espíndola. **A representação da educação secundária em Campo Grande nas fontes da historiografia regional e memorialística (1920- 1960)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2014.

BRITO, Silvia Helena Andrade de; SILVA, Stella Sanches de Oliveira. Percursos e singularidades da expansão do ensino secundário em Mato Grosso (1942-1961). *In*: PESSANHA, Eurize Caldas; SILVA, Fabiany de Cássia Tavares (Org.). **Implantação e expansão regional do ensino secundário brasileiro volume 1**. Campo Grande: Editora Oeste, 2021.

BITONI, Dulcília Schroeder. Mulher de papel: **A representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

CASASANTA, Guerrino. **Jornais escolares**. Belo Horizonte: Companhia Editora Nacional, 1939.

CABRAL, Paulo Eduardo. Formação étnica e demográfica. *In*: CUNHA, Francisco Antonio Maia da (Org.). **Campo Grande**: 100 anos de construção. Campo Grande: Matriz, 1999.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Pierre Bourdieu sobre gênero e educação. **Revista Ártemis**. João Pessoa, s/v., n.1, p. 1-14, dez. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2364>>. Acesso em: 10 de mar. 2023.

CATANI, Afrânio Medeiros, *et al.* (Org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CHARTIER, Roger. **A História cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

CHARTIER, Roger. Materialidade dos escritos, constituição de acervos e a função-autor. [Entrevista concedida a] André Furtado, Anna Coelho. **Varia Historia**. Belo Horizonte, v. 38, n. 77, p. 611-628, maio. 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/vh/a/jnX8TytLC8VndDxKSWxfqpS/>>. Acesso em: 30 de abr. 2023.

COSTA, Márcia Cordeiro. **Em cena, o movimento estudantil acadêmico de Maranhão: 1930-1950**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Maranhão, 2009.

COSTA, Eliezer Raimundo de Sousa. **Os grêmios escolares e os jornais estudantis: práticas educativas na Era Vargas (1930 - 1945)**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

FRAGA, Andréa Silva de. O Estudo e sua materialidade: revista das alunas- mestras da Escola Complementar/Normal de Porto Alegre/RS (1922-1931). **Revista História da Educação**. Porto Alegre, v. 17, n. 40, p. 69-77, maio. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/heduc/a/Xxv5LyDB8YsqBGvYSCwCsXh/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 20 de mar. 2023.

FRAGA, Andréa Silva de. **Imprensa estudantil e práticas de escrita e de leitura: a revista o estudo (Porto Alegre/RS, 1922 a 1931)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

FREINET, Célestin. **O jornal escolar**. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; MELO, Juliana Ferreira de. Análise de impressos e seus leitores: uma proposta teórica e metodológica para pesquisas em história da educação. *In*: VEIGA, Cynthia Greive; OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de (Org.). **Historiografia da educação**: abordagens teóricas e metodológicas. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2019.

GIRARDI JÚNIOR, Liráucio Girardi. Pierre Bourdieu: mercados linguísticos e poder simbólico. **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 1, set. 2017. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/25978>>. Acesso em: 22 de mar. 2023.

GOMES, Cristian Lopez; ASSIS, Jacira Helena do Valle Pereira. Relato de vivências de um acadêmico de pedagogia no campo da Educação e Antropologia. **Cadernos da Pedagogia**. São Carlos, v. 15, n. 33, p. 115-124, dez. 2021. Disponível em: <<https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1670/650>>. Acesso em: 21 de mar. 2023.

GOMES, Cristian Lopez. O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e o impresso estudantil Ecos Juvenis: as práticas escolares, culturais e sociais das estudantes secundaristas (1946-1951). *In*: ASSIS, Jacira Helena do Valle Pereira. (Org.). **Educação e Pierre Bourdieu**: Abordagens nos campos histórico e social. Campo Grande: Editora UFMS, 2022.

GOMES, Cristian Lopez. O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e o impresso escolar Ecos Juvenis: um objeto em construção. *In*: II Seminário da Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Sociedade PPGEDU/FAED/UFMS, 2022, Campo Grande, **Anais eletrônicos Ditos, escritos e silenciados: sujeitos históricos na contemporaneidade**. Campo Grande, 2022, v.1, p. 116-120. Disponível em: <<https://even3.blob.core.windows.net/geral/ANAISELETRNICOS.1257b0c3d056407b91e6.pdf>>. Acesso em: 22 de mar. 2023.

GOMES, Cristian Lopez. Habitus de gênero e representações sociais de alunas secundaristas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora: o impresso escolar Ecos Juvenis como fonte (1946-1951). *In*: ANPED Centro-oeste, 2022, Campo Grande, **Anais ANPED Centro-oeste Poder, política e democracia**: Desafios para a pós-graduação em Educação. Campo Grande, 2022, v. 16, p. 1-6. Disponível em: <http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/47/11091TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 22 de mar. 2023.

GOMES, Cristian Lopez. O lugar do impresso escolar Ecos Juvenis em fontes memorialísticas da história regional no sul de Mato Grosso. *In*: ANPED Centro-oeste, 2022, Campo Grande, **Anais ANPED Centro-oeste Poder, política e democracia**: Desafios para a pós-graduação em Educação. Campo Grande, 2022, v. 16, p. 1-4. Disponível em: <http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/47/11093-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf>. Acesso em: 22 de mar. 2023.

GOMES, Cristian Lopez; ASSIS, Jacira Helena do Valle Pereira. Impressos escolares e a religião católica: uma revisão sistemática no campo da História da Educação. **Cadernos de**

Educação. Pelotas, s/v., n. 67, p. 1-27, jul. 2023. Disponível em: <<https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/educacao/article/view/6700>>. Acesso em: 20 de set. 2023.

GOMES, Cristian Lopez; ANDRADE, Heloise Vargas de. Educação, Estado e a dominação masculina: em estudo legislações para a educação secundária feminina (1942-1961). In: VI Congresso de Educação da Grande Dourados e II Encontro de Egresso do PPGEDU/FAED/UFGD, 2023, Dourados, **Anais eletrônicos Desafios e perspectivas para a Educação a partir da pandemia Covid-19.** (no prelo – previsão de publicação para 2023).

GONÇALO, Camila da Silva, *et al.* Planejamento e execução de revisões sistemáticas da literatura. **Revista Brasília Médica.** Brasília, v. 49, n. 2, p. 104-110, mar. 2012. Disponível em: <<https://cdn.publisher.gn1.link/rbm.org.br/pdf/v49n2a06.pdf>>. Acesso em: 25 de mar. 2023.

GONÇALVES, Dilza Porto; CARRA, Patrícia Rodrigues Augusto. FEUPA: uma revista produzida pela federação dos estudantes universitários de Porto Alegre (RS, 1945/46). **História da Educação.** Porto Alegre, v. 17, n. 40, p. 221-250, maio. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/heduc/a/MNZbJC94QLRdBD3hLkvcQXg/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 27 de mar. 2023.

HOBBSAWM, Eric J. Etnia e nacionalismo na Europa hoje. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). **Um mapa da questão nacional.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa:** delineamentos metodológicos. Porto Alegre: Alcar, 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA; Diego Ferreira; JUNIOR GOIS; Edivaldo. Arquitetura, cultura escolar e as práticas de educação física: a relevância dos pátios em instituições salesianas no início do século XX. **Cadernos de História da Educação.** Uberlândia, v. 21, n. 67, p. 1-17, fev. 2022. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/64761>>. Acesso em: 28 de mar. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** Uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Manuela Galhardo (Org.). **Fontes históricas.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010

MIRANDA, Margarida. A Ratio Studiorum e o desenvolvimento de uma cultura escolar na Europa moderna. **Humanitas.** Coimbra, Portugal, v. 63, p. 473-490, mar. 2011. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7319070/mod_resource/content/1/Ratio_Margarida_Miranda.pdf>. Acesso em: 15 de maio 2023.

MONTAGNER, Miguel Ângelo; MONTAGNER, Maria Inez. A teoria geral dos campos de Pierre Bourdieu: uma leitura. **Tempus – Actas de Saúde Coletiva**. Brasília, v. 5, n. 2, p. 255-273, jun. 2011. Disponível em:

<<https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/979>>. Acesso em: 17 de mar. 2023.

MOREIRA, Kênia Hilda; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Impressos estudantis secundaristas como fonte para a História da Educação: potencialidades e desafios no processo de produção de um repertório sobre o Sul de Mato Grosso (Brasil). **Cadernos de História da Educação**. Uberlândia, v. 21, n. 81, p. 1-23, fev. 2022. Disponível em:

<<https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/65147>>. Acesso em: 20 de set. 2023.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio Martins. **Bourdieu e a educação**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

NOLASCO, Simone Ribeiro. **O fazer-se cidadão: o jornalismo estudantil nas décadas de 1920 e 1930 no Liceu Cuiabano em Mato Grosso**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Instituto de Educação. Universidade Federal de Mato Grosso, 2015.

NUNES, Clarice. O velho e bom ensino secundário: momentos decisivos. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 14, p. 35-60, maio/ago. 2000. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/pY5CvzLSCLPRNy7XpZ7x6WR/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 14 de abr. 2023.

ORTIZ, Fernanda Ros. **A escola normal de moças das elites: um estudo das práticas escolares, culturais e sociais**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas e Ciências Sociais. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2014.

PENTEADO, Yara. **Auxiliadora - setenta anos**. Campo Grande: Gráfica Ruy Barbos, 1996.

PESSANHA, Eurize Caldas; SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. O lugar de uma escola no tempo de uma cidade: Campo Grande e a Escola Estadual Maria Constança Barros Machado. In: PESSANHA, Eurize Caldas; GATTI JÚNIOR, Décio. (Org.). **Tempo de cidade, lugar de escola: História, ensino e cultura escolar em “escolas exemplares”**. 3 ed. Uberlândia: EDUFU, 2012.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989. Disponível em:

<<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>>. Acesso em: 13 de mar. 2023.

RABELO, Giani. O jornal escolar O Estudante Orleanense: Não Podemos tornar as crianças felizes, mas podemos fazê-las felizes tornado-as boas (Santa Catarina, 1949-1973). **História da Educação**. Porto Alegre, v. 17, n. 40, p. 197-219, maio/ago. 2013. Disponível

em: <<https://www.scielo.br/j/heduc/a/5BMNg5TdmKTXkz8zbYy4tXG/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 23 de mar. 2023.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira: A organização escolar**. Campinas: Autores Associados, 2003.

ROCHA, Paolla Rolon; SEVERINO, Jorismary Lescano.; RODRÍGUEZ, Margarita Victoria Rodríguez. Era Vargas (1930-1945): notas sobre o ensino secundário. **Brazilian Journal of Development**. São José dos Pinhais, v. 7, n. 1, p. 1036-1043, jan. 2021.

Disponível em:

<<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/22608/18106>>.

Acesso em: 20 de abr. 2023.

RODRIGUES, Fernanda Plaza. **Os saberes para professores elaborados na revista O Estudo**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2019.

SÁ ROSA, Maria da Glória. **Memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 1990.

SCHWARTZMAN, Simon. A Igreja e o Estado Novo: O Estatuto da Família. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, s/v., n. 37, p. 71-77, maio. 1981. Disponível em:

<<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1600>>. Acesso em: 15 de set. 2023.

SCHWETER, Isis Sanfins. **Organização e imprensa estudantil no Instituto de Educação Sud Mennucci (1952-1954)**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Faculdade de Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.

SILVA, Jainé Massirer da; MOREIRA, Kênia Hilda. O colégio Visconde de Taunay em Campo Grande na década de 1930. **Perspectivas Em Diálogo: Revista De Educação E Sociedade**. Naviraí, v.2, n. 4, p. 106-120, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/1198>>. Acesso em: 24 de mar. 2023.

SILVA, Stella Sanches de Oliveira; SILVA, Marcela Oliveira da. Formação docente para o Ensino Secundário e os Cursos da CADES em Campo Grande, Mato Grosso (1956 a 1959). **History of Education in Latin America**. Natal, v. 3, n. 3, p. 1-16, jan./dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/23632>>. Acesso em: 16 de maio 2023.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX (ensino primário e secundário no Brasil)**. São Paulo: Cortez, 2008.

SOUZA, Rosa de Fátima. A renovação do currículo do ensino secundário no Brasil: as últimas batalhas pelo humanismo (1920–1960). **Currículo sem Fronteiras**. Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.72-90, jan./jun. 2009. Disponível em:

<<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol9iss1articles/4-souza.pdf>>. Acesso em: 15 de maio 2023.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 14, p. 61-88, maio/ago. 2000. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/HsQ3sYP3nM8mSGSqVy8zLgS/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 13 de abr. 2023.

TRUBILIANO, Carlos Alexandre Barros. **Imagens Femininas Nos Jornais Mato-Grossenses (1937-1945): Identidade e Controle Social**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas. Universidade Federal da Grande Dourados, 2007.

TRUBILIANO, Carlos Alexandre Barros; MARTINS, Carlos Junior. O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e a Revista Ecos Juvenis: educação e imprensa feminina no sertão matogrossense (1937-1945). **Revista Ensaios**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 2-16, jul./ dez. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/ensaios/article/view/37127/21603>>. Acesso em: 10 de mar. 2023.

URBIETA, Jéssica Lima. **Representações e práticas do Ginásio Dom Bosco no sul do antigo Mato Grosso**: em estudo o periódico escolar O Ginásio (1937-1945). 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2022.

VELHO, Giberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. (Org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Humor e irreverência nos impressos estudantis de escolas normais rurais (RS, 1945-1983). **Revista História da Educação**. Porto Alegre, v. 17, n. 40, p. 291-317, maio/ago. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/heduc/a/vRv8JLmCh7TgQv3vmcL3s3b/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 23 de mar. 2023.

LEGISLAÇÃO

BRASIL. Decreto-lei nº 19.890, de 18 de abril de 1931. **Portal da Câmara de Deputados**. Brasília, DF. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/19301939/decreto-19890-18-abril-1931-504631-republicacao-141247-pe.html#:~:text=Art.,sob%20regime%20de%20inspeção%20oficial>. Acesso em: 10 abr. 2023.

BRASIL. Decreto-lei nº 4. 244, de 9 de abril de 1942. **Portal da Câmara de Deputados**. Brasília, DF. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/19401949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 10 abr. 2023.

BRASIL. Decreto-lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946. **Portal da Câmara de Deputados**. Brasília, DF. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8530-2-janeiro1946-458443-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 10 abr. 2023.

BRASIL. Portaria Ministerial nº 14, de 7 de janeiro de 1946. Expede programa de Economia Doméstica do curso ginásial do ensino secundário. Brasília, DF.

BRASIL. Portaria Ministerial nº 996, de 2 de outubro de 1951. Programas do ensino secundário para o ano de 1951. Brasília, DF.

BRASIL. Relatório de proposição ao ensino secundário, de 24 de março de 1936. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**, Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: https://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=ARQ_GC_G&Pesq=%22imprensa%20escolar%22&id=436604758608&pagfis=36353. Acesso em: 20 de ago. 2023.

FONTE DO/SOBRE O COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA

ATA da fundação do Grêmio Littero-Dramático “Auxilium” Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, 1935-1957. Livro nº 5. Campo Grande, MT, 1957.

FATOS importantes ocorridos na escola Nossa Senhora Auxiliadora entre os anos de 1926 a 1945.

ANUÁRIO campo-grandense. Campo Grande, Mato Grosso, s/n., 1939.

O ESTADO DE MATO GROSSO, Ano 1, edição 176, 07 abril 1940. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 10 fev. 2023.

ÉCOS JUVENÍS – Órgão das alunas do Colegio N. S. Auxiliadora. Campo Grande, Mato Grosso, n. especial, nov., 1936.

ECOS JUVENÍS – Colégio N. S. Auxiliadora. Campo Grande, Mato Grosso, n. 29, set./out., 1939.

ECOS JUVENÍS. Campo Grande, Mato Grosso, n. especial, jan., 1941.

ECOS JUVENIS – Orgão das alunas do Colegio N. S. Auxiliadora. Campo Grande, Mato Grosso, n. 51, jan./jun., 1946.

ECOS JUVENIS – Orgão das alunas do Colegio N. S. Auxiliadora. Campo Grande, Mato Grosso, n. 52, jul./dez., 1946.

ECOS JUVENIS – Orgão das alunas dos colégios das F. M. Auxiliadora da inspetoria de Mato Grosso. Campo Grande. Mato Grosso, s/n., jan./jun., 1947.

ECOS JUVENIS – Orgão das alunas dos colégios das F. M. Auxiliadora da inspetoria de Mato Grosso. Campo Grande, Mato Grosso, n.53, jul./dez., 1947.

ECOS JUVENIS. Campo Grande, Mato Grosso, n. 1, jan./jun., 1948.

ECOS JUVENIS. Campo Grande, Mato Grosso, n. 54, jul./dez., 1948.

ECOS JUVENIS – Orgão das alunas dos colégios das F. M. A. da Insp. de Sto. Afonso de Ligório. Campo Grande, Mato Grosso, n. especial, jan., 1949.

ECOS JUVENÍS. Campo Grande, Mato Grosso, n. 57, mar./abr., 1950.

ECOS JUVENÍS. Campo Grande, Mato Grosso, n. 58, maio/jun., 1950.

ECOS JUVENIS – Homenagem a S. Excia. Revma. D. Francisco de Aquino Corrêa. Campo Grande, Mato Grosso, n. 59, ago./set., 1950.

ECOS JUVENIS. Campo Grande, Mato Grosso, n. 60, mar./maio., 1951.

ECOS JUVENIS – Santa Maria Domingas Mazzarello Superiora Geral das Filhas de M. Auxiliadora. Campo Grande, Mato Grosso, n. 61, ago./set., 1951.

ECOS JUVENIS – Colégio N. S. Auxiliadora. Campo Grande, Mato Grosso, n. 62, out./nov., 1951.